PADRE CICERO
AÇOUGUE
L. 005-A
1,00

Universidade Federal de Alagoas
Programa de Pós Graduação de Arquitetura e Urbanismo - FAU

Aline Nicole Barbosa Ramos

O que podemos aprender com a Feira?

Experimentos e percursos de encontro entre a coisa-espaço, a coisa-feira, a coisa-corpo e a coisa-dissertação.

Maceió - Alagoas, 2024.

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Girlaine da Silva Santos – CRB-4 – 1127

R175o Ramos, Aline Nicole Barbosa.
O que podemos aprender com a Feira? : experimentos e percursos de encontro entre a coisa-espaço, a coisa-feira, a coisa-corpo e a coisa-dissertação / Aline Nicole Barbosa Ramos. – 2024.
[140] f. : il.

Orientadora: Juliana Michaello Macedo Dias.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2024.

Bibliografia: f. [138-140].

1. Feiras livres - Maceió (AL). 2. Feiras livres - Espaço. 3. Feiras livres-Montagem. 4. Feiras livres - Corpo. I. Título.

CDU: 72:339.177(813.5)

Aline Nicole Barbosa Ramos

O que podemos aprender com a Feira? Experimentos e percursos de encontro entre a coisa-espaço, a coisa-feira, a coisa-corpo e a coisa-dissertação

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em 25 de Abril de 2024.

Banca examinadora:

gov.br Documento assinado digitalmente
JULIANA MICHAELLO MACEDO DIAS
Data: 14/05/2024 15:03:52-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª Dra. Juliana Michaello Macedo Dias, UFAL (Orientadora)

gov.br Documento assinado digitalmente
ZOY ANASTASSAKIS
Data: 03/06/2024 12:58:12-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª Dra. Zoy Anastassakis, UERJ (Avaliador Externo)

gov.br Documento assinado digitalmente
ROSELINE VANESSA SANTOS OLIVEIRA
Data: 14/05/2024 15:20:13-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª Dra. Roseline Vanessa dos Santos Oliveira, UFAL (Avaliadora Interna)

gov.br Documento assinado digitalmente
WALTER MATIAS LIMA
Data: 03/06/2024 13:18:28-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profª Dr. Walter Lima Matias, UFAL (Avaliadora Interna)

Resumo

A presente dissertação parte da necessidade de tratar da feira no âmbito acadêmico buscando compreender e respeitar suas caracteristicas próprias, para isso foi usado as lógicas do pensamento em Tavares (2021) que possibilitam a imaginação. O trabalho em si é percorre temáticas relativas ao espaço, a feira, o corpo, a dissertação e seus atravessamentos. Por compreender que a feira é vivenciada e compreendida por intermédio do corpo, as experiencias de pesquisa in loco, de percorrer sua extensão e vivenciar a feira em seus aspectos multisensoriais estão presentes nos textos, muitas vezes na forma de observação participante como de Careri (2017) e Jacques (2008). Por outro lado, reforçar a participação do corpo na feira e na pesquisa fez necessário usar de relatos, percepções e associações que são práticas do corpo-humano, e decorrente a isso, faz parte do pensar do pesquisador que se debruça a pesquisa. Ao utilizar da memória retomamos a Bosi (2003) e transformanto as lembanças em relatos que se mesclam a escrita dissertativa e que reforçam em si a pesquisa encarnada, fazendo mensão a Connerton (1999). De modo geral, buscou-se emergir na feira, de forma que o pensar e construir a escrita da dissertação e a pesquisa levam em consideração e buscam acentuar características da feira em sua montagem própria que forma uma especio de dissetação-feira, já que a intenção era trazer a feira ao espaço acadêmico para além do espaço de objeto de pesquisa.

Palavras-Chave: feira; corpo; espaço; montagem;

Índice[1]

Nota sobre Seguir uma Rota e o Perder-se

Fragmentos pré textuais

[Prego 1] Coisa e Mundo: Como fazer da feira uma dissertação?
[Linha 1] Chegar na feira e aprender a ver, conhecer e imergir na feira e na pesquisa
[Linha 2] Novos desdobramentos da feira, a busca pelo que a feira ensina
[Emaranhado 1] Montar e remontar uma Dissertação-coisa-feira

Fragmentos

[Prego 2] A descoberta de um corpo que é mundo: Rastros, fragmentos e alhures
[Prego 3] O que já foi e que ainda pode ser Feira da Levada
[Nó 1] Corpo-feira: A prática do corpo, se mover feira
[Nó 2] Corpo-feira: Corpo objeto e o objeto corpo. Ser banca, ser venda.
[Nó 3] De que é feita? O que a faz?
[Linha 3] A descoberta do Corpo-eu: Corpo e/como artifício
[Linha 4] O corpo refletido: Marcar e se fazer chão, repensar o espaço habitado
[Linha 5] Estar na Feira
[Linha 6] Perceber a Feira
[Linha 7] Temporalidades: A feira e seus tempos
[Linha 8] Saber contar, decifrar e por em códigos, classificar
[Linha 9] Relatar o inclassificável
[Linha 10] O que se conta, o que a feira também é
[Emaranhado 2] Devir-pesquisa, devir-pesquisador e considerações sobre o fim do percurso

---

1 Este índice corresponde a forma estruturada de apresentar os textos que foram feitos em fragmentos. Como a proposta de dissertação compreende uma leitura que pode ser feita seguindo diferentes ordens se fez necessário não enumerar a dissertação da forma tradicional, a repetição dos números também foi uma escolha conceitual que remete ao livro Cidades Invisíveis de Italo Calvino, no qual o os textos são enumerados por temática e não para organizar a sequencia textual.

Nota sobre Seguir uma Rota e o Perder-se

“Por onde se começa? Onde se acaba? A única resposta é dizer: começa-se pelo sítio a que chamamos de início e termina-se no sítio que denominamos final.” (Tavares, 2021. p.36). Essa citação de Tavares me parece ser a única forma de explicar a forma que a dissertação se propõe a ser. Qualquer texto se propõe a ser início, pois como fragmento Tavares afirma (2021. P.36): “Um fragmento é, pela sua natureza, *um ponto onde se inicia”*. Sendo assim, essa é uma dissertação de começos.

Durante a Qualificação, o Professor Walter Matias afirmou que é preciso perder-se, e é essa a recomendação para experimentar esse trabalho. Folhear. Ler trechos. Ver as imagens. Vagar entre as páginas. Encontrar os fragmentos a partir de um percurso próprio e montar a experiência da dissertação e da feira.

O mapa a seguir é um artefato clicavél, que tem objetivo de ser uma forma de entrada ao material por permitir ir diretamente para os textos que de alguma forma desperte o interesse.Ao percorrer do trabalho há diferentes narrativas, sejam por meio da escrita, mas também do uso das imagens que podem ou não compor com o texto, fazendo com que ao decorrer da leitura, o leitor tenha pistas da feira que lhe é contada.

No entanto, por compreender que seguir o percurso livre de direcionamentos pode ser uma tarefa difícil, apresento breves orientações:

Divido o material em dois conjuntos, o primeiro com o textos: *[Prego 1] Coisa e Mundo: Como fazer da feira uma dissertação?; [Linha 1] Chegar na feira e aprender a ver, conhecer e imergir na feira e na pesquisa; [Linha 2] Novos desdobramentos da feira, a busca pelo que a feira ensina; e [Emaranhado1] Montar e remontar uma Dissertação-coisa-feira*, esse conjunto de textos considero como pre-textuais porque há neles um caracter introdutório da pesquisa, das questões preliminares e da construção do percurso de pesquisa que se iniciou durante a minha graduação em Design.

Para compreender o segundo grupo, ou ir direto as reflexões entre os conceitos trabalhados (feira como: espaço-feira; corpo; método; espaço ou espaço-materialidade) há no texto *Montar e remontar uma Dissertação-coisa-feira* breves explicações de cada fragmento que trará mais argumentos para a decisão de leitura.

Nota sobre Seguir uma Rota e o Perder-se

[Emaranhado 2]
Devir-pesquisa, devir-pesquisador e considerações sobre o fim do percurso

[Prego 1]
Coisa e Mundo: Como fazer da feira uma dissertação?

[Linha 2]
Novos desdobramentos da feira, a busca pelo que a feira ensina

[Linha 1]
Chegar na feira e aprender a ver, conhecer e imergir na feira e na pesquisa

[Nó 2]
Corpo-feira: Corpo objeto e o objeto corpo. Ser banca, ser venda.

[Emaranhado 1]
Montar e remontar uma Dissertação-coisa-feira

[Nó 1]
Corpo-feira: A prática do corpo, se mover feira

[Prego 3]
O que já foi e que ainda pode ser Feira da Levada

[Prego 2]
A descoberta de um corpo que é mundo: Rastros, fragmentos e alhures

[Linha 5]
Estar na Feira

[Nó 3]
De que é feita? O que a faz?

[Linha 6]
Perceber a Feira

[Linha 10] **O que se conta, o que a feira também é**

[Linha 4]
Corpo refletido: Marcar e se fazer chão, repensar o espaço habitado

[Linha 9]
Relatar o inclassificável

[Linha 8]
Saber contar, decifrar e por em códigos, classificar

[Linha 3]
A descoberta do Corpo-eu: Corpo e/como artifício

[Linha 7]
Temporalidades: A feira e seus tempos

Lista de Figuras

Figura 1- Detalhe da montagem de uma banca metálica. Fonte: Acervo Pessoal. 8
Figura 2 -Banca de sapateiro que usa da parede para suplementar a ausência de espaço. Fonte: Acervo Pessoal. 9
Figura 3 - Reutilização de uma caixa de isopor pra expor vassouras. Fonte: Acervo Pessoal. 10
Figura 4 - Feira na parte externa do mercado. Fonte: Acervo Pessoal. 11
Figura 5 - Trecho do mapa de Maceió, o pin vermelho demarca a UFAL, enquanto o circulo amarelo com estrela a região de feira da Levada. Fonte: Google Maps 12
Figura 6 - Banca de carnes no Mercado da Produção: Acervo Pessoal. 13
Figura 7 - Mercado da Produção, área de rações e grãos. Fonte: Acervo Pessoal. 14
Figura 10 e 11 - Bancas da feira da Levada. Fonte: Acervo Pessoal. 16
Figura 12 - Bancas da feira da Levada feita com caixotes de feira e bacias. Fonte: Acervo Pessoal. 17
Figura 13 - Restaurante da feira da Levada. Fonte: Acervo Pessoal. 18
Figura 14 - Estrutura de coberta da área de bancas no entorno do Mercado da Produção (área de vestuário). Fonte: Acervo Pessoal. 19
Figura 15 - Sacos com Feijões, grãos e farinhas dentro do Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 20
Figura 16- Feira nas ruas adjacentes ao Mercado do Artesanato. Fonte: Acervo Pessoal. 21
Figura 17 - Rua Parque Rio Branco. Fonte: Acervo Pessoal. 24
Figura 18 - Banca de produtos religiosos. Fonte: Acervo Pessoal. 25
Figura 19 - Feira Rua Parque Rio Branco, Levada, Maceió, AL. Fonte: Acervo Pessoal. 26
Figura 20 - Banca de Cereais. Fonte: Acervo Pessoal.27
Figura 21 e 22 - Mercado Público, em 1939 e Mercado do Artesanato em 2022 Fonte: Acervo FGV e Acervo pessoal. 28
Figura 22 e 23 - Maquete do Complexo Comercial da Levada com o Mercado da Produção e Visão satélite do Mercado da Produção. Fonte: Site Historia de Alagoas e Google Maps. 29
Figura 24 - Gaiola na frente de comércio de aves na Levada. Fonte: Acervo Pessoal 30
Figura 26 - Artificie fazendo artesanato em palha no Mercado do Artesanato. Fonte: Acervo Pessoal. 34
Figura 27 - Imagens pedal do sapateiro Xandy enquanto ele consertava uma bolsa. Fonte: Acervo Pessoal. 35

Figura 28 - Imagem do sapateiro Xandy consertando uma bolsa. Fonte: Acervo Pessoal. 36
Figura 29 e 30 - Imagem de uma banca que vende coco seco, na primeira imagem: há o raspador de coco elétrico, e na segunda feirante raspando o coco em um raspador similar. Fonte: Acervo Pessoal. 37
Figura 31 - Banca no mercado da Produção que vende feijões, farinhas e produtos industrializados. Fonte: Acervo Pessoal. 38
Figura 32 - Bancas de frutas durante um dia de chuva na Levada. Fonte: Acervo Pessoal. 39
Figura 33 - Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 40
Figura 34 - Região de feira da Levada, aréa externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 41
Figura 33 - Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 42
Figura 33 - Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 43
Figura 33 - Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 44
Figura 33 - Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 45
Figura 33 - Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 46
Figura 33 - Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 47
Figura 33 - Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 49
Figura 33,34 e 35 - Chão da Feira da Levada, Fonte: Acervo Pessoal. 50
Figura 36 - Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 51
Figura 37 - Banca de verduras e frutas na Feira da Levada pelo reflexo de um retrovisor. Fonte: Acervo Pessoal. 54
Figura 38 - Bancas e Feirante debulhando feijão verde na Feira da Levada. Fonte: Acervo Pessoal. 55
Figura 38 - Açougue Deus é fiel no mercado da Produção na Levada. Fonte: Acervo Pessoal. 56
Figura 39 - Area de bancas de vendas de produtos religiosos e vestimentas. Fonte: Acervo Pessoal. 58
Figura 40 - Placa com dizer “não Olhe, Veja Bem” que é o nome da lanchonete localizada no Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 59
Figura 41 - Banca de Frutas na Levada. Fonte: Acervo Pessoal. 60
Figura 42 - Mapa região de feira da Levada. Fonte: Ramos, 2019 62
Figura 43 - Mercado da Produção, area de cereais e restaurantes. Fonte: Acervo Pessoal. 64

Figura 44 - Banca de conserto de liquidificadores. Fonte: Acervo Pessoal. 70
Figura 45 - Cascas e ervas amarradas em banca. Fonte: Acervo Pessoal. 71
Figura 46 - Galinha amarrada em um caixote. Fonte: Acervo Pessoal. 72
Figura 47 - Boneco feito com peças de encanamento. Fonte: Acervo Pessoal. 78
Figura 48 - Banca de vestuário. Fonte: Acervo Pessoal. 80
Figura 49 - Gatos deitados em um cesto entre produtos á venda. Fonte: Acervo Pessoal. 81
Figura 50 - Bancas de consertos. Fonte: Acervo Pessoal. 84
Figura 51 - Bancas de ervas e produtos religiosos. Fonte: Acervo Pessoal.87
Figura 52 - Bolachas em uma banca no Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 89
Figura 53 - Banca de ração e artefatos para animaisno Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal. 92
Figura 50 - Lixo na região da feira, na Levada. Fonte: Acervo Pessoal. 93

TÁ NA PRAIA? TÁ REDONDO.

Coisa e Mundo: Como fazer da feira uma dissertação?

Duas palavras que me vieram nesse período de pensar essa dissertação feira foram: coisa e mundo. Vejo como duas palavras opostas, entretanto quase complementares. A palavra coisa é muito usada no falar cotidiano, sem um significado fixo. Coisa pode denominar qualquer objeto. Pode ser caneta, cadeira, papel. Ou “Vi uma coisa” pode ser uma cena, momento. Coisa também vira verbo Coisar, definindo qualquer ação que o nome fuja a memória. Coisa pode determinar uma nova invenção, algo novo, em “inventei uma coisa”, “pensei uma coisa”. É uma palavra gambiarra, multiuso, elástica, se monta e remonta, se reinventa.

Mundo, ao meu ver, tem uma lógica parecida em seu uso, mas contrária. O mundo é uma palavra que resume um ecossistema em uma imagem. E embora tenha em si diversidade, acaba expondo um retrato homogêneo. Enquanto a palavra coisa invoca as imagens - como por exemplo sapato, parafuso, calha, brinquedo, presilha - a quem escuta e que pode mudar à medida que o contexto da frase for se adensando, mundo estampa um retrato. O mundo é uma palavra que deveria significar mais do que o que foi dito.

Dito isso, pretendo explicar alguns elementos e questões que permearam a escrita da dissertação e como ela passou a ser “O que podemos aprender com a Feira? Experimentos e percursos de encontro entre a coisa-espaço, coisa-feira, coisa-corpo e a coisa-dissertação”. Ao decidir transformar os aprendizados que emergiram - e emergem - por meio da Feira da Levada em dissertação houveram vários questionamentos sobre a possibilidade de fazê-lo. Afinal, como decifraria

Figura 1- Detalhe da montagem de uma banca metálica. Fonte: Acervo Pessoal.

uma feira viva, como escreveria e organizaria dentro dos parâmetros acadêmicos? Esse questionamento se desdobrou em outros, como: “O que é a feira da Levada? Por que a feira da Levada como recorte de pesquisa? O que é que a Levada têm que irá se tornar em dissertação? O que ela tem para dizer para a academia?”. No entanto, apesar de tantas respostas possíveis, ressoava o “por que não a feira da Levada? Ela não é um lugar passível de ser pesquisado? Por que não temos mais espaços populares, como a feira, usados como temáticas acadêmicas[2]?”.

Em seguida, as questões migraram para: “O que faz da feira a feira? Mas afinal o que é uma feira? Qual o som que pensamos ao falar ‘feira’? Qual cheiro? Qual lugar? Quais lembranças emergem?”. Essas questões remetem a busca da compreensão do que é um espaço, um lugar, um território, o que faz ele ser um espaço vivo.

Todas essas questões me levaram a ponderar como poderia fazer a dissertação e pensar no que eu e a dissertação poderíamos ensinar sobre a feira. No entanto, minha orientadora retrucou todas as minhas indagações trazendo o seguinte questionamento: “O que podemos aprender com a feira?” que se tornou a questão central que dá nome a dissertação.

Para fazer-la (a dissertação), me pus a revisitar, percorrer memórias, tudo que pensei, vivi e pesquisei da feira. Dessa forma, retomei as questões que surgiram em outros momentos de pesquisa, e

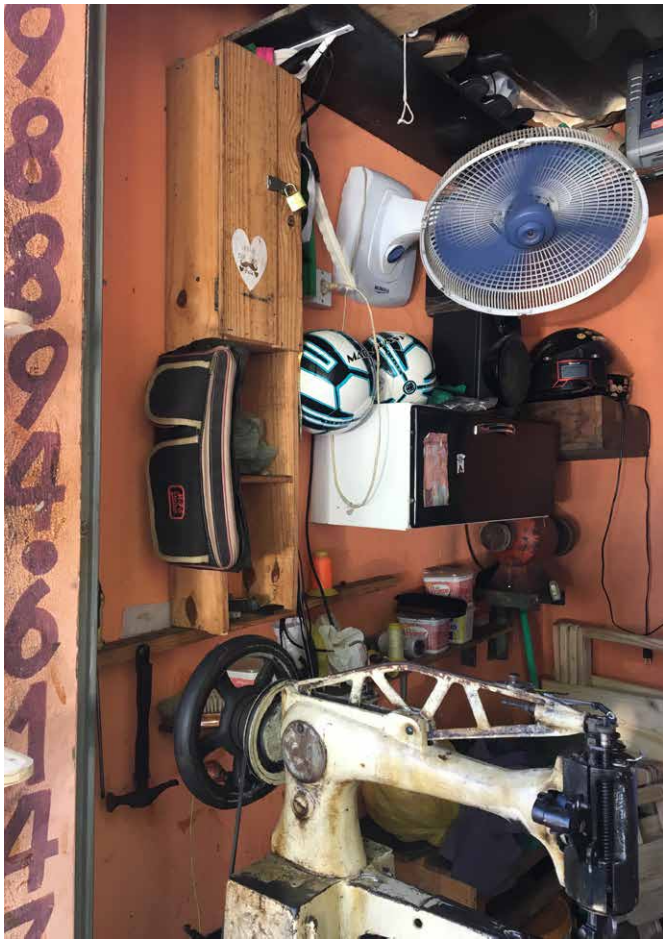


Figura 2 -Banca de sapateiro que usa da parede para suplementar a ausência de espaço. Fonte: Acervo Pessoal.

2 *Questionar se a feira pode fazer parte de temáticas acadêmicas foi uma pergunta que emergiu durante minha graduação. O curso de Design da Ufal teve primeira turma em 2010 e quando iniciei minha graduação (2014) ainda tinham poucas iniciativas de pesquisa. Então, a principio meu entendimento de pesquisa de design era acerca de ergonomia, usabilidade, estética, etc. Mas com a participação no grupo de pesquisa Nordestanças e conversas com as professoras Eva Rolim e Mariana Hennes durante as aulas comecei pesquisar e conhecer as temáticas que alinhavavam a Memória Gráfica, Design e Cultura, que são pesquisas bem presentes na UFPE.*

somada as questões que apareceram durante o mestrado, percebi que há mais dúvidas do que respostas. Mas me deparei com: “só é digno de ser investigado, o que ainda não tem fórmula, o que ainda não tem solução; e mais: o que nunca terá solução. Errar, circular, hesitar em redor do que não tem solução: um método” (Tavares, 2021. p.10).

Esse método, embora possa não trazer uma dissertação resoluta que exponha exatamente o que a feira é. Como não acredito que seja possível, pois entendo a feira como algo vivo, complexo e mutável. Mas creio que “Errar, circular, hesitar em redor do que não tem solução” traz diferentes panoramas do que a feira pode ser e de como ela se mostra. E como não é um método que busca uma resposta definitiva, surgem novas ideias, debates e reveses à medida que a pesquisa vai sendo feita, fazendo com que ela se amplie.

Diante disso, e esclarecendo que não há intenção de definir a feira e sim de ampliar as possibilidades de pesquisa e de diálogo, trago a dissertação a partir dos experimentos, erros e dos percursos, por mais que hesitantes, realizados durante o processo do mestrado. Que somam se também ao constante circular para as experiências de pesquisa-lá durante a Iniciação Científica e o Trabalho de Conclusão de Curso.

A dissertação se dará, então, sobre esse conceito elástico da palavra coisa interligada aos conceitos e estudos acerca de corpo, espaço e feira. Acredito que a própria dissertação se torna um objeto coisa-mundo, como o resultado desse processo de mestrado que pode ser visto e usado como uma pesquisa elástica que se expande e pode trazer novos frutos ou como um retrato de uma ecossistema vivo da Feira

Figura 3 - Reutilização de uma caixa de isopor pra expor vassouras. Fonte: Acervo Pessoal.

Figura 4 - Feira na parte externa do mercado. Fonte: Acervo Pessoal.

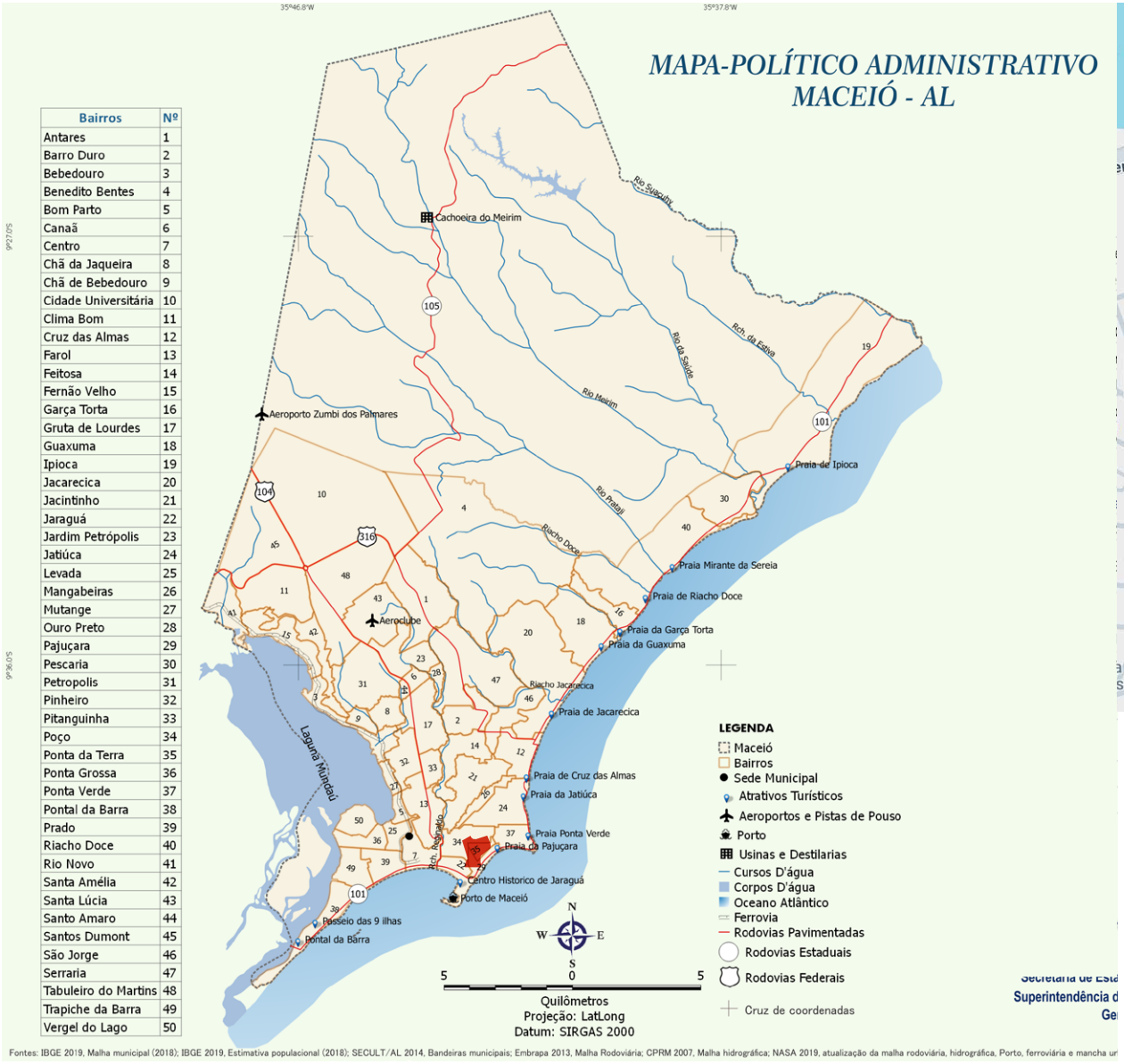
Chegar na feira e aprender a ver, conhecer e imergir na feira e na pesquisa

Em 2015, durante uma das disciplinas do curso de Design, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Alagoas, houve uma experiência no espaço urbano da Levada, na qual a turma do segundo período foi à feira. Com a intenção de levar os alunos a perceber o espaço, pela ótica do eixo de linguagem e expressão, era necessário aprender a navegar, errar, perder-se, praticar a deriva, assim como observar e perceber esse outro entorno de um lugar que fugia a experiência cotidiana de graduação[3].

O caminhar como prática de percepção urbana é ação exposta por Careri (2017, p.32) como “instrumento mais eficaz para enfrentar as contradições do mundo, entrando nelas sem opor resistência e perder energia, […], para entrar neles [nos territórios] desimpedidos, sem preconceitos, prontos a acolher o que sucede, prontos a mudar de direção quando o vento muda”.

Como exposto pelo autor, a percepção do espaço por meio da prática do caminhar possibilita a quem caminha mudar de rumo, alternar a velocidade e

3 Na graduação de Design, as disciplinas do Eixo Linguagem e Expressão buscavam desenvolver a nossa capacidade de expressar e compreender o que comunicamos ou queremos comunicar através dos artefatos. A disciplina em questão foi Linguagem e Expressão Plástica, tendo como objetivo expressar elementos espaciais e sensoriais da feira por meio das técnicas plásticas empregadas em aula.



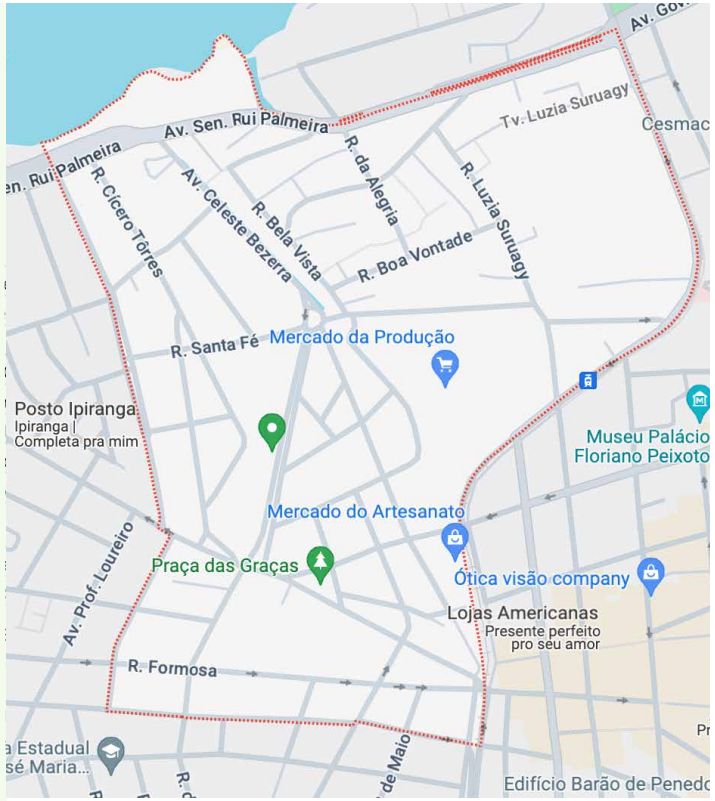


Figura 5 (a esquerda) - Mapa de Maceió, o bairo da Levada está representado pelo número 25 e destacado em laranja . Fonte: Alagoas em Mapas adaptado ela autora

Figura 6 (acima) - Mapa do Bairro da Levada. Fonte: Google Maps

observar, ou não, detalhes. A experiência do caminhar é uma prática de vivência dentro do espaço, percebendo o espaço vivo, em uso, com seus fluxos, relevo, sensações e com as pessoas que frequentam ou passam ali.

Em outro momento o autor retoma a discussão indicando um aspecto mais intrínseco desse experimento acadêmico: “Navegar, caminhar, perder-se carregam consigo o tema do encontro com o Outro, levam a ser estrangeiro e a encontrar outros estrangeiros – é este que talvez me pareça ser hoje – o aspecto mais atual da errância” (Careri, 2017. P.32).

Apesar da feira ser um local cotidiano, esse encontro com o outro naquela experiência trazia esse contraponto no qual estudantes saiam do espaço da Universidade, que se concentra na parte alta da cidade[4], para o encontro de uma feira popular com seus feirantes e fregueses localizados na Levada que fica na parte baixa próximo ao centro comercial. Desse modo, ocorreu a primeira ida, como estudante, na feira da Levada, local em que, em 2018, retomaria a visitar com mais frequência.

Isso aconteceu quando houve uma chamada para o Projeto de Iniciação Científica[5] da professora Juliana Michaello, na qual a feira da Levada seria observada como território de persistência pelas óticas dos fazeres e

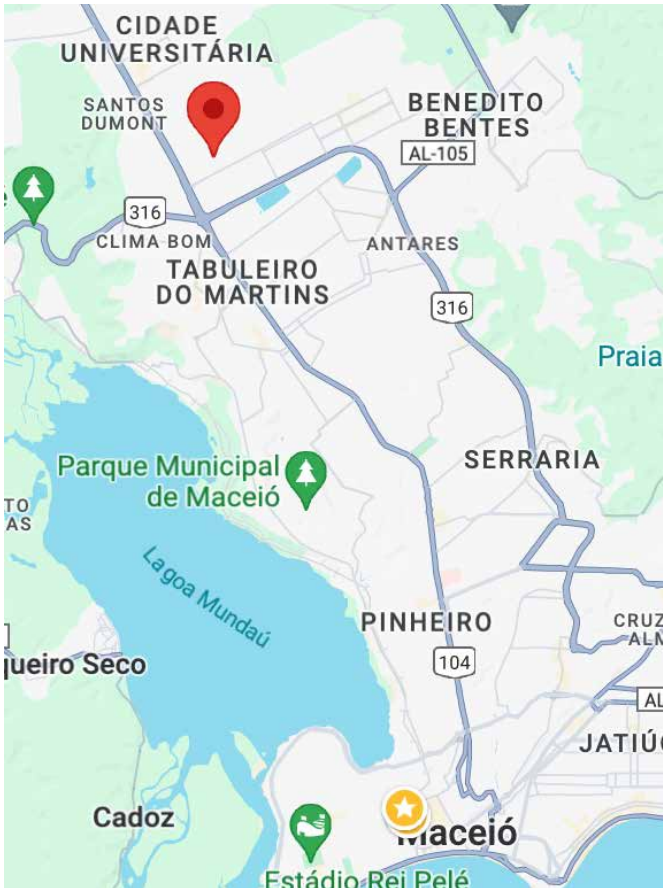


Figura 7 - Trecho do mapa de Maceió, o pin vermelho demarca a UFAL, enquanto o circulo amarelo com estrela a região de feira da Levada. Fonte: Google Maps

4 A cidade de Maceió tem duas geomorfologias predominantes: a planície, que margea a faixa litorânea e lagunar, e o tabuleiro que é um platô com altitudes elevadas. Essa diferença entre altitudes provoca a divisão da Maceió entre “parte alta” e “parte baixa”, que é fixa no cotidiano dos cidadãos com o uso dela como referencia geográfica, bem como torna comuns termos como: “subir para o Tabuleiro (bairro da região “alta”)”, e “descer para o centro”.

5 O projeto de pesquisa tinha o nome de: Feiras populares como territórios de persistência: o caso das feiras do bairro da Levada, Maceió-AL

inventos populares, da memória tanto oral quanto registrada pelos meios oficiais, da vivência e corpografia urbana e das ações de insurgência e permanência da prática de feira popular.

O êxito na candidatura ao projeto se deu pela exposição de um caderno-objeto[6] que destacava a insatisfação com a classificação da feira como um comércio de menor importância e valor na contemporaneidade. O caderno tinha um fazer experimental com a intenção de remeter ao uso de materiais disponíveis e acessíveis, tal qual acontece na feira - a partir deste momento passei a participar do projeto no eixo de fazeres e inventos populares, nomeado inicialmente de “inventividade popular”, e informalmente, de “eixo das gambiarras”.

Ao imergir no âmbito da prática do fazer e daquilo que é feito, buscou-se notar o que caracterizava a feira, o que provocava estranheza ao fazer acadêmico aprendido no curso de edificações, no Ifal[7] e durante o curso de Design, até aquele momento que de forma geral exaltam o movimento moderno, a Bauhaus, a estética “menos é mais”.

No entanto, tudo na feira era outro. As ruas e as bancas faziam das passagens estreitas, sem acessibilidade, espaços cujo fluxo era difícil de entender e mais ainda, de gravar pontos de referência. Haviam

Figura 8 - Banca de carnes no Mercado da Produção: Acervo Pessoal.

6 O caderno foi confeccionado em folhas de papel manteiga, por ser uma material habitual a um estudante da FAU. Tinha suas folhas recortadas em formato de circulo e afixadas por um gramo de cabelo. Assim, esse caderno objeto trazia em sua própria feitura o fazer da gambiarra e o uso inventivo dos materiais.

7 Instituto Federal de Alagoas, é uma instituição federal que promove ensino médio, técnico e superior. Lá pude cursar o ensino médio integrado ao curso técnico em edificação no período de 2010-2014.

8 Os locais de passagem da feira tem diferentes fluxos, podem ser mais cheios ou vazios, ou também dividir espaço com o trânsito de veículos da cidade O que resulta em um fluxo conturbado, no qual as pessoas com carrinho-de-mão, os compradores e as motos se entrecruzam e disputam a passagem.

disputas[8] entre carros-de-mão e pessoas nas passagens. As bancas tinham tantos produtos na porta que os olhos zigzaveavam sem saber para onde olhar, além de terem produtos tão diversos que pareciam desconexos, além da repetição de produtos nas diversas áreas. Tudo na feira é outro a quem a olha com o olhar estrangeiro[9].

No entanto, cabia buscar uma outra forma de ver. Para compreender a inventividade popular, era preciso perceber o que era criado ali, suas lógicas, usos e quem inventava ou criava. Esse outro olhar foi desenvolvido com trocas e experiências dentro das atividades de participação no projeto de pesquisa, bem como no Grupo de Pesquisa Nordestanças, que tem por prática que todos os estudantes sejam graduandos, graduados, mestrandos, mestres, doutorandos, doutores ou profissionais de diversas áreas de interesse debatam textos, autores, conceitos, direcionamentos do projeto em andamento, fazendo um intercâmbio de conhecimentos. Ao longo da minha participação no grupo, alguns dos temas que são abarcados nessa dissertação foram discutidos, alimentando reflexões que se desdobram desde então, como cultura, cultura popular, memória, memória oral, antropologia urbana, corpografia urbana, identidades.

Já em 2019, a pesquisa realizada durante o período de Iniciação

Figura 9 - Mercado da Produção, área de rações e grãos. Fonte: Acervo Pessoal.

9 Uso o termo olhar estrangeiro, pois mesmo como maceioense, pouco conhecia da feira antes de mergulhar na pesquisa e retomo em outros momentos a contraposição das experiências. Essa posição externa é uma abordagem da antropologia, na qual o pesquisador se coloca quando se põe a pesquisar um recorte, espaço ou objeto de pesquisa. Pois havia um ideal de distância entre a pesquisa e o pesquisador, como ressaltado em Gilberto Velho (2013).

Científica tomou um novo rumo e recorte como Trabalho de Conclusão de Curso, nesse momento com ênfase no fazer manual dos letreiros populares, na tipografia popular desenhada nos mesmos. Com objetivo de fomentar outros trabalhos foi feito um levantamento fotográfico dos desenhos de letras da Levada que se desdobrava em questões acerca da relação entre a cultura popular, o fazer do designer e o fazer popular.

Novos desdobramentos da feira, a busca pelo que a feira ensina

Então, em 2021, a feira se transformou em mais uma pesquisa, em mais um desdobramento, dessa vez, como pesquisa de mestrado. No entanto, tal qual a feira, a experiência do mestrado e a escrita da dissertação vem sendo feitos e refeitos. Pois a todo momento surge um questionamento, conceito, autor que impacta, ou é sentido uma falta ou oportunidade. Assim, há necessidades dentro do tempo e do saber de modificar, aprofundar e criar novos caminhos possíveis. A feitura da dissertação e a feitura da feira se entrelaçam e este será um ponto de discussão a desdobrar mais adiante.

Embora o plano do mestrado já se debruçasse sobre a Feira da Levada, em Maceió-AL, a experiência de vivenciar, experienciar e sentir, muda as percepções humanas, de mundo e da realidade a todo momento. Nos últimos anos, a sociedade foi tomada pela pandemia do Covid-19 que junto ao constante medo da infecção e da iminência de morte, levou à acentuação dos problemas sociais (fome, desigualdade social, falta de acesso a serviços básico de saúde, infraestrutura, água e saneamento), à mudança do modo de vida de quem pôde permanecer em casa, à inserção de novos hábitos gestuais de assepsia, o excesso de informações, opiniões e notícias falsas, o afastamento das práticas e hábitos sociais

Figura 10 e 11 - Bancas da feira da Levada. Fonte: Acervo Pessoal.

e urbanos, a acentuação da convivência entre aqueles que residem na mesma casa. E toda essas mudanças, por afetar a sociedade como um todo, impactaram também os pesquisadores, as pesquisas, os espaços acadêmicos, a cidade.

Como espaço urbano, a feira foi bastante impactada e vivenciar a feira e as mudanças que acontecimentos e tempo provocam na cultura e na sociedade faz parte da tentativa de compreender a persistência da feira como um local e prática popular.

Evocar a pandemia, também ressalta a existência do corpo do pesquisador e debruçar sobre esse corpo que sente medo, que se protege, usa mascara e se põe a risco, evidenciou a experiência corporal empírica de experienciar os espaços. Logo, compreende-se que a feira é vivenciada e compreendida através dos aspectos multi-sensoriais percebidos por intermédio do corpo.

Além disso, aos poucos se sedimentou o entendimento que a feira possui partes espaciais, fixas, construídas e também dinâmicas humanas. Desse modo, o trabalho passou a caminhar por três questões conceituais, trabalhadas no PPGAU que são: corpo, espaço e o espaço habitado - Feira.

Essa divisão abarca as questões e hesitações durante o processo do mestrado, assim como o frequente retorno ao que já havia sido lido, pensado e pesquisado. A primeira

Figura 12 - Bancas da feira da Levada feita com caixotes de feira e bacias. Fonte: Acervo Pessoal.

questão foi a percepção ou “descoberta” do corpo orgânico que contrariou as linhas de pesquisa e questionamentos anteriores que tinham maior enfoque no inorgânico, por meio da pesquisa acerca da materialidade do espaço de feira. Até então minha percepção era de uma materialidade esvaziada de pessoas, de vida e de movimento, apesar de compreendê-la como imbricada das relações com seres vivos.

Nos delineamentos iniciais destas questões, quando se dialoga com a temática corpo, trato do Corpo que pertence, vive, cria, constrói e compõe o espaço. O que faz esse corpo também ser visto como meio de vivenciar e experienciar-lo. Quando há enfoque espacial, trato do espaço vivido e feito por pessoas em seus corpos.

De modo geral, essa dissertação tem bastante influência da perspectiva empírica e da implicação do corpo na pesquisa, no mestrado e na percepção acerca da feira.

Deste modo, a escrita em primeira pessoa, as memórias, as percepções e ações como: pensar, lembrar, sentir, estão descritas como parte do texto, por entender, como Richard Sennett, que “o pensamento e sentimento estão contidos no processo do fazer” (Sennett, 2015.p.17). Embora o autor use essa compreensão para discutir atividades práticas ligadas ao artífice, o fazer da escrita da dissertação nesse trabalho teve bastante participação de meus sentimentos e pensamentos colocando a própria manufatura do trabalho como um trabalho de artesania.

Figura 13 - Restaurante da feira da Levada. Fonte: Acervo Pessoal.

Montar e remontar uma Dissertação-coisa-feira

Sabemos que há feiras que se monta, desmonta e se remonta. Mesmo aquelas que tem seu próprio espaço de permanência, há o montar e desmontar do dia a dia, de quando recebe novos produtos e reorganiza para que todos fiquem a mostra. São inúmeros encaixes, formas de organizar e desorganiza-lá. Há também diferentes formas de percorrer-la, pode-se ir apenas a um determinado trecho, apenas passar pelas bancas, pode-se parar e conversar, interagir com o espaço, criar novos percursos, encontrar coisas novas.

Por isso, os textos que compõem esse trabalho foram escritos como fragmentos. Possibilitando a criação de diferentes caminhos e ordenamentos, propiciando um caminho próprio a quem lê, um caminhar ativo e a possibilidade de montar essa dissertação-coisa-feira e remota-lá. Desse modo, formam-se os diversos mundos, mundo(s)-corpo, mundos(s)-feira, mundos(s)-espaço que buscam trazer a imaginação à pesquisa.

Tavares (2021. P.368-369) apresenta a diferença entre ser cientista e ser imaginador, para ele “no olhar do imaginário olha-se para ver algo novo, não para ver o mesmo como na ciência” e complementa indicando que “ o imaginador não quer obter garantia de que pode voltar ao mesmo sítio e ver o mesmo, quer sim, pelo contrário, a garantia de que pode, a qualquer momento, sair do sítio que conhece.” O presente trabalho almeja cientistas-imaginadores, que eles possam ver além do que é fixo no âmbito acadêmico e nas pesquisas, criando novos mundos-ciência.

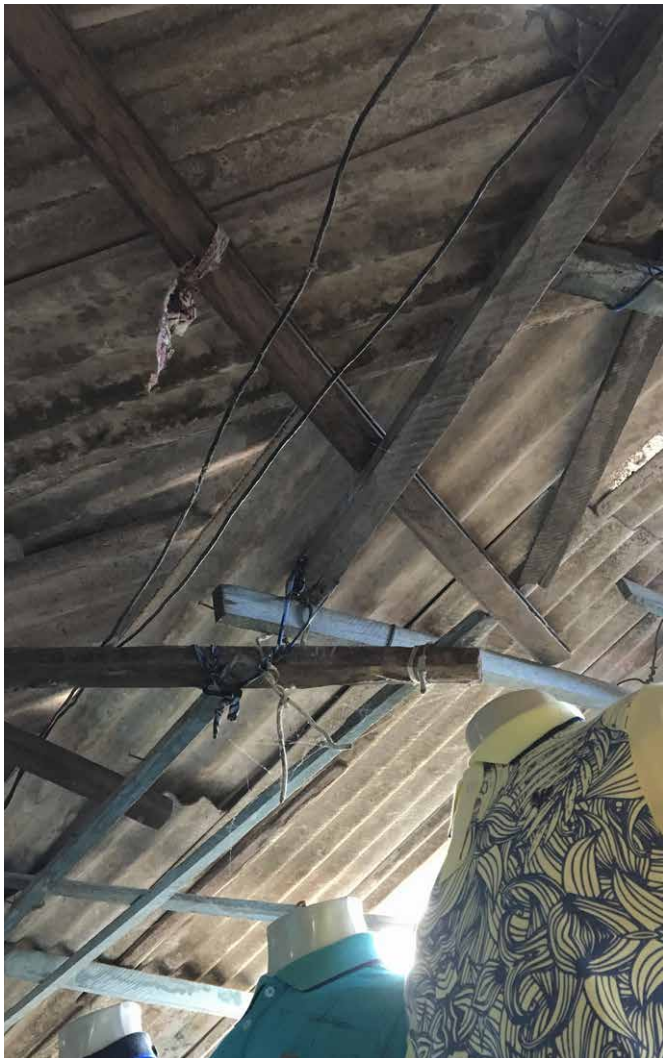


Figura 14 - Estrutura de coberta da área de bancas no entorno do Mercado da Produção (área de vestuário). Fonte: Acervo Pessoal.

A dissertação como objeto ou coisa tem a montagem inspirada na gambiarra. A gambiarra tem como objetivo dar uso, reaproveitar o que se tem ou suprir a necessidade a partir do material que dispõe. Desse modo, é utilizado de elementos recorrentes na feira para construir essa dissertação-coisa-feira.

Sendo assim, os fragmentos-capítulos se dispõem relacionados com um dos três elementos: *prego, linha e nó*[10]. O textos que estão como prego, são textos sedimentados que fixam os demais textos. As linhas representam os desdobramentos, processos e o desenrolar das questões da dissertação. Já o nó é a amarração das coisas, o nó enlaça os produtos e formam os cheios da feira e dessa maneira evidencia também o vazio. Nesse sentido, se fez necessário pontuar o *emarranhado*, que por sua vez aparece em dois momentos. Nesse trecho que relata o emarranhado que forma a construção da dissertação e no fragmento “Devir-pesquisa, devir-pesquisador e considerações sobre o fim do percurso” que se debruça sobre o que surgiu após os nós, linhas e pregos que formaram a dissertação. Ele é a sobreposição das coisas e a tentativa de ordena-las.

Para complementar a experiencia e a experimentação que a montagem da dissertação propõe, os painéis, apêndices e os textos complementares estão dispostos no documento denominados como bacia. A bacia, sendo esse grande recipiente que recebe os produtos e os põem a mostra.

Figura 15 - Sacos com Feijões, grãos e farinhas dentro do Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal.

10 *No texto Relatar o inclassificável (linha 9) descrevo a relação dos objetos com sua função na feira.*

[Prego 2][11] A descoberta de um corpo que é mundo: Rastros, fragmentos e alhures, este é o texto que apresenta as questões conceituais gerais que levam as escolhas como a escrita em fragmentos, a mistura desses três capítulos/ temáticas e de certo modo, da escrita em primeira pessoa.

Em seguida, inicia os textos que tem maior ênfase em falar da feira, começando por: [Prego 3] O que já foi e que ainda pode ser Feira da Levada. O texto retoma a construção do bairro de forma breve relacionando sua historia com o comercio popular da região.

[Nó 1] Corpo-feira: A prática do corpo, se mover feira e [Nó 2] Corpo-feira: Corpo objeto e o objeto corpo. Ser banca, ser venda, são fragmentos que se opõem, o primeiro percebe a feira como dinâmica e como ela é um lugar no qual o corpo é ativo, constantemente em movimento. Já o segundo traz a percepção do permanecer, trazendo o entendimento que as pessoas que constroem a feira são parte “construtiva”, física do território.

Figura 16- Feira nas ruas adjacentes ao Mercado do Artesanato. Fonte: Acervo Pessoal.

[11] *A possibilidade de escrever em fragmentos e a forma de enumerar-los foi inspirada em Cidades Invisíveis de Italo Calvino e Atlas do Corpo e da Imaginação de Tavares.*

Textos seguidos pelo [Nó 3] De que é feita? O que a faz? que partindo de uma questionamento de Ingold (2015) sobre a invisibilidade dos materiais, remete à complexidade de pensar na gambiarra apenas por uma ótica, pois a matéria e a substancia são imprecisas para descrever a relação entre o material e a produção popular, como: a reutilização de objetos, o uso de ferramentas improvisadas, ausência de recurso financeiro e material, ausência de habilitação técnica, etc.

[Linha 3] A descoberta do Corpo-eu: Corpo e/como artifício, trata-se de um jogo entre percepção e artificio, parte de Tavares (2021. P.124) que diz que: “O corpo já não é só o corpo e suas ligações humanas, é ainda o corpo e suas ligações instrumentais: aquilo que o corpo utiliza é corpo” e ao pensar que instrumentos e artifícios são partes do corpo, busca tentar trazer o seu contrário, vendo o corpo como artificio, como o olho que é artificio que permite a visão, por exemplo. Embora essa percepção permita esquadrinhar o corpo, os artifícios de percepção do corpo humano quando juntos permitem também uma percepção complexa do lugar.

[Linha 4] O corpo refletido: Marcar e se fazer chão, repensar o espaço habitado que apresenta as relações entre espaço e memória, principalmente retomando a permanência e a marca entre lugar e grupo popular.

[Linha 5] Estar na Feira que descreve algumas das percepções de sazonalidade, produtos, cores e pessoas que marcaram durante as idas a Feira da Levada. É um texto mais livre que não possui em seu âmago a necessidade de evocar autores e conceitos sedimentados, mas sim de apresentar e alinhavar com os próximos fragmentos.

O [Linha 6] Perceber a Feira retoma outros momentos de pesquisa sobre a Feira da Levada e as questões sobre definição, categoria e classificação. Ele traz a experiencia de encontrar na pesquisa as fissuras entre o mundo real complexo e a teoria.

Em seguida [Linha 7] Temporalidades: A feira e seus tempos trata de pensar entre a relação de temporalidades, sazonalidades e a feira, por meio de seus ofícios e práticas.

Já a [Linha 8] Saber contar, decifrar e por em códigos, classificar tece como apresentar a feira, por meio de questionamentos e alinhavos com recortes de outros textos, como: a lista que categoriza os animais, escrita por Jorge Luis Borges (2007) no texto O idioma analítico de John Wilkins, a introdução de As palavras e as Coisas, de Foucault (1999) e um trecho descritivo sobre a feira de Viçosa escrito por Sidney Wanderley em A Feira, trazendo a tona as dificuldades de conta-la e classifica-

la. Tornando-a como lugar impossível e que pode vir a ser inclassificável.

Essa dificuldade ou impossibilidade de classificação, é retomada em [Linha 9] Relatar o inclassificável fragmento que faz paralelo com o texto Poéticas do Inclassificável de Maria Esther Maciel (2007).

Seguida pela [Linha 10] O que se fala, contaram a feira, o que é ser feira?, neste texto evoco outros autores que pesquisam e escrevem sobre feiras alagoanas.

E por fim [Emaranhado 2] Devir-pesquisa, devir-pesquisador e considerações sobre o fim do percurso que compila alguns aprendizados do percurso do mestrado e da dissertação.

Figura 17 - Rua Parque Rio Branco. Fonte: Acervo Pessoal.

A descoberta de um corpo que é mundo: Rastros, fragmentos e alhures

Penso que a experiência é contada em rastros. Mesmo que mais delineados, mesmo que bem escritos, há dizeres que nos contam apenas uma parte, que nos dão pistas, mas não dizem o todo. É preciso perceber o que nos afeta. Também como a vida, que ao pensar em Coccia (2020), percebo o quanto somos tecidos por esse grande emaranhado de outros. Outras vidas, outras existências, outras culturas, outras especies. Isso me faz acreditar que vivemos de rastros. E por isso, escrevo rastros.

Busco sempre um rastro que me leve ao caminho que devo percorrer, o que me faz por vezes olhar pro chão como se houvesse um caminho certo a seguir. Vou a Levada e penso: Por onde devo ir? O que devo viver? O que há de se viver aqui? O que há de se viver aqui, além do agora?

Na verdade, como rastro faço parte de tudo em todo tempo, Coccia (2020) diria que faço parte da matéria de tudo e tudo me faz parte. Então, meu corpo não acaba em mim, nem nesse tempo. Mas, desse mesmo modo, meu corpo nem sempre é meu. O corpo cambia entre meu e do mundo. O mundo cambia entre ser eu e ser outro. Penso na frase que li em Serres (2001): “ainda é corpo, ou sempre é mundo”. (SERRES, 2001 p.16)

Permito pensar nesse corpo que não é só biológico, um emaranhado de tecidos, órgão, células que me deram essa forma humana. Mas num corpo que sente, cria, raciocina, dança, fala, sente dor, se arrepia… Um corpo que vive no mundo e por isso sente frio, se

Figura 18 - Banca de produtos religiosos. Fonte: Acervo Pessoal.

molha, se bronzeia ao sol, sente as texturas da terra, das rochas, sente o sabor da uva doce ou azeda, o frescor da agua de coco gelada num dia quente, do paladar que trava ao morder o caju, que espirra ao sentir um cheiro forte… Um corpo que vive entre outros corpos por isso, ri, fala, usa talheres, se maquia, abraça, chora, ama, assiste filme, ouve música, sente angústia.

Sendo parte de tudo isso e se fazendo parte do mesmo, penso em como há tantas peças desse quebra cabeça e como todas elas podem estar ligadas. Como o corpo-eu conta o que o mundo-espaço habitado é, foi e será e essa capacidade do corpo contar, é posto por Serres (2001). como a pele historiada, a pele que o autor descreve da seguinte maneira:

> A pele historiada traz e mostra a própria história; ou visível: desgastes, cicatrizes de feridas, placas endurecidas pelo trabalho, rugas, sulcos de velhas esperanças, manchas, espinhas, eczemas, psoríase, desejos, aí se imprime a memória; por que procurá-la em outro lugar; ou invisível: traços imprecisos de carícias, lembranças de seda, de lã, veludos, pelúcias, grãos de rocha, cascas rugosas, superfícies ásperas, cristais de gelo, chamas, timidez de tato sutil, audácias do contato pugnaz. A um desenho ou colorido abstrato, corresponderia uma tatuagem fiel e sincera, onde se exprimiria o sensível. A pele vira porta bandeira, quando porta impressões (p.18).

Mas, e se pensarmos que podemos ser mais que porta-bandeira, colocarmos o corpo e os espaços como se fossem espelhos, espelhos um dos outros. Assim sigo olhando para o mundo e o mundo me olhando de volta, um refletindo o outro. Um sendo o rastro do outro, esse espelho-mundo-corpo ou espelho-corpo-mundo. Fadados a serem fragmentos do outro em si. Sendo assim, a tatuagem seria a imagem refletida. O mundo sobre a minha pele, o mundo por meio da minha experiência, o mundo meu. Tal qual meu eu no mundo, pela minha sombra, pelas minhas

pegadas, pelas minhas marcas.

O mundo se reflete em minha pele e sobre a geografia do corpo que é só meu e é dessa forma minha interpretação do mundo é uma imagem refletida e distorcida pela minha própria geografia corporal. Por isso, quando penso em casa, cidade, praia, feira, não penso nos lugares em si, mas no meu corpo-casa, corpo-cidade, corpo-praia, corpo-feira, até porque nunca fui a lugar algum sem meu corpo.

Porque esses lugares só vivi, sonhei, imaginei, toquei com esse corpo-eu. Foucault (2013. p.14), ao falar de corpo utópico, traz um pouco desse corpo da seguinte forma:

> Meu corpo está, de fato, sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois é em torno dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele (…) que há um acima, um abaixo, uma direita , uma esquerda, um doente, um atrás, um próximo, um longínquo. O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma, ele está no coração do mundo.

E isso, me faz pensar na palavra alhures. Esbarrei nessa palavra em uma atividade de uma disciplina do mestrado, que pedia que dentro de uma infinidade de verbos e substantivos, escolhêssemos palavras que projetassem uma frase que determinasse o desejo diante da pesquisa. Como verbo tivemos o desejo de percorrer e imergir como mais comum entre a turma. No entanto, buscando um complemento, me deparei com a palavra alhures. No primeiro momento não a conhecia, mas ao descobrir que seu

Figura 19 - Feira Rua Parque Rio Branco, Levada, Maceió, AL.
Fonte: Acervo Pessoal.

significado era *em outro lugar, em outra parte* me pareceu pertinente ao momento de pesquisa.

Aquele momento estava iniciando o decursos de mestrado durante a pandemia de Covid-19 e fazíamos todas as nossas atividades de maneira online. Isso me fez pensar que alhures servia ao modo que estava pesquisando e pensando na feira. Eu estava pesquisando, pensando e vivendo a feira que estava nas minhas lembranças, nas pesquisas anteriores, nas imagens retiradas pelos integrantes do grupo de pesquisa e nas imagens da internet. A feira naquele momento estava em alhures. Ela estava em outro lugar, fora da feira que ainda acontecia no mesmo horário na Levada.

Dito isso, acredito que por significar: em outro lugar; em outra parte; a palavra acaba englobando todo lugar em que seja contado, toda vez que falar da feira da Levada, por exemplo, ela será um outro lugar, ou uma outra Feira da Levada. Porque mesmo falando da mesma feira as experiências serão outras, a partir do que o outro experiência.

Dessa forma, alhures se torna um recorte, um fragmento fora do seu lugar. Então, eu como outro sempre mostrarei alhures a ti. É isto o que eu apresento ao outro, alhures é o que me apresentam com a imaginação do outro. O que torna e considera a própria dissertação como um alhures de feira.

Figura 20 - Banca de Cereais. Fonte: Acervo Pessoal.

O que já foi e que ainda pode ser Feira da Levada

A Levada é um bairro de Maceió que possui proximidade com a Lagoa Mundaú, e o centro da cidade e o bairro Jaraguá. Apesar de ser próximo aos primeiros focos populacionais citados, o bairro se localiza em região alagadiça, o que não o tornava favorável a moradia. (Nascimento, 2008).

No entanto, quando se tornou rota de escoamento de mercadorias e de produção agrícola entre o Porto da Levada e o Porto do Jaraguá, foi ocupada pelos trabalhadores que viram na região a possibilidade de moradia e sustento (Freitas et all, 2015).

É importante ressaltar que diferente do bairro do Jaraguá, que tinha foco na exportação e comercialização de açúcar, a Levada tinha como cerne o abastecimento interno. Isso propiciou o desenvolvimento do comercio do bairro. Neste contexto, Freitas (2015) o caracteriza como espaço que “esteve relacionado a um local de comercialização de frutas, verduras e carnes e a área próxima à lagoa tornou-se um local provido de identidade, reconhecido pela população.”(Freitas et all, 2015. P. 31)

Acerca da relação entre moradia e comercio, Almeida (2008) cita:

> Mesmo ainda existindo moradores que residam nesta área do bairro deste os tempos de seu auge, mais precisamente nas décadas de 60 e 70, à medida que se avança em direção a linha férrea percebe-se que a atividade comercial se torna mais intensa ao mesmo tempo que diminui a quantidade de residências. A parte aterrada ainda no inicio do século XX nas proximidades do canal e suas adjacências é onde a atividade comercial se destaca variando desde o comercio ambulante, serviços, comercio formal, comercio atacadista até uma pequena industria de gelo.(Almeida, 2008. p. 78)

Figura 21 e 22 - Mercado Público, em 1939 e Mercado do Artesanato em 2022 Fonte: Acervo FGV e Acervo pessoal.

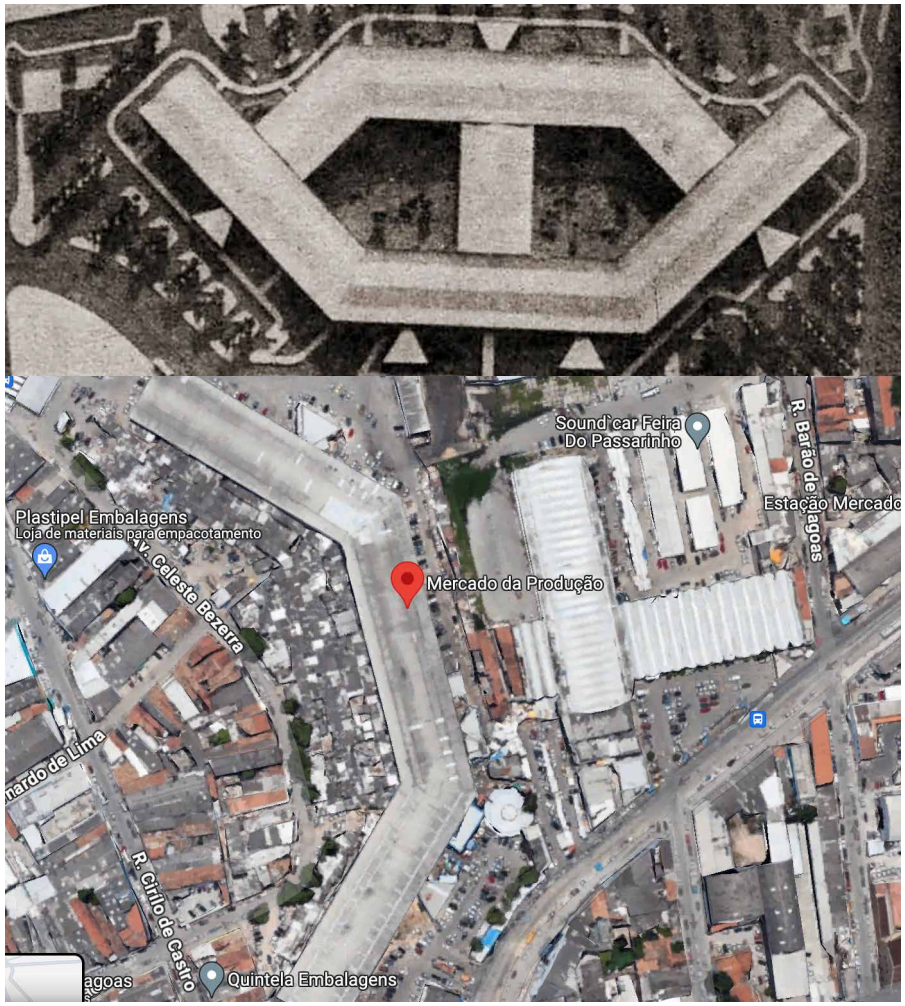


Figura 22 e 23 - Maquete do Complexo Comercial da Levada e Visão satélite do Mercado da Produção. Fonte: Site Historia de Alagoas e Google Maps.

A autora (2007) complementa afirmando que "As feiras livres estiveram presentes nos processos históricos de ocupação e formação da Levada. Desempenham papel importante na consolidação do mercado formal e informal existente no bairro. São ainda, elementos emblemáticos para a identidade do bairro" (Almeida, 2007. p.3). Além disso a autora contabiliza que cerca de 20% da área do bairro seja ocupada por atividades comerciais.

Hoje podemos contabilizar o Mercado do Artesanato, Mercado da Produção, as feiras que ocupam as ruas adjacentes, os ambulantes e os feirantes que ocupam o antigo Ceasa. No entanto, o bairro também já foi sede do Ceasa-AL[12], de redes de atacados e supermercados e de feiras emblemáticas como a Feira do Passarinho.

Retomando a construção do bairro, Feitas et all (2015) relata a construção de 3 mercados públicos na região. Os mercados públicos são construções de grandes áreas cobertas destinadas a comércio popular, eles foram uma tendência urbanística que chegou ao Brasil no final do século XIX (Mercados do Brasil,

12 *Central de Abastecimento de Alagoas*

2009). Elas são a forma que o poder público costuma ordenar e retirar da rua as feiras e ambulantes do espaço público urbano. Por serem grandes construções se tornam marcos na paisagem do bairro, como os dois mercados citadas (Mercado da Produção e Mercado do Artesanato) que das três construções são os que permanecem ativos com uso comercial e bastante fluxo popular além de serem pontos de referência da região.

O primeiro Mercado Público foi construído em 1848 localizado onde foi a Praça Tavares Bastos. Em 1937, houve a edificação de um novo imóvel, essa construção que permanece nos dias atuais, no entanto, agora abriga o comércio de artesanato que vende produtos em couro; rendas como: filé, renascença, bilro; artefatos em barro e palha; conhecido como Mercado do Artesanato. (Freitas et all, 2015)

De acordo, com Ticianeli (2017) em pouco tempo o Mercado Público já tinha o entorno composto por uma área de feira livre e ambulantes, além de problemas estruturais, de insalubridade, higiene e com os alagamentos no período chuvoso. O que levou ao governo criar um novo projeto de mercado público. Assim construíram em 1978 o mercado mais recente da Levada que é conhecido como Mercado da Produção.

De acordo com Freitas (2015) a necessidade de um novo mercado se deu para suprir a falta de emprego e a

Figura 24 - Gaiola na frente de comércio de aves na Levada.
Fonte: Acervo Pessoal

necessidade de abastecimento da cidade que estava em crescimento. (Freitas et all, 2015) A constante necessidade de construir mercados para a região, torna perceptível que a construção do bairro é vinculado ao comercio popular, visto que a construção de mercados busca centralizar e regulamentar o comercio realizados nas feiras de rua e pelos ambulantes.

Isso também é perceptível em Ticianeli (2017) que ressalta que a construção do Mercado da Produção, 1978, tinha intenção de entregar a população um mercado que pudesse abarcar os feirantes e ambulantes que ocupavam a região. No entanto, pode-se perceber que quando as contrações terminavam, os mercados se tornaram insuficientes para suportar o crescimento e modificações que ocorrem no comércio popular. Em seu estudo sobre o bairro da Levada arquiteta e pesquisadora Iria Almeida(2008), observa que:

> As feiras, assim como a cidade, são dinâmicas. A apropriação do espaço pelos feirantes está em continua transformação. Elas crescem e se retraem, penetram em ruas, largos e praças. Podem, ainda, transformar suas espacialidades de acordo com as novas necessidades da sociedade. As feiras livres estiveram presentes nos processos históricos de ocupação e formação da Levada. Desempenham papel importante na consolidação do mercado formal e informal existente no bairro. (Almeida, 2008. P.3)

Figura 25 - A feira do Passarinho quando ocorria sob o trilho do trem. Fonte: Filme O Fim da Linha.

A autora, em sua pesquisa também nos introduz a algumas modificações espaciais mais recentes do bairro, a primeira é que em 2006 a CEASA-AL teve sua sede realocada para a parte alta de Maceió. Mudança que é vista pela autora como causador do aumento dos preços do alimentos in natura nas feiras do bairro.Outro ponto, é que a autora ao falar da composição dos bairros cita a Feira do Passarinho e a feira livre do Mercado da Produção como as grandes duas áreas comerciais do bairro.

A Feira do Passarinho em si passou por diversas modificações. De acordo com Almeida (2008) a Feira do Passarinho por volta dos anos 1960 ocupava a praça João Capistrano, e segundo Lima Júnior (1976 apud Almeida 2008) era a Feira mais antiga da cidade de Maceió. Na época, tinha como cerne a venda de pássaros, mas a autora cita que houve mudanças tanto nos produtos comercializados, quanto na localização. Em determinado momento ela ocorreu nas margens e nos trilhos do trem, no entanto, nos dias atuais já não funciona nos trilhos como no registros de Charles Northrup (figura 25), pois foi novamente realocado[13].

Percebe-se que a feira é um espaço que sofre constante reformas, relocações, adaptações, tornando a mudança uma característica inerente da atividade. Tanto nos momentos que ela não tem escolha e são obrigadas a modificar-se. Tanto quando se transforma para sua subsistência, como vender novos produtos que remetem a industria ou a modernidade ganham espaço nas bancas.

O filme “País de São Saruê”, de Vladimir Carvalho de 1979, trata dessa mudança dos produtos em uma cena em que o homem sertanejo com chapéu e sandálias de couro, conhecidas como Xô boi, prova uma sandália japonesa.
É uma cena que provoca a reflexão sobre as mudanças culturais, de hábitos e vestimentas como parte inerente da passagem do tempo. Acerca da prática de venda de produtos contemporâneos na feira, Almeida (2008) ressalta:

> A busca pela comercialização de outros produtos é uma condição para que a feira permaneça. A adaptação é resultado de uma persistência para que a permanência seja assegurada. O que é perene numa feira não é o que ela comercializa e sim sua função social. (Almeida, 2008. P.5)

Sendo assim, ressalto que a busca pela permanência é o que permeia a feira, pois a feira é subsistência e como vemos em Almeida é por meio da mudança que sua continuidade é assegurada. Isso demonstra que os materiais de construções, as roupas, a lamina de barbear, as panelas, potes de plástico, brinquedos, sandálias japonesas se fazem tão presentes na feira quanto o passarinho, a fruta, a carne, o peixe, as bolachas, as hortaliças.

---

[13] *Para realizar a substituição do trem por VLT (Veiculo Leve sobre Trilhos), foi necessária a realocação das bancas no entorno dos trilhos. Ver: bairrosdemaceio.net/noticias/levada-comerciantes-da-feira-do-passarinho-serao-relocados. Apesar da matéria falar da relocação de todas as bancas, há uma área de bancas e comercio informal acomodada na parte de fora do muro de proteção dos trilhos e da estação do VLT.*

10 POR
2
2.00

Corpo-feira: A prática do corpo, se mover feira

Uma única frase por vezes resume o todo. Ao menos busca resumir. Assim como a palavra feira resume um todo, um mundo. É o abreviar de um mundo e o significar o mundo em poucas letras. Pode caber um mundo dentro da palavra? Penso na feira e quando digo a palavra feira, ela representa pra mim mais que um lugar no qual posso comprar coisas. Mais do que a rede, a chinela, o camarão, o coco seco e o tempero Ana Maria ou a pimenta do reino. Representa sabores, memórias, pessoas, pesquisa e vivências. A palavra é alhures de si mesmo.

Assim também é o corpo. Embora pareça terminar ali, no que é visto. Embora, possa ser lido tal qual um objeto. Ele não é e nem fica inerte. Cabe ao corpo a ação. O movimento. Cabe ao corpo ser. Cabe ao corpo contar o tempo, mostrar as mudanças em sua superfície. Cabe ao corpo se mover no mundo, se mover em dança, sentir o azedo e o doce. Cabe ao corpo ser feira, montar barraca, gritar o preço, chamar freguês, separar o podre do maduro.

Ao pensar e listar esses movimentos que o corpo faz ao produzir a feira, lembro quando ainda como participante de iniciação cientifica propusemos alinhar a frase de Sennettt (2015) com os trabalhos de iniciação cientifica sobre a feira para um artigo, que apresentamos no Coninter. A frase que unia nossas pesquisa era a seguinte: “o pensamento e sentimento estão contidos no processo do fazer” (p.17) Mas como?

Figura 26 - Artificie fazendo artesanato em palha no Mercado do Artesanato. Fonte: Acervo Pessoal.

14 Nathalia Feitosa Barbosa também foi aluna da graduação de Design e participante do Projeto de Iniciação Científica que estudava a Feira da Levada, só que pelo eixo As Corpografias da Feira.

Na época, Nathalia[14] relatava em nossas reuniões os movimentos dos corpos do feirantes que nunca eram inertes, carregavam, cortavam, embalavam, empurravam, era uma lista de sucessão de verbos. Ser feirante pedia movimento. Há quem carregue. Há quem corte, afie. Há quem amarre, apare, repare. Há quem raspe. Movimentos do ofício. Movimentos que pertencem ao ensinar e aprender esse ofício. A repetição está no tornar-se feirante. Afinal, “um sapateiro não faz unicamente sapatos de couro, mas também, por meio de sua atividade, faz a si mesmo um sapateiro”. (Flusser, 2017. p.34)

Já em 2022, fui à feira e encontrei com Xandy, o sapateiro que entrevistei em outro momento, mas o visitava naquele dia com o conserto de uma bolsa como o motivo que me levava a feira. Era uma bolsa que tinha parte de suas alças em um tipo de couro, provavelmente sintético, que estava rasgando próximo a costura que junta alça e bolsa. Então, conversei com ele, perguntei se ele podia consertar, quanto cobraria e fiquei ali olhando enquanto ele fazia os reparos.

Mais tarde, retomei a memória e descrevi aquele momento da seguinte forma:

> *O ofício ou o modo de fazer dele, se deu, naquele caso, dessa maneira: ele abriu um saco plástico onde ele guardava retalhos de couro, procurou os da cor preta, assim como a alça da minha bolsa. Procurou a tesoura toda metálica e se pôs a cortar, tirou a costura que atravessava uma das tiras que ele fez, pegou uma tábua e passou cola na parte interna dessas tiras. Daí, ele se voltou para bolsa, retirando a parte metálica*

Figura 27 - Imagens pedal do sapateiro Xandy enquanto ele consertava uma bolsa. Fonte: Acervo Pessoal.

que fazia intermédio entre a bolsa e as alças. Daí ele acertou a espessura do corte com a medida que entraria nesse objeto, passou a tira de couro e colou, repetiu essa ação em todos os pontos que a alça encontrava com a bolsa, até mesmo naquele que não estava desgastado. Aí abriu a costura da bolsa e se preparou para acionar a máquina que já estava em sua frente, afinal é uma lojinha bastante estreita. Gravei[15] um pouco do pé dele acionando o pedal, é um trabalho rítmico, com todas as paradas e diferentes velocidades, depois um pouco suas mãos, seguravam a bolsa mexia na máquina ia e voltava acionando, girando, mexendo, ajustando, arrumando a agulha, reposicionando a bolsa, cortando a linha que sobrou e repetindo tudo outra vez.

Ainda no mesmo dia, ao final do meu percurso e compras lá na Levada, parei para comprar coco seco, já que minha mãe planejava com os itens que eu levaria para casa cozinhar nos próximos dias peixe ao coco, modo de preparo habitual nas áreas litorâneas, mas um tanto incomum na casa dos meus avós maternos que são de Arapiraca. E numa banca em frente ao Mercado do artesanato, perguntei os preços, pois tinham dois tamanhos de embalagem e pedi ao feirante aquela que eu podia comprar com os trocados que me restavam. Ainda lembro dele pegando o coco seco e batendo de uma forma leve na parte que não era afiada do

Figura 28 - Imagem do sapateiro Xandy consertando uma bolsa. Fonte: Acervo Pessoal.

15 *Videos disponíveis no link: https://drive.google.com/file/d/1Xga1xUM0KO7vjTo2ox7QcOl6iASyz32S/view?usp=sharing e https://drive.google.com/file/d/1eya_wh7YMA3eLKidR5W6bxXC1loSCP4k/view?usp=sharing*

facão. Achei engraçado, pois faria exatamente o contrário. Na verdade, já tentei abrir coco seco e nem o golpe mais forte que dei o abriu. E lá estava ele, golpeando com leveza o coco que logo se partiu ao meio e em seguida, raspou no raspador elétrico que tinha a bacia preta acoplada[16].

No entanto, retomando a frase de Sennettt e a questão do artigo que mencionava, relembro de uma feirante que vendia ervas frescas, a qual Nathalia e Heloise observaram, fazia parte de seu ofício observar e perceber a hora de aguar as ervas, precedendo o momento que elas secariam pelo calor e sol.

Percebo que trago relatos de práticas incorporadas. O corpo aprendeu o movimento, o ritmo, em qual local golpear o coco. O ritmo de acionar o pedal da máquina de costura em sincronia com as mão que seguravam o tecido. O momento de regar as ervas. Essas práticas, de acordo com Connerton (1999) fazem parte da memória do corpo. O autor explica da seguinte maneira:

> Podemos não nos lembrar de como nem de quando aprendemos inicialmente a nadar, mas podemos continuar a nadar com êxito — recordando como isso se faz — sem qualquer actividade representacional da nossa parte. Quando a nossa capacidade de executar espontaneamente os movimentos corporais em questão é deficiente, consultamos uma imagem mental daquilo que deveríamos fazer. Muitas formas de memória corrente especializada ilustram o relembrar constante do passado que, sem nunca aludir à sua origem histórica, reencena, todavia, esse passado na nossa conduta presente. Na memória corrente, ele está, por assim dizer, sedimentado no corpo. (p. 83)

As ações descritas no relato são ações corporificadas culturais de um

Figura 29 e 30 - Imagem de uma banca que vende coco seco, na primeira imagem: há o raspador de coco elétrico, e na segunda feirante raspando o coco em um raspador similar. Fonte: Acervo Pessoal.

16 *Acesse ao video na Bacia 1 pelo link: https://drive.google.com/file/d/1rpF2mIwm2wHBKZfydqcnfRAIL80MAgPa/13view?usp=sharing*

gestual referente aos ofícios. Gestos corporais habituais repetidos diariamente no contexto de trabalho da feira.

Na mesma época, liamos Ecléa Bosi, lembro o quanto me marcou o conceito de objetos biográficos, tema que a principio seria tema dessa dissertação. O conceito descrevia objetos que eram marcados pela vida, pelo uso e que essa aproximação ao dono trazia marcas, ovalava, desgastava, ganhava arranhões e marcas de uso. Gosto bastante do uso da palavra “ovalava” nesse conceito. Imaginar um objeto perder as arestas, esse “alisamento” que acontece quando entra em contato com o corpo, quase como se o corpo domesticasse um objeto arisco, tornando-lhe seu.

O uso e o elo com o dono são, desse modo, marcados nos objetos. E transpondo para feira, percebíamos que os rearranjos, gambiarras e consertos, além de usar da estratégia para contornar a necessidade por restrição material e financeira, fazia das bancas, por exemplo, um artefato cheio de marcas de memória e do cotidiano da feira. Assim como podemos também pensar nos feirantes. Os corpos também se moldam aos objetos e aos ofícios. Ou retomando Flusser, tornam-se sapateiros.

Talvez possamos pensar que um feirante é um corpo marcado pela feira, tanto como ofício, como corpo que se movimenta de modo a tornar o espaço fisico feira, que tem a feira como prática corporal. Assim como também é um corpo marcado por esse espaço que o cerca, pelas máquinas e ferramentas que usa.

O que percebemos e queríamos elucidar é que o oficio do feirante, mesmo que, as vezes, possa ser maçante e repetitivo, há etapas de

Figura 31 - Banca no mercado da Produção que vende feijões, farinhas e produtos industrializados. Fonte: Acervo Pessoal.

racionalizar, sentir e perceber o que se faz. Mas acredito que aqui podemos propor uma reformulação da frase de Sennettt que amplie a discussão. Sendo assim, proponho pensarmos que o pensamento e o sentimento se movem com o corpo, assim como movem o corpo e são movidos por meio do corpo. Essa frase creio que mostra que o corpo é mais do que o contorno dos movimentos que o corpo alcança, o movimento também ativa percepções e descobre ou se desdobra ao novo, ampliando sua materialidade do corpo estático.

Outro ponto é propor a mudança da palavra fazer por movimento, tirando a necessidade de pensar nela apenas como vinculado a produções de objetos palpáveis. O movimento, desse modo, engloba: o mover o barro e tornar-lo vaso; mover o corpo e criar uma dança; mover os objetos e criar a banca e assim sucessivamente.

No entanto, poderíamos também sugerir trocar movimento por experiência, fazendo uma menção a Tuan (2015), pois para ele:

> A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente, a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento. É uma tendência comum referir-se ao sentimento e pensamento como opostos, um registrando estados subjetivos, o outro reportando-se à realidade objetiva. De fato, estão próximos às duas extremidades de um continuum experiencial, e ambos são maneiras de conhecer. (P.17e18)

Nos deixando a pensar que o corpo carrega, move consigo e é movido pelo pensamento e o sentimento, pela racionalidade, pela emoção, pela memória e pelo saber, não como opostos, mas como facetas que estão entrelaçadas ao corpo vivo, pois está é a forma que experimentamos o mundo.

Figura 32 - Bancas de frutas durante um dia de chuva na Levada. Fonte: Acervo Pessoal.

Corpo-feira: Corpo objeto e o objeto corpo. Ser banca, ser venda.

Outro modo de pensar no corpo é entendendo ele como parte da paisagem. O corpo na sua tridimensionalidade se faz parte da materialidade presente no retrato do espaço. A feira é um espaço que há bastante impacto na presença das pessoas.

Sem o corpo não haveria a feira. Não a feira descrita nestas páginas. Como vender? Como comprar? Os feirantes, passantes e fregueses fazem parte da feira. Eles ditam o movimento mais rápido ou mais lento, a sensação de um espaço mais estreito ou mais espaçoso. E compõem a experiência de ir à feira por meio do movimento, sons e sonoridades, o ritmo dos passos, movimentos dos corpos que vivem a feira.

Tavares (2021.p.124) diz que ”aquilo que o corpo utiliza é corpo”, mas e o corpo que utiliza e habita o espaço, ele pode também ser-lo? O corpo pode ser lugar? Se fazer lugar?

Figura 33 - Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal.

De que é feita? O que a faz?

Terra, cimento, paralelepípedo, barro, metais, plásticos, madeiras e compensados, tijolos, telhas, grades, tintas, revestimentos cerâmicos, telas, sacos de farinha. A visão da composição material da feira também mostra sua pluralidade. O que me chamou atenção para fazer essa listagem rápida foi uma reflexão advinda de Tim Ingold. O autor (2015. p. 41) se pergunta por qual motivo os antropólogos não buscam aprender a composição material do mundo habitado, e dá como exemplo:

> Um carpinteiro é alguém que trabalha com madeira, mas como Stephanie Bunn observou, a maioria dos antropólogos se contentaria em considerar o trabalho em termos da identidade social do trabalhador, das ferramentas que ele ou ela usa, da disposição da oficina, das técnicas empregadas, dos objetos produzidos e seus significados – tudo, menos a madeira mesma. Os materiais, ao que parece, desapareceram.

Isso me remete a quando buscava entender a feira como território de gambiarra e inventos[17], de como os fragmentos e objetos se dispunham formando “paredes”, “mesas”, “bancas”. O caixote se fazia mesa, pois era ele que se tornava superfície ali, para a venda de frutas que estavam dispostas em bacias; as grades, papelões, metais, madeira se tornavam parede; e toda uma banca, ora podia ser uma

Figura 34 - Região de feira da Levada, aréa externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal.

17 Em 2018, participei do PIBIC com o projeto intitulado “A Feira como território de inventividade: o caso das feiras populares do bairro da Levada,Maceió-AL” focado na produção material e no fazer. O trabalho consistia em pesquisar os artefatos e produção da materialidade da feira que é permeada pela restrição econômica e de acesso a materiais e ferramentas, além da necessidade de soluções imediatas.

mesa escolar, ora um carrinho de mão ou mesmo construída de madeira, alvenaria ou outro material. Sendo assim, talvez a matéria também possa ter algo a nos revelar.

Flusser (2017), ao falar de coisas, traz a distinção entre forma e material. O autor argumenta, a princípio trazendo a oposição entre matéria e forma, pondo estofo e recheio como sinônimo ao termo matéria que preenche as delimitações da ideia de forma da coisa em si. Ou seja, terra, cimento, ligas metálicas e madeiras são estofos, que preenchem ou que se moldam tangibilizando a forma.

Dessa maneira, a palavra mesa não representa a mesa de fato, feita de madeira, ferro ou outro material qualquer, mas ela remete à ideia. O desenho que precisa do estofo para se tornar palpável. Essas definições acabam evocando conceito de materialidade-imaterialidade, no entanto, o autor destrincha que a forma/ideia do objeto estão no campo da materialidade e que existem antes da manufatura do objeto. Antes de dar forma de mesa a madeira, e continua a existir depois que sua matéria (estofo) pereçam.

Dessa forma, podemos considerar o estofo como a matéria que deixa a forma ou ideia do objeto se tornar objeto palpável. Essa definição de Flusser ilustra bem a invisibilidade da matéria exposta por Ingold. No entanto, emerge o questionamento se cabem as camadas produtivas e formas de fazer que se utilizam de materiais heteróclitos dentro dos

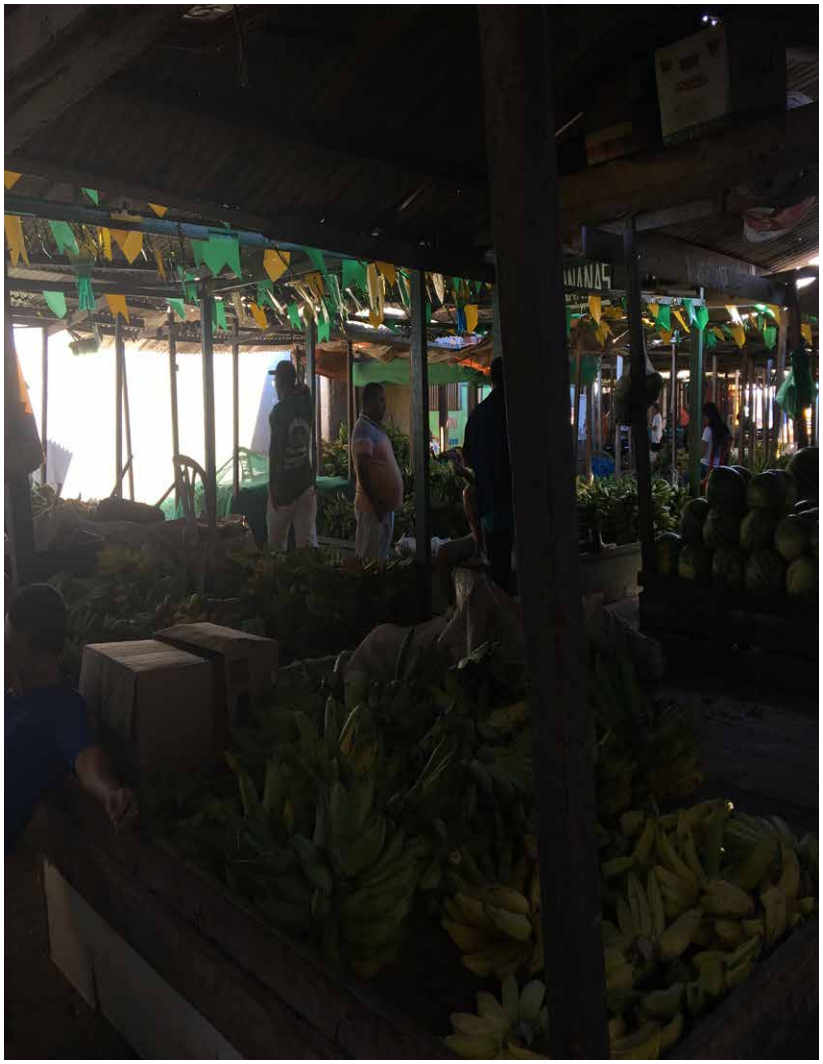


Figura 35 - Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal.

conceitos de ambos os autores.

Considerar as camadas produtivas e o uso de materiais heteróclitos me parece bastante interessante para relacionar ao contexto e espaço da feira. Pois sabemos que houveram mudanças nos modos de produção, nas ciências, tecnologias e no mundo de modo geral, a própria produção também pode ocorrer sobre materiais que já passaram por processos de fabricação. Além disso tratamos de um grupo popular que tem acesso limitado aos meios de produção.

Para entendermos a construção dos espaços de feira temos que compreender a lógica do fragmento, apresentada por Jacques (2001, p.23). A autora ao descrever a lógica construtiva dos barracos da favela, percebe que o construtor da casa da favela utiliza de materiais coletados pela cidade. Esses materiais podem ser dos mais diversos, muitas vezes são restos de canteiros de obras ou de lixões. Essa é a matéria prima inicial para o abrigo da favela, contudo é uma estrutura provisória. Pois a coleta de materiais não acaba e constantemente novos materiais vão sendo encontrados, ou quando possível comprados, e implementados na obra. Isso faz com que os materiais menos adequados ou mais perecíveis sejam substituídos pelos mais duráveis.

Ou seja, para o construtor-favelado, a forma é a ideia e o desejo da sua casa, do abrigo e o estofo que torna essa ideia possível fica a mercê do acaso, daquilo que virá a ser

Figura 36 - Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal.

encontrado, sejam: pedaços de papelão, plástico, latões e madeira. A casa da favela segue sendo abrigo, mas seu estofo é temporário, pois vive em constante melhorias físicas (referentes aos materiais empregados e a novas necessidades, como: quarto para um filho que nasceu, um novo andar para o filho que casou, etc).

A lógica da construção a partir do fragmento e de materiais residuais complementa a distinção de Flusser, pois pressupõe uma forma e estofo que podem ser mutáveis.

Corroborando com esse pressuposto, Santos (1988) coloca a paisagem como resultado da ação sobre o espaço por meio dos acessos e produções inerentes a seu tempo, embora Milton Santos fale especificamente sobre o recorte paisagem e espaço, essa compreensão de paisagem pode mostrar as diferenças de produção, de trabalho ou refinamento técnico e tempo contribuem com a percepção de insuficiência da classificação da materialidade. Assim como, quando falamos de feira e suas bancas temos diferenças materiais e formais (relativas a sua forma), mas também produtivas, tanto quanto técnicas/modo de fazer, quanto pelo acesso a ferramentas e materiais.

Ao considerar essa ideia de um cultura material que se modifica e que possui marcas não apenas das alterações construtivas, percebemos que o desgaste e modificações marcam momentos de memória, como: “do deslocamento

Figura 37 - Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal.

daquela banca que se fixava a margem do trilho do trem, ou que a adição de novo mecanismo ou ferragem (como pregos e ganchos) se deve à atual dificuldade de vendas e tal mudança se faz necessária ao feirante para inserir o novo produto em parte visível de seu comércio" (Ramos, Barbosa & Silva, 2019).

Essas marcas e alterações que foram percebidas no contexto da feira, em bancas, barracas de feira, carrinhos de mão e em tantos outros objetos de feira guardam a marca da memória e do ofício de feirante. Outro ponto que a redução dicotômica dos objetos deixa a desejar é em não considerar o tempo e o uso como modificadores. Nesse sentido, tanto Ingold (2015), quanto Ecléa Bosi (2003) trazem pontos interessantes para falar da relação entre objeto e tempo.

> Longe de serem a coisa inanimada tipicamente imaginada pelo pensamento moderno, materiais, neste sentido original, são os componentes ativos de um mundo-em-formação. Onde quer que a vida esteja acontecendo, eles estão incansavelmente em movimento – fluindo, se deteriorando, se misturando e se transformando (Ingold, 2015, p.51)

> Quanto mais voltado ao uso quotidiano mais expressivos são os objetos; os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abranda (Bosi, 2003.p.26)

Ingold e Bosi trazem, cada um à sua maneira, não só a relação do objeto com o tempo. Afinal, todos sabemos, a matéria se desgasta. Mas os autores põem os objetos e artefatos no lugar a qual estão. Eles estão no mundo. Por isso,

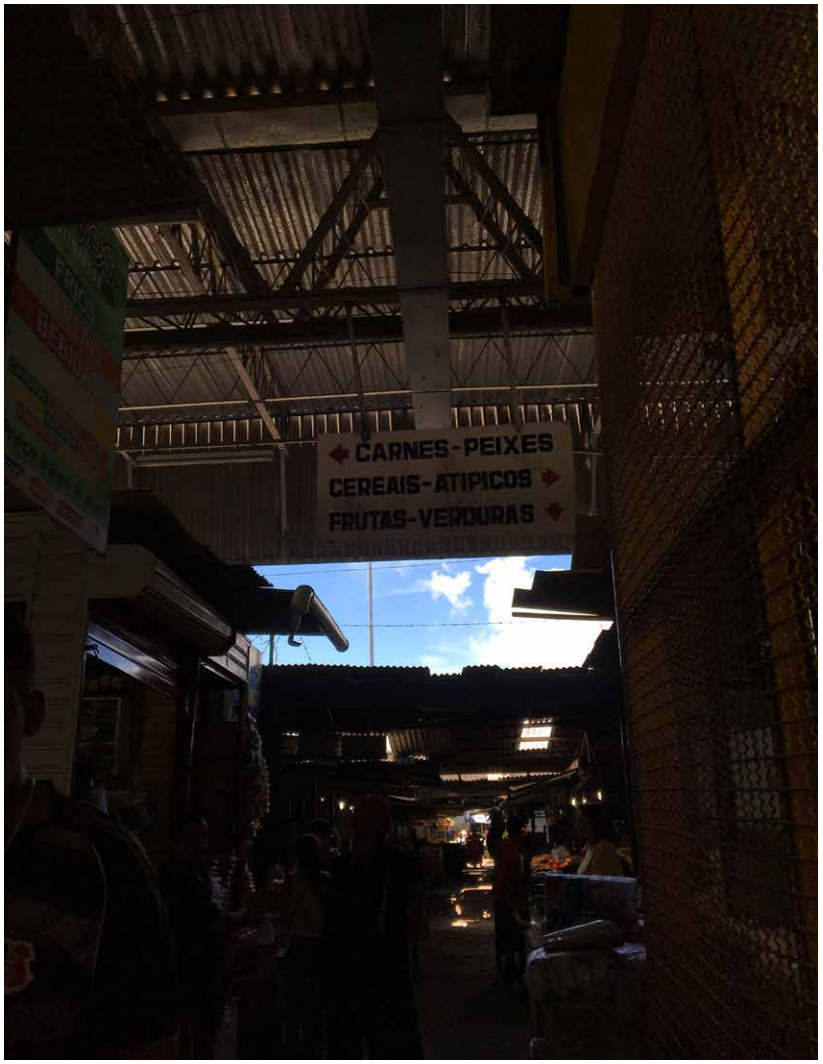


Figura 38 - Mercado da Produção e a Feira do seu entorno. Fonte: Acervo Pessoal.

também se relacionam com pessoas, animais, vento, tempo, chuva, sol, etcétera.

A citação de Ingold, também nos possibilita um retorno a pensar a gambiarra. Quando o autor fala dos constantes movimentos dos materiais, compreendemos que o material pode ser transformado. O que nos faz pensar no hoje com os processos de fabricação com a gama de materiais utilizados e da nossa coexistência com esses materiais em suas formas que já passaram por processos de fabricação, mas que hoje são vistos como descarte, contudo, duram mais que as vidas humanas. É nesse ponto, que o fazer da gambiarra atua sobre o material que já passou por processos de produção e que vai ser remendado, modificado, anexado a outro objeto ou apenas modificar seu uso inicial.

Além disso, Ingold (2015) ao questionar essa relação que circunda as relações humanas, sempre retornando aos materiais e pondo que eles se sobressaem a sua forma. O desgaste, mostra, de certa forma, daquilo que o objeto é feito. Assim como nas gambiarras, as outras formas, a “história” do objeto sobressaem a sua nova forma.

A princípio, pensar em materiais fazia sentido para perceber as complexidades construtivas contemporâneas, como mais uma camada a se sobrepor. Como exemplifiquei anteriormente por meio da feira, há a banca, com seu modo produtivo e com a capacidade técnica de quem produziu, o

Figura 39 - Escritos efêmeros na Feira da Levada. Fonte: Acervo Pessoal

tijolo feito a partir de um cozimento do barro e por origem o barro. Assim como há outra banca, com seu modo produtivo e capacidade técnica, feita com retalhos de grades, chapas de madeira, plásticos e papelões, feito por diferentes processos de fabricação, usados, quebrado e reutilizados após isso, mas que um dia já foi minérios, madeira, petróleo e celulose.

Importante ressaltar que o artífice ou o próprio feirante que constrói, constrói a partir dos conhecimentos, habilidades e materiais que possui. Apesar de hábil, a falta de materiais pode tornar o artefato final com aparência de “mal feito”. O que busco elucidar é que na contemporaneidade - e na feira - sempre se pode criar novos arranjos e rearranjos. Fazer gambiarras. Assim temos diversas formas da banca desde tijolo, bem como a de remendos de papelão são parte da feira e do mundo-em-formação.

Figura 40 - Salão de beleza na Feira da Levada, aréa dos bares externa ao Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal.

SA DO OTÁRIO
iais elétricos, Hidráulicos e tir

A descoberta do Corpo-eu: Corpo e/como artifício

"O corpo já não é só o corpo e suas ligações humanas,
é ainda o corpo e suas ligações instrumentais:
aquilo que o corpo utiliza é corpo" (Tavares, 2021. P.124)

Parece-me natural falar de artifício, já que venho me aproximando de temáticas dentro dos estudos acerca da material. Pensar nos objetos, artefatos, instrumentos, seus usos e possibilidades. Me lembro imediatamente de uma frase de Richard Sennettt, na qual o autor fala que "A utilização de ferramentas imperfeitas ou incompletas leva a imaginação a desenvolver essas capacidades necessárias para reparar e improvisar" (Sennett, 2015 p.21). E volto a pensar no erro, em aprender com os erros. Utilizar de instrumentos para errar e aprender.

Tomei um certo gosto pela palavra errar durante a atividade de escrita de um ensaio[18] que fiz como atividade do mestrado. Esse ensaio me fez esbarrar nas incertezas e medos da pesquisa e de me ver como uma estudante de mestrado, destrinchando esses sentimentos por meio da palavra erro e do medo de errar. No entanto, há o errar que remete a prática de caminhar sem rumo, tal qual a deriva e as deambulações, que como descrita por Careri, pode ser um andar como prática estética, como a ação de experimentar o espaço.

Desde as primeiras errâncias na feira, aprendemos com o

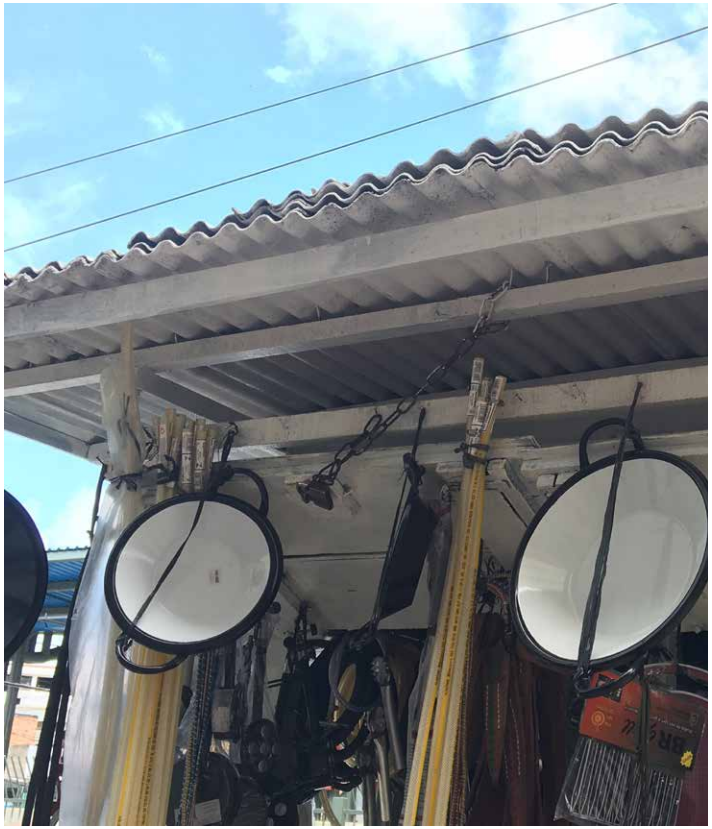


Figura 41 - Uso do espaço superior na banca e o modo de manter aberta a sua "janela". Fonte: Acervo Pessoal.

18 *Os textos mencionados foram inseridos no apêndice/ Bacia 1: corpo pesquisador da dissertação.*

errar - o errar, como caminhar. Conhecemos e reconhecemos lugares, percebemos mudanças, encontramos práticas, formas, sons e gambiarras em todas as idas. Aprendemos a ver andando. Aprendemos também a perceber.

Como tive a gambiarra como tema da minha primeira pesquisa acadêmica, olhava tudo que me era estranho ou incomum. Tudo que fugia de sua função. Um objeto com novo uso. Ou “fora do lugar” (alhures). Lembro de achar incomum que em vários pontos tinham correntes penduradas no telhado. Até que um dia notei que as bancas tinham a sua abertura, a “folha da janela”, tipo basculante, era necessário que se empurrasse para cima para abrir. Sem a ferragem adequada, o mesmo cadeado que trancava a banca era usado para prender aquela tábua de madeira, a “janela”, de modo que ficasse aberta.

Mas se pudermos pensar no corpo. Pensá-lo como artifício. Entendê-lo como esse artifício imperfeito, que cansa, sangra, sofre e sente. O que podemos aprender com ele? Esse questionamento me remete a outra frase de Sennett (2015. p.97): “Será que nós, em nossa muito comparativa imperfeição, teríamos algo de positivo a aprender com o fato de sermos humanos?” Sabemos que o corpo se implica no espaço, na matéria. Ele age e golpeia, se move com todas as suas possibilidades de movimentos, modifica formas, cria as novas linguagens que ele mesmo irá usar. Seus novos

Figura 42, 43 e 44 - Chão da Feira da Levada, Fonte: Acervo Pessoal.

movimentos.

No entanto, vivemos entre artifícios, artefatos e instrumentos. O corpo não é só. O corpo que andava, faz o automóvel se movimentar. O corpo que calculava, usa de calculadoras. Os movimentos mudaram. Mas é o corpo que media as mudanças materiais. A inteligência se tornou artificial, Alexas[19] tocam músicas, ligam a televisão, conectam ao Netflix e aplicativos de comida trazem a comida desejada à nossa porta, mesmo que exijam atividades humanas em preparar e entregar a comida. A artificialidade faz o corpo sedentário, homens e mulheres.

Por meio de Flusser (2017) é possível inferir que o ser humano perde, com a artificialidade, a sua função inicial. Uma função de ser o centro da produção. Seu movimento é cada vez menor ou menos necessário. Desse modo, percebemos que Flusser vê e pensa no individuo por meio de sua relação com a produção material, com sua capacidade produtiva. Com essa perspectiva em vista, o autor observa a obsolescência do homem, pois máquina continua seu trabalho com outros.

Se nos atentarmos às pessoas, pode-se ver as continuas modificações que o autor ressalta. Primeiro, sendo o corpo

Figura 45 - “Janela/abertura” da banca e itens amarrados.
Fonte: Acervo Pessoal.

19 *Alexa é o nome da assistente virtual da empresa Amazon.*

a única “ferramenta” capaz de produzir algo. Depois, com a criação de Instrumentos, passa a utilizar deles, que prologam o gestual, aumentam a capacidade, mas também restrigem, por causar uma predefinição de um movimento correto, um gestual especifico para a atividade. E em seguida, passa para o uso de máquinas e aparelhos eletrônicos, retratam também o fazer que restringe cada vez mais o movimento corporal, tendo o corpo cada vez mais contido.

No entanto, nem todo o fazer vem das pontas dos dedos. E para além do fazer produtivo, o corpo ainda dança, imagina, corre, brinca. O ser humano, não é só Homo Faber, o individuo que produz, mas também o Homo Ludens, aquele que imagina, brinca, joga, ama, ri. Podemos dançar para o *TikTok*[20], assistir lives, ver aulas via *zoom*[21], mas mesmo com todo corpo contido através da tela, só há utopia, imaginação, por meio do corpo. A Alexa não brinca, não cria, não sonha.

O corpo também é instrumento de sentir o espaço. É por ele que sinto. Com ele que alcanço lugares, ele é o intermediário entre o dentro e o fora. A complexidade de existir dentro de um corpo, de experimentar a partir dele, me faz pensar nas camadas do sentir. Enxergar. Ouvir. Sentir o cheiro. Sentir a temperatura. Perceber textura.

O que me levou à questão: em quantas camadas experienciamos um lugar? Esse questionamento, por vezes, me fez desacoplar o corpo em sentidos e perceber a hierarquia da visão nas minhas lembranças. Quando penso na feira, lembro-me de frutas, verduras e suas cores, do trilho do trem, das pessoas passando, ai me vem a lembrança de alguém vendendo “alface dois reais”. E ao pensar nesse dizer, surge a memória de mulheres cantando[22] “olha o feijão verde”. Me lembro das bancas de madeira desgastadas pintadas de azul, as roupas penduradas num ambiente escuro, com frechas de luz solar. Do calor, mesmo em dia de chuva. O “retrato” da memória da feira, apesar de começar com objetos e cores especificas se desdobra em sensações mais complexas.

Ao questionar a hierarquia dos sentidos, fiz algumas experiencias na feira. Percebendo que tenho um distanciamento com memórias sonoras fui a feira buscando perceber a complexidade sonora. Nessa ida, eu a descrevi

---

20 Tiktok é uma rede social de videos curtos que teve maior popularização nos últimos anos, com isso houve um aumento de videos no qual os usuários dançam musicas e coreografias pensadas para a plataforma. Essas musicas e coreografias são repetidas por outros usuários quando estão em alta para ter maior visualização nas plataformas e ganhar seguidores.

21 Zoom é uma plataforma de reuniões online que na pandemia foi bastante utilizada para cursos e palestras e ligações de video entre amigos e familiares.

22 Escolhi o verbo cantar, pois o ato de constantemente repetir a promoção, o produto ou chamar o cliente tem ou acaba criando um ritmo melódico.

assim:

> *Talvez eu tenho dado um pouco mais de importância ao som. Naquele dia o lugar que me pareceu mais complexo[23] foi a área das carnes[24] de dentro do mercado da produção. Parei um pouco para prestar atenção em todos aqueles ruídos que se misturavam. Me questiono se de fato as pessoas tinham necessidade de amolar as facas naquele momento, me parecia um artifício sonoro para chamar a atenção.Dentre tantos sons que por vezes eu não conseguia distinguir e alguns que ainda não distingo, esse foi um dos que me chamaram atenção. Mas é redutivo falar desse som, quando lembro do som da água lavando o sangue, o som dos vendedores me oferecendo seus produtos. Embora, eu chame de área de carnes, lembro-me bem da senhora que me oferecia tilápia e um pouco mais adiante no tempo a que me ofereceu feijão verde. Isso de certo modo representa a feira, a mistura entre os espaços e as lógicas próprias que nos faz questionar a classificação"*

Lembro me bem que naquele dia fiquei olhando atenta ao som do movimento de cortar a carne e os peixe sobre o balcão de pedra que era para ser branco. O movimento de golpear a faca contra o peixe e a pedra, que estava solta, se fazia som. E hoje, percebo que os movimentos também são sonoros.

No entanto, como descrever a feira? O que eu vejo e o que ouço? Os cheiros? As lembranças que emergem a partir da feira?

---

23 Em relação as sonoridades.

24 Espaço composto principalmente por bancas de açougue e pescados.

O Corpo Refletido: Marcar e se fazer chão, repensar o espaço habitado

Em outubro de 2022 li o livro Torto Arado de Itamar Vieira Junior. Há uma parte em que o autor discorre acerca do desejo dos moradores da fazenda de Água Negra de construir seus espaços, sua morada de tijolo e telhas de cerâmica, de não precisar reconstruir uma nova casa sempre que a primeira se desgasta. Percebe-se ali um desejo de se fixar e esse desejo se expressa não apenas no desejo de melhorar a qualidade da moradia, mas de mostrar que junto à durabilidade de uma casa de alvenaria, também teria sua permanência. Chamar o chão de seu. Se manter naquele chão. Se aterrar. Ser chão.

Penso muito no desejo de fixar-se e isso me faz lembrar de uma entrevista que fiz enquanto estudante de PIBIC. Um senhor falava sobre a realocação das bancas que margeavam o trilho do trem e mesmo sem dizer diretamente, ele demonstrava a importância do chão.

Falar sobre o chão traz a tona diversos pontos quando se faz esse atravessamento com a temática de feiras populares. Um dos pontos é que a autorização e imposto sobre a utilização do espaço público de feira e mercados, chama-se de autorização de chão de feira. O que também reforça o lembrete que mesmo permanecendo no mesmo lugar por anos ou décadas, aquele espaço segue sem ser do feirante.

Outro ponto, é que o chão num espaço de feira quase se torna escasso em meio a tantos feirantes e isso me remete a duas imagens. A primeira, é do uso do trilho do trem25 para vender produtos de segunda mão. Essa prática fez parte da região de feiras da Levada por muitos

Figura 46 - Banca de verduras e frutas na Feira da Levada pelo reflexo de um retrovisor. Fonte: Acervo Pessoal.

anos, gerando um uso da espacialidade rico e inquietante, onde a passagem do trem irrompe como marca cotidiana. Embora, não se saiba o início da feira de trocas no trilho do trem ao certo, as pessoas levavam os produtos e os espalhavam entre os trilhos, compondo o cenário entre as bancas, os passantes, compradores, feirantes e por vezes entre a passagem do trem.

Já a segunda imagem é de uma pequena banca de alvenaria de um sapateiro, que embora estreita, estava abarrotada com seu materiais de trabalho, que se apertavam ao lado da máquina de costura, ou nas prateleiras muito altas que emolduravam as 4 paredes, o que me lembra quantas vezes presenciei essas feiras que ganham os céus, amarrando, levantando, “suspendendo” seus produtos ao alto.

No entanto, retomando ao relato, ao tentar entender a importância de se manter ali, naquele chão à margem do trilho, inclusive ressaltado também por seu esforço para continuar ali. Essa lembrança me faz lembrar do seguinte trecho:

> Um grupo (...) não se contesta em manifestar que sofre, em indignar e protestar na hora. Resiste com todas as forças de suas tradições e essa resistência não permanece sem efeito. Procura e tenta, em parte, encontrar seu equilíbrio antigo sob novas condições. Tenta se manter ou se adaptar a um quarteirão ou rua que não são mais para ele, mas sobre o terreno que já foi seu. (HALBWACH,1990. p.137)

O autor reforça a relação entre os grupos sociais e o território que habitam, esse vinculo o faz buscar ficar. E quando não é possível no lugar que já foi seu, instala-se em seu entorno, num espaço que seja mais próximo do seu familiar. Halbwach (1990) também discute que esse desejo de nos manter no lugar ou transportar o entorno material aonde

Figura 47 - Bancas e Feirante debulhando feijão verde na Feira da Levada. Fonte: Acervo Pessoal.

formos é parte da busca de nos manter no que nos é habitual, pois o mundo exterior é inseparável do eu, havendo ali nossa marca e dos outros que coabitam esse espaço conosco.

Por isso, o desejo dos moradores da fazenda Água Negra nos traz a aproximação com tantas outras comunidades e grupos populares, sabendo que o território já faz parte das pessoas desse grupo, se faz necessário marca-lo de volta. Mostrar a marca do grupo e das pessoas no local. Além da sensação de permanência, de continuidade.

De certo modo, os moradores de Água Negra se assemelham aos feirantes, apesar de trabalharem e terem longevidade naquele espaço, o espaço é de outro. Dependem então do desejo desse "dono", seja o fazendeiro ou o poder público, no caso da cidade, para que a permanência de quem vive aquele espaço seja aprovada ou ameaçada. Talvez por esse motivo o chão e uma construção que represente longevidade se façam tão importantes. Pois por mais que se esteja, trabalhe, construa, viva aquele espaço não há garantias de permanência.

Um dos questionamentos que permeou a pesquisa é: quais os atravessamentos entre a materialidade, as relações entre pessoas, grupos, comunidades e o recorte espacial ao qual utilizam, se o que faz a Feira da Levada é seu recorte espacial, se são os feirantes e aqueles que vão fazer suas comprar ali ou até mesmo os acontecimentos cotidianos. Questão que pode ser reformulada ou desdobrada para outras, como: aquele recorte espacial será sempre Feira da Levada, mesmo com sua extinção ou grande modificação? Caso fosse realocada, a existência da feira de outrora em um novo lugar, com nova organização e nova

Figura 48 - Açougue "Deus é fiel" no mercado da Produção na Levada. Fonte: Acervo Pessoal.

materialidade, mas com os mesmos feirantes faria do novo lugar a Feira da Levada? Grandes mudanças na organização, na materialidade ou na lógica atual, deslegitimariam a feira como Feira da Levada?

Para Milton Santos “A produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos, naturais e artificiais. Cada tipo de paisagem é a reprodução de níveis diferentes de forças produtivas, materiais e imateriais” (SANTOS, 1988. p.22). Essa citação reforça a relação do homem na construção do espaço em que ele está inserido. O espaço seja qual for, não é apenas chão, mas parte de uma relação de troca entre quem o vive e constrói.

Mas há na questão posta pelo geógrafo outro ponto, que é a temporalidade. Quando o autor cita diferentes tipos de forças produtivas, materiais e imateriais, o que possibilita pensarmos nas diferenças dentro da complexidade da cidade. Seja um prédio de arquitetura colonial ao lado de uma arranha-céu com a fachada de vidro, datando cada construção a sua época, mas também esse prédio de arquitetura colonial pode simular períodos históricos, ou pode ser uma arquitetura histórica que teve parcialmente suas características mescladas a novas tendências. Ou também a mistura de técnicas, mesclando na cidade prédios que utilizam das práticas de construção legitimadas institucionalmente lado a lado de construções improvisadas, feitas com mão de obra menos mesmo feitas com técnicas consideradas rudimentares, como as construções de taipa.

Desse modo, pode-se entender a complexidade da produção espacial mesmo sem explicitar as dinâmicas hegemônicas, como as diferenças de produção espacial popular em relação às de iniciativa privada voltadas para o mercado e as que possuem iniciativa governamental. Ou seja, não há apenas técnicas e materiais relativos a um dado recorte de tempo, mas expondo a coexistência de técnicas, materiais, tendências e acessos (econômico, técnico e material).

Podemos, então, retomar a feira, pois apesar de ser vista como anacrônica, ela está presente nos dias atuais e tem “atualizações” que vão desde novos produtos a venda, materiais que compõem as bancas, nas máquinas que auxiliam os ofícios, além de que algumas vão ter televisores, caixas de som ou algum outro objeto que remeta a tempos mais atuais (mesmo que não sejam de última geração).

De certo modo, essa complexidade espacial mostra a infinidade de pessoas que vivem e viveram aquele espaço, bem como as mudanças e projetos governamentais para o planejamento do espaço urbano da Levada. Essas camadas de temporalidades podemos reforçar por meio de Halbwach (1990) que coloca que a interação entre o ambiente e o homem causa marcas em ambos, desse modo, os lugares

tem imagem, características que correspondem a essa relação.

Há uma coimplicação do corpo e espaço, bem como o tempo, no qual as pessoas e o entorno material que o cerca se adaptam um ao outro. Jacques, amplia essa questão, inserindo também os passantes, quem vive a cidade como modificador do espaço projetado, no seguinte trecho:

> Os praticantes ordinários das cidades atualizam os projetos urbanos e o próprio urbanismo, através da prática, vivência ou experiência dos espaços urbanos. Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que os atualizam. São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano. (2008. P. s/n)

A Feira, como lugar de vivência e passagem, está constantemente em atualização e reinvenção.

E retomando ao contexto dos espaços populares, percebemos que por mais que os habitantes daquele território não consigam instaurar marcas mais duradouras e fixas de suas vivências naquele espaço, sempre haverão marcas deles. Pois, “todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais” (Halbwach, 1990. p.133).

Ou seja, o ser humano interage. Ele se faz parte. E faz do mundo, dos lugares que frequenta e vive, parte sua. Não há feira sem pessoas, ela seria só um lugar vazio, com objetos dispostos. Não há feira sem feirantes, passantes, sem freguês. E não há freguês, passante e feirante sem a feira. O ser humano interage com o espaço e com outros. E a feira também é interação.

Pensando na Levada, lá estão: gatos, cachorros, pássaros,

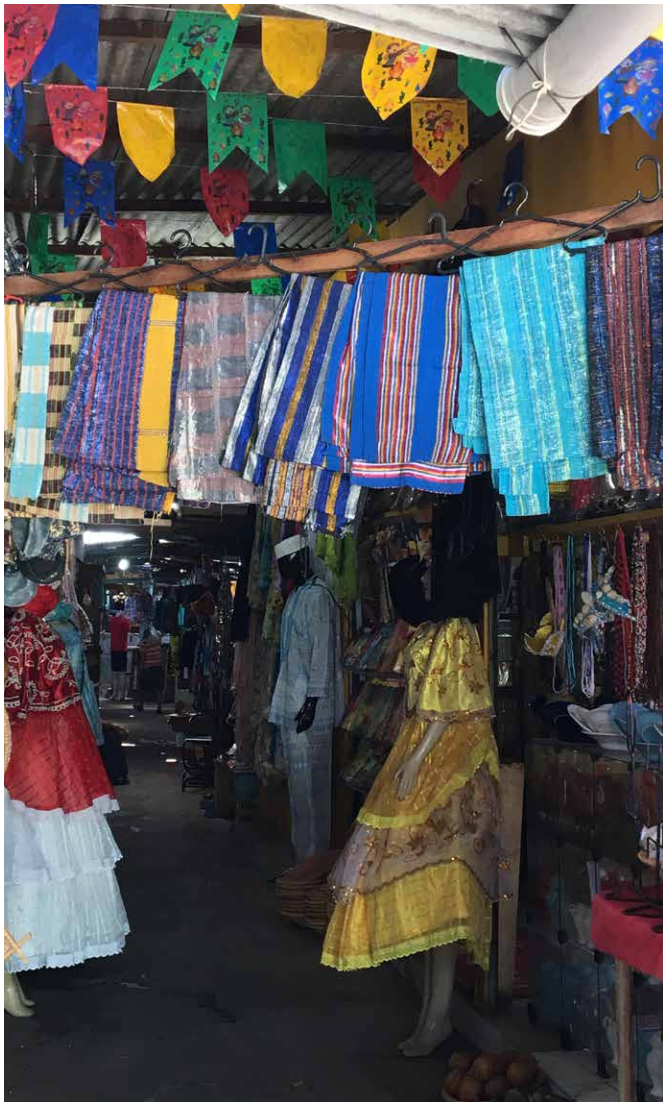


Figura 49 - Area de bancas de vendas de produtos religiosos e vestimentas. Fonte: Acervo Pessoal.

moscas, bodes, porcos, galinhas, alguns em gaiolas, outros soltos, alguns amarrados. Lá estão: mulheres debulhando feijão verde, crianças brincando, homens empurrando carrinhos de mão cheios de algum produto. Lá estão: pessoas sentadas e pessoas que não param, pessoas que entoam “coentro dois reais”, o Galego do Veneno sob seu guarda-sol. Lá estão: o carrinho de café com as cores e o símbolo do CSA e também uma estrela amarela, a placa com o dizer “não olhe” logo acima de uma grande seta apontando para uma venda, gatos dormindo sobre a ração. Lá está a feira. E todos vendem, compram, conversam, expulsam, convidam a conhecer os produtos, coabitam.

No entanto, é preciso destacar que por mais que a memória funcione acerca de uma imagem estática dos lugares, o próprio tempo vai depositar novas marcas e mudanças relativas a novas temporalidades.

Figura 50 - Placa com dizer “não Olhe, Veja Bem” que é o nome da lanchonete localizada no Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal.

Estar na Feira

“há entendimentos que não passam pela razão, são entendimentos do corpo” (Carola Saavedra)

Gosto de brincar de fazer feira. Olhar, ver coisas que nunca vi. Saber de coisas que nunca aprendi. Que peixe é esse? Que fruta é aquela? Essa pimenta arde? Como cozinha o polvo? A feira é lugar de falar, a feira é lugar de aprender.

Mas, às vezes tenho dúvida. Quase sempre tenho dúvida. Há pouco o feirante Daniel me perguntou o corte que eu queria do robalo. Como se corta o robalo? Eu não sei. Naquele dia, comprava o peixe para minha irmã que queria cozinhar como minha avó. Ali também estava o aprender.

Folheio o livro feira e mercados e vejo feira. Pimenta, caju, peixe, carne e bibelôs. Coisas de Feira. Que apesar de não ser Levada, também é. São coisas que podiam estar na Levada. E vejo a Levada ali. Reconheço o que eu já conheço.

Mas ao mesmo tempo, todo dia é um novo dia na Levada. Hoje não achei o peão. Mas hoje também achei o filé de siri que não havia encontrado daquela última vez. A feira é cambiante, ela é feita e refeita todo dia, a feira é presente, ela é o hoje.

Todo dia tem uma cor que chama mais atenção, já foi a cor da manga rosa, hoje foi o caju maduro, hoje foi o peixe que tinha um tom rosado. Todo dia, a feira é cor.

Todo dia, a feira é cheiro. Às vezes, é fedor do lixo, às vezes,

Figura 51 - Banca de Frutas na Levada. Fonte: Acervo Pessoal.

o cheiro forte dos peixes e carnes ao sol, ou cheiro de fruta madura, de erva, de flor. Todo dia, a feira é música, um som, uma fala, uma voz. Do “corre que ainda tem veneno”, “coentro dois reais”, “olha a peça bonita, a carne bonita”, a canção de um quase forró meio tecno que fez sucesso há anos atrás, ou a música que tinha bem forte o som da sanfona, a moto que buzina e acelera e, às vezes, há o som da chuva caindo sobre o telhado metálico. A feira, além de tudo, é hoje.

Não sei se todo dia é diferente, mas os dias de fato não são sempre iguais. Por isso digo: a feira é hoje. E hoje (9 de julho de 2022) é caju, é a chuva que cai no telhado metálico, é o tempo quase frio e ao mesmo tempo abafado, é a lama que mela a perna ao andar sobre as poças, sobre a terra, sobre o asfalto.

Mas se quer saber um pouco mais… A feira da Levada pode ser um lugar impossível, pode parecer um lugar impossível. A primeira vez que se vai, ela é tal qual um labirinto. Na verdade, talvez ainda seja, parece que há sempre um novo atalho, uma nova banca de ponto de referência, algo novo a ser vendido ou algum ponto que me passava despercebido.

A princípio, não me parecia decifrável as relações entre as bancas, o feijão, a ração e o produto de limpeza na mesma venda, os cheios e os vazios, que lugar era aquele? Isso me lembra de um trecho de um livro[26] de Clarice Lispector que venho lendo, quando a autora escreve:

> ——eu estava vendo o que só teria sentido mais tarde - quero dizer, só mais tarde teria uma profunda falta de sentido. Só depois é que eu ia entender: o que parece falta de sentido é o sentido. Todo momento de “ falta de sentido” é exatamente a assustadora certeza de que ali há o sentido (…) o que eu estava vendo eram coisas feitas, eminentementes práticas e com finalidade prática. (Clarice Lispector)

Talvez ser feira seja isso. Mas talvez nem sempre o seja. A falta de sentido da organização “comum”. É um lugar que ao haver a possibilidade de existir em seu arranjo próprio, uma nova forma de se apresentar, sempre que necessário ou possível, a mudança se faz pequena ou grande. A feira é e se faz hoje e se precisar de algo para hoje, logo resolve-se hoje. A feira é presente. A feira é mudança.

---

26 *A paixão segundo GH.*

FAVA
BOA
9.00
F. CORDA
FRADINHO
2.50
FEIJÃO
CARIOCA
5.00
FEIJÃO
CORDA
4.00
MAMONA
50 kg
Biotorta
torta de mamona
FAVA
COQUINHO
8.00

Perceber a Feira

Lembro-me bem de quando comecei a estudar sobre a Levada e no meio das minhas pesquisas me deparei com um artigo de Bárbara Nascimento, autora que também estuda a Feira da Levada, percebeu no ano 2008 a mudança dos produtos que em sua maioria eram in natura para produtos industrializados. A feira do passado não tinha, mas hoje na feira tem prestobarba, facas, desodorante aerosol…

Há uma certa excentricidade nisso. Ao estar na área “das carnes”, denomino assim por ter em sua maioria açougues e peixarias e ter um letreiro com a palavra “carnes” escrita, e ao sair em uma das portas achar ali, quase ao lado, um carrinho com sabonetes, desodorantes e lâminas de barbear. Mas é assim que é. É assim que a Levada se faz a feira. Uma feira como um lugar impossível, mas existente, vivo e mutável.

Em 2015, quando fui à feira da Levada pela primeira vez, lembro de estranhar, acabei me refugiando por um tempo no mercado do artesanato. Me pus a perceber o ritmo em que as peças eram expostas, as redes presas ao teto, as peças amarradas e emaranhadas que cobriam as paredes externas dos boxes.

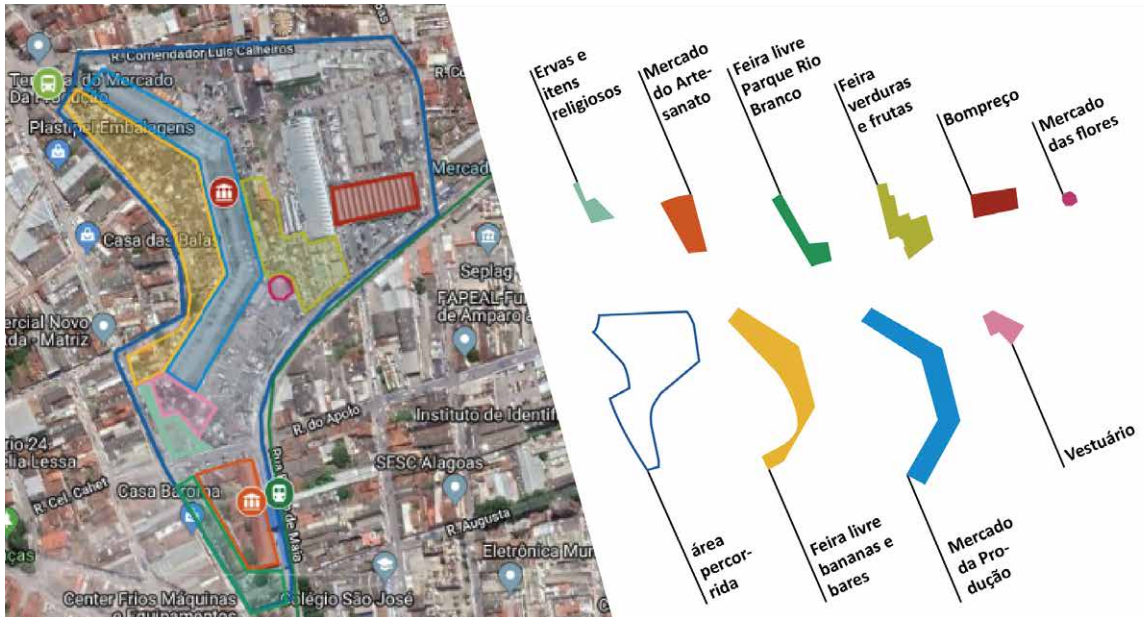


Figura 52 - Mapa região de feira da Levada. Fonte: Ramos, 2019

Apesar de ter fugido no primeiro momento, ainda durante a graduação fiz parte da iniciação científica com projeto sobre a feira da Levada sob orientação da professora Juliana Michaello e lá tentei compreender a feira, classificar seus itens e listar seus materiais. Segui, no trabalho conclusão de curso, tentando mapear o espaço, classificando, circulando, dando nomes a partir das características que cada lugar tinha em comum.

Cada área circundada (figura 52) trazia alguma característica do lugar, algo que tentasse, mesmo que de forma falha, passar a ideia da relação entre as bancas que ali estavam. Erroneamente, tentei classificar o que me parece inclassificável. No mercado de flores, também há ervas. Na área de frutas e verduras, há feijão verde. E o Bompreço, já não estava mais ativo. A Feira tem dessas coisas, cada canto pode ser um, mas mesmo assim se relacionar. Lá está a feira e suas coisas. E essas coisas podem ser roupas, frutas, carnes, peixes, verduras, raízes, ervas, panelas, temperos, cerâmicas, artesanatos, potes e vasilhas, gaiolas, ração, chinelas, feijões, farinhas, cds e dvds, ferragens, canos de PVC, etcetera.

Cada canto é múltiplo e ainda assim pode ser um. As coisas lá se emaranham, se misturam, se mesclam. A gaiola, a ração, o amendoim e a água sanitária se agrupam ali. E essa mistura, esse emaranhado de coisas, são as coisas que formam a Feira.

É interessante usar a palavra coisa dentro da vastidão das possibilidades que essa palavra traz. Uma palavra que designa tudo o que existe ou possa existir, uma palavra que se estica. Talvez por isso faça tanto sentido.

No prefácio do livro “Matéria e memória” de Bergson, ele traz a palavra coisa ao falar das reduções da matéria entre representação e a coisa. A coisa, nesse caso, como o que ela “é realmente”, já que a percepção da cor e resistência material, exemplos dados pelo autor, dependem da nossa percepção e interação. O que talvez faça a coisa ser e não ser ela mesma ao mesmo tempo. Tal forma de pensar a palavra me leva a pensar na feira e nas contradições que ela possui em si mesma.

Ao falar de coisas de Feira, uso esse termo por que ele traz a capacidade de falar de elementos, sem enumera-los, mas que existem dentro de um recorte. Nesse caso, de um território. Um lugar em comum dessas coisas. Buscando fazer uma apresentação dele por suas partes, sem almejar expor a feira em sua totalidade. Pois listar e encapsular todas as coisas já se mostra uma tarefa impossível e inadequada, ainda mais num lugar que se refaz. Um lugar mutável.

Só que falar da Feira hoje, um hoje que se escreve desde 2015 na minha primeira visita a feira ou escrever da Feira é saber que quando for lido ou até mesmo escrito será

das tantas feiras que vivenciei ontem, mês passado e nos anos que se passaram. E isso me traz diversos questionamentos de como escrever sobre a feira, o que é essa feira, se essa feira ainda vai "existir", afinal ela sempre muda. Sempre é ela, mas nem sempre é a mesma. No entanto, as coisas, a feira, a Levada ou qualquer outra temática que pudesse ser tema de dissertação também pertenceriam a uma temporalidade.

A temporalidade, além de aparecer nas fotos, nos relatos, ela aparece circunscrito dentro do texto, em conceitos mais sedimentados que tiveram mais tempo de reflexão, bem como em ideias menos maduras. Pesquisa também pertence ao tempo.

Ela aparece inclusive quando chamo feira de outro. Venho refletindo nessa indagação que a professora Roseline me fez durante a qualificação: *"por que a feira é outro?"*. E desde então, retomo as lembranças. Não me era comum ir na feira. Dela, quando criança, não guardo memórias.

O comércio que me lembro são os mercadinhos de bairro. Meu pai trabalhou em um e lembrar as visitas a ele, trazem a tona o gosto de biscoito, salgadinhos e chocolate[27]. Perto da casa dos meus avós maternos, que morei na infância, tinha um mercadinho, o Mercadinho do Seu Heleno que

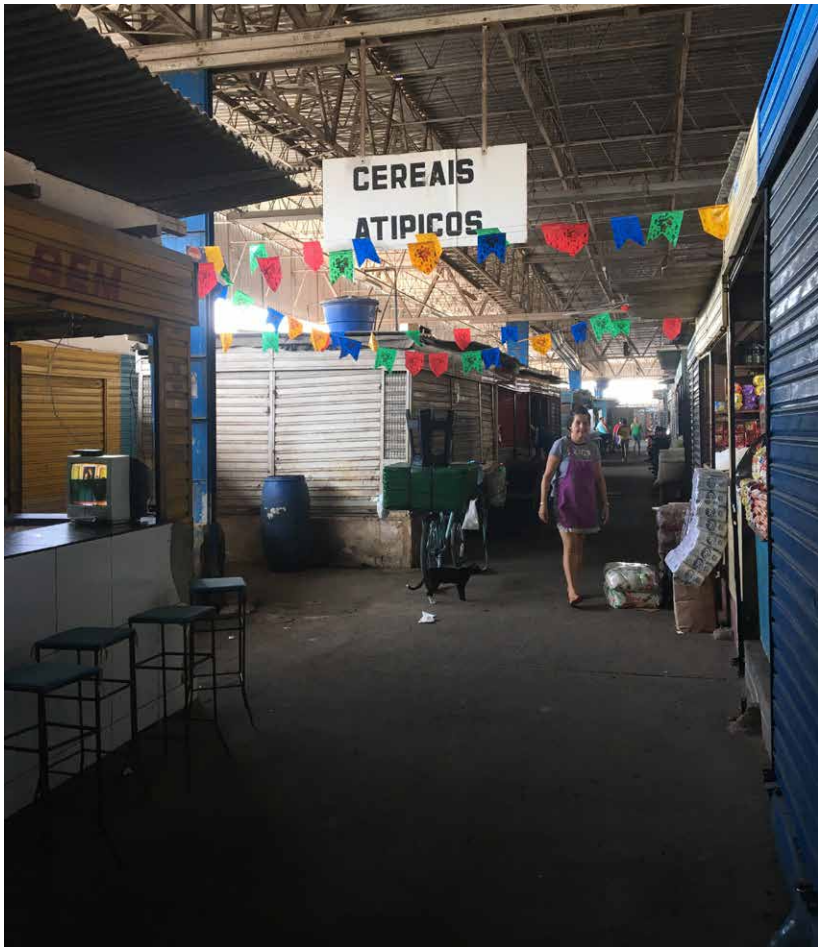


Figura 53 - Mercado da Produção, area de cereais e restaurantes.
Fonte: Acervo Pessoal.

[27] *Embora não saiba a certo se essa memória veio das compras no mercadinho na rua da minha avó paterna, onde meu pai morou. Ou se vem de fato, do mercadinho que ele gerenciou.*

também evocam a coca-cola que acompanhava os almoços de domingo, as guloseimas que comprava com minha irmã mais velha, principalmente os chocolates em formato de tartaruga. Tudo, nesses cenários, era pequeno, íntimo. Tinha ali o nome próprio.

Já as minhas memórias de feira são sempre das idas com o grupo de pesquisa. E ali me deparei com a feira que é grande, ampla. Antes de ver a feira no seu íntimo, me deparei com sua extensão, com vários rostos que não eram conhecidos e ainda não são, a sonoridade própria, os odores, as falas em tom alto que chamam para ver seus produtos.

Antes de reconhecer a feira como algo que já se conhece, temos que aprender sua lógica. E eu via pela lógica do desenho técnico. Queria desenhá-la em traços finos, o que me parecia longe; e mais grossos, quando tinha maior aproximação com meu olho de observador. Queria desenhar a feira com esquadros e régua paralela. Mas suas retas faziam ângulos diferentes de 30, 45, 60 e 90 graus. Queria desenhar em perspectiva isométrica. Mas a feira não obedece ao esquadro. Ela se desenha em outros ângulos. O perto e longe se misturam. E assim, não sei quanta força[28] pôr na mão para desenhar os itens embaralhados que vejo.

Me parecia que via uma das perspectiva impossíveis de Usher. Mas ainda buscava o caminho "lógico" que faria a visão entender o espaço. De tanto me perder, vejo que a feira me ensinou que para entender o que não nos parece palatável temos que ver sob sua lógica, deixar as linhas se cruzarem e se embaralharem. Dar atenção aos detalhes que saltam à sua vista. Ir e voltar. Achar e perder. Porque em todas as idas a feira, havia uma feira e um eu, a feira e eu sendo o que éramos naquele dia[29].

Antes de escrever sobre a feira, eu listei os objetos que a compunha. Me debrucei a perceber o que fazia uma banca. Muitas eram formadas por caixotes de feira. Mas mesmo assim, elas tinham suas diferenças. Em plástico ou de madeira. Maior ou menor quantidade de caixotes agrupados. Tinham mesas de madeira compondo o espaço, guarda sóis, telhados, caixas térmicas. De repente, havia uma carteira escolar como banca. As bacias que como fazia de se mesmo uma banca-parangolé, que se acopla ao corpo e acompanha seus movimentos. Tem os carrinhos de mão que levam as bancas e fazem delas comércios itinerantes. Tudo pode ser

---

28 Para fazer um desenho técnico usamos o artificio da força do lápis sobre o papel e das lapiseiras com pontas de diferentes espessuras para conseguirmos os diferentes traços. O desenho sempre começa com traços leves e quando finalizado, cobrimos traçando com mais força. Usar a força no desenho faz a relação de terminar o que estava sendo desenhado reforçando a espessura e cor que representam o que está mais próximo ou mais distante.

29 Heraclito tem uma frase que diz que uma pessoa só se banha no rio uma vez, porque toda vez que uma pessoa retoma ao rio, não será o mesmo rio e nem a mesma pessoa.

usado na feira. Tudo pode se tornar feira. A feira vive a lógica do fragmento[30] e faz sua própria construção com que se tem na mão. Usa a imaginação e transforma por meio de fazer gambiarra uma coisa-gambiarra-feira. Ou apenas uma feira.

Antes de escrever sobre a feira, eu fui ler a feira. Fotografava e lia tudo aquilo que tivera sido posto em letras e que encontrava nos meus caminhos. A fé, o nome da banca, o nome dos produtos, o nome dos donos, as rasuras, os desenhos. Lia classificava e listava. Via as cores que eram escolhidas para desenhar as letras, se tinha traçado considerados como do tipo grotescos, cursivo, gordos, expressivo[31]. Notei o que falta[32]. As palavras incompletas, as rasuras e os escritos claros sob camadas de tinta.

Agora que eu escrevo, escrevo pensando que a feira me mostrou o outro. E o outro é o que eu ainda não conhecia. De acordo com Tavares (2021. p. 27) “Compreender é puxar para dentro, não compreender é empurrar para fora (…) A compreensão intelectual, é uma compreensão física; com medidas de proximidade ou afastamento”. Ou seja, localizar a feira como outro, inicialmente, a coloca nesse lugar fora do que eu conhecia. Ela ocupava o local da não compreensão. Agora, após anos de pesquisa a feira deixa de ser outro, pois puxei ela para a proximidade daquilo que é conhecido.

O tempo me apresentou a feira. E durante essa passagem de tempo entre minha primeira ida a feira como estudante e a feira que vou como mestranda a vi de diversas maneiras. Afinal a Feira pertence ao tempo. O tempo a permeia. E com o passar do tempo, ela se fez várias feiras. A feira que tinha bancas ao redor do trilho do trem. A feira que ocupava a construção onde hoje fica o Mercado do artesanato. A feira que coube dentro do projeto do Mercado da Produção.

A relação entre a feira e o tempo traz a tona talvez a maior das características da feira. Ela é vista muitas vezes como local anacrônico. Mas será que o é? Não questiono como tentativa que opor a feira do hoje as feiras que tiveram tanta importância na construção das cidades ou aquela que a própria Feira da Levada já foi. Nem maneira de discordar que há uma distinção do comércio formalizado de lugares como: shoppings e supermercados com a forma de fazer feira.

Mas ao pensar no que é anacrônico, que

---

30 Jacques, em Estética da Ginga, ao estudar as favelas percebeu como os fragmentos materiais estavam presentes nas construções das casas, tudo que parecia poder ser reutilizado, era levado a fazer parte continuação da construção, do puxadinho, da laje, das constantes melhorias.

31 Essas classificações são comuns dentro da classificação de tipografias e letreiros vernaculares. Esses termos: Grotesco, gordo, expressivo foram alguns dos utilizados na pesquisa de TCC.

32 Essa percepção dos letreiros incompletos e que estavam se apagando gerou o artigo: Vestígios gráficos: fragmentos de letreiros manuais e do ofício do letrista da feira da Levada. AVIA! SEMANA DE DESIGN, 2019.

invariavelmente remete a questão do que é contemporâneo, Jaques constrói a partir de Agambem que “Para ser contemporâneo, seria preciso deixar que outros tempos emerjam no tempo presente […] escapando da linearidade simplista ao misturar passado, presente e futuro” (Jacques et all, 2022 p.29).

Sendo assim, proponho olhar a Feira como espaço, um território de vida e expressão da cultura popular, esta que de acordo com Hall (2003) não se fixa na tradição e na manutenção rígida de uma forma de ser e fazer antiga, mas que este elementos que o formam possam se articular, se reorganizar a partir das influências contemporâneas. Ou seja, espaço esse que acompanha as mudanças culturais e que joga com as disputas de poder e com aquilo que aflige aos que fazem parte dela. E que brinca com o tempo tendo em si o passado, presente e futuro em si mesmo.

Por isso, não escrevo a Feira e nem todas as coisas da feira. Escrevo a feira que me foi apresentada e as coisas a qual percebo, pois hoje acredito que listar as coisas de feira, mapeá-las, contá-las dessa maneira (fotografias, vídeos, relatos, descrições) a coloca como o que ela realmente é - em partes, ou pode ser, ou que talvez o seja - porque parte de interpretações e vivências que pude ter sozinha, com minha orientadora, junto ao grupo de pesquisa e juntos as meus colegas. Pois assim como a fala de Borges “Um livro dessa índole é necessariamente incompleto” (Borges, 1995. P.9), penso que teses, dissertações e pesquisas também sejam ou devam ser, ao menos dessa índole.

Talvez por esse motivo essa seja uma forma de desorganizar o disciplinamento dos espaços e do saber, já que nenhum lugar/espaço/território se resume à dimensionalidade de um papel, escrito ou desenhado, nem tão pouco de um recorte da temporalidade. E, desse modo, trazer uma contribuição própria das percepções, do lugar, da paisagem e do território feira possa vir a dar armas para que outros possam continuar a pensar, fazendo uma parafrase[33] de Tavares (2021).

Apenas busco de algum modo mostrar um pouco da feira que o mapa não mostra, mesmo já não havendo um mapa para ela. E lembro: a “definição do lugar exigiria fronteiras [assim como a forma de fazer um mapa], no entanto ele se organiza como um nó, aberto, como uma estrela ou um corpo vivo.“ (Serres, p 252), é desse modo que busco pensar e acredito que seja a Feira, como um corpo vivo e mutável.

---

33 *“Depois de tu pensares eu tenho mais armas para continuar a pensar” (TAVARES, 2020 p.19)*

SORRISO
Colgate
Rexona
72H
Pimpo
60
KIARROZ
sepé
CORINGA
Filizola
Nissin

Temporalidades: A feira e seu(s) tempo(s)

Ao falar de Barthes, Tavares (2021) desdobra o corpo expondo por meio de sua tridimensionalidade dizendo:

> Eis o corpo orgânico, o corpo que ocupa espaço (…). E se podemos definir o corpo como algo que rodeia e é rodeado, portanto um corpo espacial, influenciado e influenciando o espaço também podemos e devemos pensar num corpo que rodeia e é rodeado pelo tempo; o corpo não tem apenas coisas à sua volta, está no tempo e tem também tempo antes e depois: memória e projeção" (Tavares 2021. p.185).

Pensando na perspectiva do tempo e retomando a feira, repenso nessa feira. Nessa ideia de feira que é presente, que tem o hoje como tempo principal. Pois se vou na feira hoje, vejo a mesma feira, mas sempre sob aspectos diferentes. Vejo produtos novos, vejo a fruta da estação. Maga rosa, caju, abacate, pinha, graviola. Sempre há espaço para o novo. Mesmo que muito do que esteja ali permaneça o mesmo. E é por isso que vejo que a feira é mudança, mesmo que singela. E retomo a necessidade de colocar a feira na temporalidade que se apresenta. No hoje.

Mas certamente, é discrepante a ideia da feira que vive no presente dizer que muito do que está ali no local ainda é o mesmo de tantas outras visitas que já fiz. Se permanece igual, a feira também é outrora. É o ontem. O mês passado. É 2019, 2018, 2017…

Por outro lado, será que a feira também não é futuro? Afinal, percebo que a feira se projeta ao permanecer. Se fixa, afixa, põe pregos, refaz a banca com materiais mais duráveis. Caso não possa, se faz de materiais que possam ser faclimente substituídos e retornar a fazer feira, como: um(a) feirante com uma bacia de alface ou sacos de feijão verde, caso esse feirante tenha sua venda ameaçada, tem maior facilidade de se refazer e retomar seu lugar na feira no dia seguinte.

Se "O tempo se dá pêlos homens" de acordo com Milton Santos (1994. P 40), então podemos pensar em um futuro que está marcado na repetição da prática no dia a dia, no reforço do habito, na constância. E essa repetição faz com que saibamos que amanhã vai ter feira. É nesse esforço que permanece a ter feira.

Então considerando a relação tempo-humanidade, o autor define tempo por "temporalização prática, movimento do mundo dentro de cada qual e, por isso, interpretação particular do Tempo por cada grupo, cada classe social, cada indivíduo." (Santos, 1994. p. 40). Podemos questionar, enquanto a feira, quais são os tempos que são regidos por suas movimentações?

Relembro de uma conversa com uma feirante que vende sandálias e produtos em couro. Na qual ela nos contava sobre a sua rotina e a de seu marido, que já tiveram uma banca de laticínios e uma lanchonete, ambas no mercado da produção. Como vendedora de uma loja

de artigos de couro o horário dela começa cerca de sete horas de manhã e termina as cinco da tarde que é quando ela já tem retirado os itens presos a parede e recolhido junto a uma espécie de estante-vitrine-carrinho que ela empurra para dentro do seu box no Mercado do Artesanato.

Já quando ela me conta a rotina de trabalhar no Mercado da Produção, ajudando seu marido, ela descreve que chegavam as 3 da manhã e ficavam até as sete horas da noite. Por lá, o movimento era até meio dia, mas a organização e a limpeza estendiam o turno até o início da noite.

Assim a feirante nos mostra que cada prática tem seu tempo. Tempo: do abrir, montar, organizar, tempo que vende mais, tempo do ócio, tempo de guardar, fechar, de lavar. A própria feirante descreveu:

> "É tanto trabalho, minha filha, que você não nem queira imaginar. É puxar o carrinho, tirar os chapéus, colocar tudo aqui, separar e depois ai a gente vai colocando aqui, quando termina coloca essas daqui no banquinho da promoção e o bancozinho que sobra a gente coloca lá dentro"

Sendo assim, podemos pensar nas diversas durações e sazonalidades produzidas pelas pessoas que fazem a feira, como indivíduos, como grupos e como feirantes da Levada. Podemos considerar que há o tempo da perecidade, das carnes e peixes para que eles sejam vendidos antes de apodreçam com o sol; da rega as flores e ervas para que não sequem. Há o tempo dos fluxos diários, há a manhã para abastecer os restaurantes e casas com alimentos ainda frescos; há o tempo dos bares que começam a encher após as bancas começarem a fechar e nos finais de semana; há meses de maior vendas, como: maio e junho, no quais roupas juninas, sandálias de couro e adereços tomam conta do mercado do artesanato; há o período de véspera da páscoa que o mercado se enche de pessoas comprando pescados…

Desse modo, parece-me que anteriormente ao falar de um único tempo da feira estava classificando e reduzindo tal qual tentei fazer nos espaços e objetos.

O que nos leva a perceber que os tempos da feira se relacionam com o espaço material, Jacques (2017. P. 320) percebe : "A coexistência de diferentes tempos está evidente na materialidade da cidade", mas a autora retoma a ligação da cidade com o tempo passado, seguindo: "No tempo do 'Agora' estão presentes as sobrevivências de gestos do 'Outrora', mas não de um passado histórico e linear" (P.320).

Desse modo, a autora evidencia que esse tempo chamado de outrora são resquícios de diversos tempos e planejamentos para uma cidade-futuro, mas que emergem na materialidade dessa cidade heterogênea. E ampliando a visão de Santos, sobre a produção temporal do ser

humano, a autora inclui tanto as temporalidades, quanto as espacialidades como construídas pelas pessoas. E para ela ambos são resultados da ”imbricação dos corpos, das corporalidades, em ação” (2017, P.335).

Por outro lado, essa temporalidade que se relaciona com o passado, embora citado anteriormente dias e anos atras, pode-se também fazer um maior recorte temporal. Discorrendo da seguinte forma:

> A consideração do anacronismo como possibilidade de compreensão temporal faz parte de um modo de pensar impuro, em movimento aparentemente caótico – ou de fato caótico, se pensar-mos o caos simplesmente como uma forma de organização mais complexa – em que se podem perceber os diferentes tempos, como em sonhos ou memórias involuntárias. (Jacques et al. 2022. p.24)

A autora nos convida a pensar em temporalidades e especialidades mais complexas, que fujam da organização e estruturação comum, nos fazendo perceber esses diferentes tempos apresentados pela feira. Além dos tempos já descritos, podemos inferir que há também o tempo da tática[34] e da astúcia, que se dá na falta, ausência ou nas lacunas das intervenções do poder público.

Ao falarmos da tática e astúcia da feira emerge a

Figura 54 - Banca de conserto de liquidificadores. Fonte: Acervo Pessoal.

[34] *Uso o conceito de tática trazido por Certeau (1994. P.46 e 65): “Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro (…)Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo (…) a tática depende do tempo, vigiando para “captar no vôo” possibilidades de ganho.O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos“*

disputa espacial em busca da subsistência e permanência. De forma recorrente notamos nos feirantes atos de insurgência, comumente percebemos a retomada dos espaços ou das intermediações do espaços onde foram retirados. No entanto, Velloso (2017) nos apresenta a insurreição como:

> corpos trafegando pelos lugares, corpos experimentando espaços desviados de suas funções primárias, em usos corpóreos dos lugares que não raro serão extrapolações de atribuição programática (ou funcional), de um lugar, para ficar com o vocabulário da arquitetura racionalista da primeira metade do século XX. (Velloso, 2017. P.45)

O que podemos considerar que a própria existência da prática da feira é um ato de insurreição, pois ”Cada insurgência é experiência de ruptura transitória com o lugar; (…) Toda e cada insurgência explode a lógica subjacente ao urbano desenhado e planejado “(Velloso, 2017. P.45). Para a autora que destrincha insurgências por meio dos escritos de Benjamin (2006) sobre manifestações e protestos contra-hegemônicas na Europa, elas são atividades que contrariam o ordenamento dos espaços como ocupações que “não podem durar para sempre (…) seu fim, seu alvo a atingir - a provisoriedade e a inversão, não a duração”. (Velloso 2017. P 61).

No entanto, ao trazer ao contexto de feira, percebemos uma insurgência que tem como objetivo sua duração, mesmo que conte com a provisoriedade e com a instabilidade de seu status. A insurgência é sua prática cotidiana e sua forma de manutenção.

Figura 55 - Cascas e ervas amarradas em banca. Fonte: Acervo Pessoal.

O próprio termo cunhado por Certeau (1994) proporciona o entendimento de tática como dependente do tempo, ela é ação fortuita, o que exige conhecimento do tempo para saber a hora de agir, caso contrário não obtém ganho. De certo modo, percebe-se que a feira é regida pelo seu próprio tempo e diversas temporalidades próprias aos ofícios, locais e práticas. E que assim como na tática, os ofícios tem por necessidade conhecer o tempo para estabelecer suas práticas

Saber contar, decifrar e por em códigos, classificar

É sempre um exercício[35] falar das Feiras da Levada para colegas que não a conhecem, algumas vezes falei, mas há uma impossibilidade de explicá-lá.Afinal, o que se pensa quando se fala em feira? Podem ser bancas de madeira, a feira nas segundas-feiras (como em Arapiraca), as frutas da época, as feiras de trocas (algumas vezes com produtos roubados), os mercados de peixe e pescados frescos para quem vive próximo ao mar, rios e lagoas.

Das vezes que tentei falar sobre a feira da Levada sempre me viam imagens e os caminhos que percorri para fazer compras, para conhecer a feira, ou para fotografar os letreiros populares[36]. Mas sempre notava que não conseguia pôr em palavras tudo que pode se encontrar lá, sempre lembrava de algo que havia me esquecido ou então não conseguia descrever as diferenças espaciais ou os caminhos que percorri. Sempre faltava algo.

No livro A Feira, Sidney Wanderley (2017) diz “uma feira é uma feira é uma feira. O mais, disse-me Proust em certa tarde, é memória, madeleine e macaxeira” (P.8). Afinal, concordo com Wanderley, uma feira é uma feira, mas como fazer outros entenderem a Levada? Então, tentando deixá-la mais estruturada, pensei que categorizando a feira da Levada talvez pudesse explicar-la assim: É um território no qual se divide na prática de feira dos seguintes produtos:

a) animais para consumo: boi, frango, porco, vísceras, peixes, crustáceos, moluscos;

Figura 56 - Galinha amarrada em um caixote. Fonte: Acervo Pessoal.

35 Dentro do grupo de pesquisa fizemos algumas atividades relativas a Feira e por termos alguns participantes de fora de Maceió tivemos diversos momentos de narrar a feira, mostrar fotos e essas trocas fizeram perceber a dificuldade de contar como a feira é.

36 Quando cito o termo Letreiros ou letreiramento popular(es) remete a uma área de pesquisa dentro do design referente aos escritos manuais, geralmente feito por um pintor especializado em letreiros, chamados de pintores letristas ou abridores de letras. É uma área de pesquisa em design, geralmente associado ao campo de memória gráfica e de cultura popular, buscando estudar, salvaguardar elementos tradicionais e ou populares presentes nesse tipo de produção e debater sobre a identidade local e regional. Trabalhei com os Letreiros da Levada no meu trabalho de conclusão de curso.

b) Itens para animais: ração, gaiolas, guias, etc;
c) grãos e cereais: amendoim, castanha, diferentes tipos de feijões e favas;
d) embalagens: sacolas plásticas, na maioria das vezes;
e) frutas: de banana, uva, maracujá, morango, manga, caju, até mesmo lichia;
f) verduras;
g) raízes;
h) utilitários: como panelas, bacias, depósitos plásticos;
i) produtos alimentícios industrializados, como: café, leite, farinha de milho para cuscuz;
j) produtos de higiene industrializados, como: lâminas de barbear, detergente, sabão em pó e sabonetes;
k) artefatos de uso religioso: desde imagens do candomblé e umbanda, velas, guias, indumentárias, incensos, ervas, pedras, sal grosso a tudo que seja usado dentro dos rituais e práticas religiosas;
l) artefatos da medicina popular: ervas, cremes e remédios;
m) vestuário: infantil, feminina, masculina, para atividades físicas e roupas íntimas;
n) artesanato: pode ser em palha, barro, madeira, bordado, tecelagem, etc;
o) materiais e ferramentas de construção;
p) pimentas e outros temperos;
q) coco em suas diversas formas;
r) goma para tapioca;
s) flores;
t) fumo;
u) vassouras;
v) veneno;
x) animais vivos: pintos, galinhas, pássaros;
z) etc;

No entanto, assim como em minhas tentativas de relatar, essa listagem também não esgota a feira. Pois, lá está tudo que puder ser vendido. Já vi fogareiro, pratos, papel higiênico e papel toalha, chaveiros, desodorantes, cofres, cadeados, chapéus, mangueiras para fogão, facas, canecas, flores, tantas coisas que nem consigo listar sem buscar na memória todos os caminhos que já percorri, todas as coisas que já comprei ou busquei. Além disso, na Levada também há prestação de serviços como: lanchonetes, restaurantes, chaveiros, sapateiros, cabeleireiros.

A listagem anterior, mesmo sem tentar zombar das categorias, de certo modo, remete a divisão que Borges[37]

37 *"certa enciclopédia chinesa intitulada Empório Celestial de Conhecimento Benévolos. Em suaremotas páginas consta que os animais se dividem em (a) pertencentes ao Imperador, (b) embalsamados, (c) amestrados, (d) leitões, (e) sereias, (f) fabulosos, (g) cães soltos, (h) incluídos nesta classificação, (i) que se agitam como loucos, (j) inumeráveis, (k) desenhados com finíssimo pincel de pêlo de camelo, (l) etcétera, (m) que acabam de quebrar o vaso, (n) que de longe parecem moscas." BORGES, Jorge Luis. O idioma Analitico de Wilkins, In: Outras Inquisições, Editora Globo S.A., São Paulo, 1999.*

faz dos animais. Mas que podia trazer outras categorias de percepção das bancas e espaços, como:

a) que fedem nas tardes quentes;
b) vazios e silenciosos;
c) que não se pode parar;
d) que tem mais moscas;
e) que se enchem de tons terrosos de argila e amarelados da palha;
f) com animais soltos;
g) com animais engaiolados;
h) que nem os próprios feirantes estão;
i) que se tingem de vermelho a medida que vai passando o dia;
j) que ficam ao sol;
K) que se vivem uma eterna primavera;
L) que guardam os produtos como segredos;
M) que as pessoas dividem a passagem com carros, motos e bicicletas;
N) que o tempo transforma o verde em amarelo;

Mas me parece insatisfatório. Há várias formas de classificar e de questionar as classificações que poderiam ser feitas a partir da feira. No entanto, Foucault (2000) ao discorrer sobre o trecho da classificação dos animais feita por Borges, põe a impossibilidade do pensamento, não dos itens e nem da lista em si, mas desse local que contenha todas essas coisas, que estas coisas estejam juntas. Desse modo, penso a feira e só consigo descrevê-la como esse local impossível.

É esse lugar que tem em uma só banca a venda de ração, amendoim, gaiola e alguns alimentos industrializados; que tem um gato dormindo e se alimentando da ração canina. Quase no mesmo lugar, só um pouco mais a frente, há uma área tingida de vermelho-sangue, com cheiro de peixe e o piso coberto de escamas, repleta de sons: a serra da máquina de cortar carne, o som do movimento do corte da carne e do peixe, a faca golpeando a carne contra a pedra, as conversas. A serra tão alta que me parece tentar vencer a voz dos que cantam os produtos ou dos que gritam promoções. Mais a frente, saindo pelo portão, vende-se roupas; e adiante, perto da rua principal encontram-se raízes: macaxeira, inhame e ervas. É o vazio que se avizinha ao cheio, que se avizinha ao silêncio, que se avizinha às ervas, que se avizinha ao lixo, que se avizinha aos sapateiros.

Outro ponto que Foucault traz é a existência do paradoxo da repetição ou justaposição de animais que podem ser classificados em mais de um item assim como na feira. A feira repete esse mesmo paradoxo, não há bancas ou espaços homogêneos, demarcados. Opondo-se, inclusive, a minha primeira tentativa de classificação e mapeamento da feira. Como disse a feira é hoje, é feita hoje e caso haja necessidade de vender um novo produto ou modificar seus elementos e

características, ela se modifica pela sua permanência.

Isso pode acarretar ser vista um tanto como desordem, mas que também pode não o ser, ela é um lugar outro. O impossível de Foucault, na verdade, pode ser um lugar inclassificável. Ou ambos. Como apresentado pelo autor na seguinte frase: “Nós vivemos na época da simultaneidade: nós vivemos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado-a-lado e do disperso” (FOUCAULT, 1986. s/n).

Talvez, pudesse, de modo que fuja às classificações, trazer a feira de outra forma, como por exemplo a forma que Sidney Wanderley (2017) conta a sua experiência e descreve a feira de Viçosa.

> a feira começava timidamente a armar-se às tardes de sexta, tolda em seguida de tolda, o rústico da madeira deixando-se cobrir pela proteção de lonas fulvas, para desabrochar com seu viço estonteante nas manhãs de sábado. Ainda no início da noite da sexta, enquanto experimentamos copos de arroz-doce ou pratos de sarapatel, os mais apressados iniciavam as compras de frutas e verduras e escolhiam as melhores peças de carne regateando com método e sem pressa com os marchantes, que afiavam seus enormes facões no carcomido do granito das tarimbas. No outro vão do mercado, imperavam os sacos de milho, arroz, feijão, fava, farinha e açúcar, e um pouco adiante, as grossas e escuras tripas de fumo de rolo, egresso de Arapiraca, quase a beijar os queijos de manteiga e coalho, fugidos de Quebrangulo. Madrugar no sábado era preciso para quem pretendia disputar os raros e caros ovos de galinha de capoeira (...) que se achavam no primeiro dos três galpões gêmeos recobertos com telhas de amianto, ao lado das bananas amadurecidas à base de carbureto e das melancias (...) Jabuticabas e cajus sedutores, uvas e maçãs de terceira qualidade , manga rosa e espada, mamões e melões a se revezarem com as cores pátrias, laranjas mal empilhadas, goiabas para a devoração imediata ou para o doce em calda, jacas mole e duras (...) nada disso era páreo para o cheiro inebriante do cominho, que nos provocava desde as barracas do segundo galpão, de coentros, tomates, alhos e alfaces em profusão, cebolas e repolhos de um roxo fúnebre, pimentões e pepinos de um verde ofensivo, quiabos, maxixes, repolhos e chuchus de um verde indeciso, e o laranja fosforecente do carrossel holandes da copa de 74, que se anunciava na pele das cenouras e no coração das abóboras, por nós chamadas de jerimuns. No terceiro galpão, morros mal-ajambrados de macaxeira, batata-doce e inhame disputavam com emaranhados de tripas, cabeças, orelhas e mocotó de porco, língua e corações de boi, buchos e fígados de bode (...) (p.23-24)

O autor segue descrevendo o comércio de aves de granja; aves e pássaros; artesanatos locais; utilitários; bancas de roupas; de móveis; a banca de lona que vendia pequenos peixes ressecados; a cachaça; a venda de ervas e remédios naturais; a lembrança dos livros de literatura de cordel que deram espaço aos cds e dvds. Wanderley também relata a proximidade com o trilho do trem, os barbeiros locais e a barraca de quebra-queixo. Contando sua experiência de um lugar que se repete na próxima semana.

A feira de Viçosa, me remete bastante a feira da Levada, mesmo em cidades diferentes e sendo uma temporária, funcionando apenas um dia na semana, e outra fixa/permanente, muitos dos produtos se repetem. Podendo até mesmo ter as mesmas vizinhanças. O interessante do autor é que ele caminha sobre a feira, relata as particularidades locais, cita o que lhe chama atenção, traz o barulho e os odores que entrecruzam seu caminho. Traz em suas palavras a sua percepção de experiência do lugar.

Posso também contar alguns dos meus caminhos, daqueles que fiz. Por exemplo, lembro-me que descendo do trem, na estação no prédio do Mercado do Artesanato, quase sempre passo o olho nas bancas de lá. Vejo peças de filé, cangas, vestidos, saias e camisas varias brancas ou de algodão cru, apesar de também ter bastante as estampas indianas, depois vejo as sandálias de couro dentro de grandes cestas separadas pelo preço e penduradas em biombos metálicos. Do lado oposto, mas ainda dentro da edificação só que ao sol, tem mesas, cadeiras, baús, bancos, vasos, cabaças… Aquele lado me parece que é pintado em tons amarelos e alaranjados de tantos artesanatos de palha e das cerâmicas de barro. Esses tons só se dissipam por causa de uma ou outra lojinha de redes, bolsas e artigos em tecidos.

Há duas possíveis saídas daquele edifício, a primeira, o portão frontal que dá para a Rua Cel. Cahet, que é a rua de quem vem pelo centro pela Praça dos Martírios, mas que leva esse nome ao atravessar o trilho do trem; e a saída dos fundos, que passou a ser uma rua sem saída quando cercaram as margens do trilho do trem, mas que por ali ainda se une às bancas e ao comércio popular da Rua parque Rio Branco.

Costumo sair pela frente, atravessar assim que possível entre os carros, apesar de seu fluxo intenso e ir em direção a edificação do Mercado da Produção. Do outro lado desta pista que atravesso, na calçada tem várias bancas, algumas de madeira vendendo macaxeira, batata, inhame, outras maiores vendendo ervas, incensos, pimentas, pés de babosa, sal grosso e plantas como arruda, pimenteiras, etc.

Entre as bancas de itens religiosos há uma espécie de vazio que abre o caminho para mais bancas dos mesmos produtos e adentrando ali pelas ruelas esses produtos vão se modificando. Até o momento em que percebo que as bancas não são mais de alvenaria, agora em sua maioria tem bancas de madeira. Ali percebo que as bancas, vendem outros produtos, passam de artefatos religiosos e de medicina popular para roupas.

Essas bancas de madeira são bem próximas umas das outras, apesar de algumas bancas vazias, tem uma infinidade de roupas penduradas nas estruturas de madeira das bancas de dão aos telhados assimétricos que se unem com as bancas ao lado. Isso acaba tornando o lugar um espaço protegido do sol e do calor que atormentava antes de chegar ali, mas também um espaço escuro, de penumbra, também peculiarmente silencioso, provavelmente por ter um menor fluxo de pessoas.

No final das bancas de roupa chegamos a um dos portões do galpão do Mercado da Produção, aquele é a entrada para a área que possui a venda de carnes, frangos e pescados. É uma área que considero extensa, há muitos

açougues. É um lugar onde o sangue que escorre nas bancadas, as escamas de peixe que recobrem o chão irregular de blocos sextavados de concreto. É comum encontrar cachorros ali, silenciosos e hipnotizados pelas tantas peças de carnes.

Aquele lugar me causa um estranhamento, talvez pelo cheiro forte, pelo sangue, ou a cor do fígado que se ressalta entre o vermelho das outras peças, as carnes em bandejas metálicas, as linguiças e algumas peças inteiras de carne suspensas. Há também pé, focinho, rabo e outras partes que não reconheço.

Por outro lado, geralmente ao lado direito temos venda de frango e pescados, mas todas as carnes se misturam naquela região. Já comprei camarão em uma venda e fui junto ao vendedor buscar em um açougue (no lado esquerdo), as "partes" e as vendas se conversam. Os pescados também possuem cheiro forte, especialmente na área do lado de fora, que é destinada a mariscos e apesar de estarem em uma área com coberta, acabam levando sol. É naquela área que se encontra o sururu, tradicional de Alagoas, bem como: massunim, caranguejos, filé de siri e alguns peixes.

É um tanto fascinante ver tantos peixes que desconheço, cores, tamanhos, da última vez encontrei um que se assemelhava a um pequeno tubarão, provavelmente o que chamamos de cação, um dos alimentos que minha avó paterna costumava cozinhar para agradar os netos e filhos quando ainda cozinhava.

Normalmente, passo rapidamente nessa área, deixo para comprar por último para não andar ao sol e por muito tempo com eles. Então geralmente sigo adiante procurando frutas, verduras e legumes que estão na minha lista[39].

Ali dentro da edificação do mercado, as bancas que eram de carnes vão se tornando de industrializados, verduras, restaurantes, grãos e rações. No meio de tantas, ainda há uma quase que ao centro, uma banca azul e branca de fumo de corda. Sigo olhando os produtos, perguntando os preços, entro e saio da edificação olhando as bancas que ficam em suas laterais. Algumas têm frutas mais bonitas, outras têm o preço mais baixo. Seguindo dentro do mercado, indo ao fundo (pelo ponto de vista da entrada que fiz) as bancas abertas começam a ser pontuais. Certa vez, vi uma dessas bancas, que sempre ficam fechadas, aberta cheia de produtos, certamente usada como depósito, já que tinha um moço colocando alguns produtos em um carrinho de mão.

Lá no fundo, a última porta dá para o Terminal de ônibus. Mas geralmente retorno e vou em busca do que ainda

---

39 Quando as feiras são institucionalizadas e cadastradas pelos órgãos competentes a organização urbana, os feirantes pagam pela 40 utilização dos espaços públicos sejam ruas ou mercados.

preciso comprar ou ver. As vezes é alguma fruta com melhor preço, então volto todo esse caminho até a Cel. Cahet e vou até a Rua Parque Rio Branco para olhar por lá.

Caminho ali, quase sem parar, porque o fluxo não permite e vejo a feira mudar. Vejo banana, acerola, goiaba, morango, quiabo, maxixe, manga, limão, há crianças e adultos que passam oferecendo coentro ou alface (o que também é comum dentro do edifício do Mercado da Produção, principalmente com: feijão verde, coentro e cebolinha). Há um momento que seguindo por essa rua os produtos vão se modificando, deixam de ser in natura e passam a ser utilitários e produtos industrializados, como: chinelos, copos de liquidificador, chaveiros, brinquedos, materiais de construção, produtos de limpeza, roupas, lâmpadas, bacias. Muitas vezes os produtos se misturam. A banca de limão, ao lado daquela que vende sandálias. A de inhame ao lado da que vende controle remoto. E essa dinâmica se repete até que a feira míngua.

Apesar de contar e tentar destrinchar um andar consciente, sinto que esqueci tudo. Não contei da banca que vende as bolachas de Arapiraca, iguais às que meu avô compra quando vou para lá. Esqueci também da pequena construção que parece um coreto, ali próximo a área externa que vende mariscos, de venda de flores. Esqueci de falar de outros caminhos, de outras bancas, dos pássaros em gaiolas, do bode solto, das moscas nas bancas de farinha, da água de coco, das gambiarras que ralam o coco seco, das cores das pimentas, do cheiro das ervas, dos caixotes e dos guarda-sóis, das bancas de bebidas

Figura 57 - Boneco feito com peças de encanamento.
Fonte: Acervo Pessoal.

alcoólicas. Esqueci de falar que já vi sanfoneiro ali numa barbearia, já consertei sapatos e bolsas num sapateiro nos fundos do mercado do artesanato, já comprei polvo e a feirante me deu direcionamentos de como fazê-lo.

Se classificá-la parece insatisfatório e contá-la é insatisfatório, o que me resta falar da feira?

Ratoeira adesiva
PRENDE RATO
FÁCIL DE USAR
MAIS HIGIÊNICA
MAIS EFICIENTE
CAPTURA MAIS DE 1 RATO POR RATOEIRA
1 Unidade
1.75
SENADOR

Relatar o inclassificável

Passei um tempo pensando na feira pelos seus objetos. O trilho, a banca, a lona, a bacia, o cordão, o prego. A feira da Levada também é feita assim. Possivelmente, a feira se faria apenas com prego e cordão. O prego fixa, se insere em alguma superfície, não sem resistência, mas se agarra a esse lugar. Já com o cordão se faz laço e nó, o cordão se amplia e se enrosca em tudo, agarra cada vez mais produtos e naquilo que se agarra puxa para cima, põe no alto. Coloca na vista do passante, exibe qualquer produto.

A feira pode ser o trilho, a banca, a lona, a bacia, o cordão, o prego. Mas talvez baste um prego e um cordão. Penso que para ser feirante tem que ser um pouco como prego, para resistir e persistir, e um pouco como cordão para ampliar a gama de produtos e se moldar às mudanças.

Mas repenso. Pode ter sido um engano escolher dois itens, até porque como descrever a feira sem a bacia? A bacia armazena, organiza, põe a mostra, divide os produtos que carrega, produz categorias. A bacia segura o que não pode ser amarrado ao prego. A bacia é chão. Já o prego e cordão põe a feira ao alto, uma feira vertical. Cada item parece ter seu significado e sua própria analogia. Poderíamos seguir falando do trilho, da banca e de seus materiais, da lona, dos telhados remendados. No entanto, corro o risco de fazer um inventário que “pelo excesso de ordenação e detalhamento - acaba

Figura 58 - Banca de vestuário. Fonte: Acervo Pessoal.

também por perder sua própria eficácia" (Maria Ester Maciel, 2004. P.14).

Essa frase de Maria Ester Maciel (2004) me faz lembrar o que minha orientadora Juliana, queria que eu aprendesse me passando Maciel como primeiro texto dentro do percurso do mestrado. Foi a partir dele que surgiu a questão de contestar a classificação, apesar de retomar esse pensamento e incorporá-lo na dissertação bem depois. Entretanto, sempre houve perguntas: qual o lugar da feira, o que ela é, ou até mesmo o como defini-la.

A autora, em seu texto Poéticas do Inclassificável, se debruça sobre a palavra inclassificável, primeiro lembrando que a palavra em sua origem grega tem a negação da restrição de um único lugar e um único discurso. É uma palavra que em seu cerne tem uma dificuldade de descrição. No entanto, principalmente quando escolho usar o termo para remeter a feira, me agrada o uso quando remete a ubiquidade, condição de poder se acomodar a várias categorias, no entanto "todas as categorias em que poderia ser inserido são insuficientes para acomodá-lo. Em cada uma ele mantém sua incômoda diferença, sua explícita alteridade. E, nesse sentido, por transitar em vários *topoi,* não se deixa aprisionar em nenhum" (Maciel, 2007.P.156). A feira é isto, inclassificável e um lugar impossível.

Maciel nos conta a dificuldade de estar em frente ao que é diferente ao relatar a descoberta do ornitorrinco. Por

Figura 59 - Gatos deitados em um cesto entre produtos á venda. Fonte: Acervo Pessoal.

se assemelhar com tantos animais diferentes e opostos, ele foi definido como: “inclassificável, estranho, extraordinário, original e inconveniente”. Talvez desse mesmo modo poderíamos nos referir aos espaços populares. Inclassificáveis dentro das lógicas arquitetônicas; estranhos em meio aos espaços higienizados, retos e duros; extraordinários na suas lógicas e transformações; originais que carregam os desejos e necessidades reais; e inconveniente por mostrar a alteridade. Então nesses casos impossíveis, Maciel (2007) nos alerta:

> “Uma classificação, nesse caso, só é possível por aproximação. [...] na ausência de critérios suficientes de classificação, a definição de um fenômeno desconhecido acaba por se dar pela aproximação analógica. O que nos leva a afirmar que onde falha a classificação advém a imaginação. Na falta de critérios para se definir com precisão um objeto estranho, há que se inventar novas formas – sejam elas metafóricas ou não – para que ele possa ser descrito e especificado.” (p. 158)

Ao mencionar a alteridade e imaginação, me lembro de algumas vezes que fiquei insatisfeita com conceitos e definições durante minha vida acadêmica. De certo modo, a definição e conceituação só fez e faz sentido quando me deparei com Tavares (2021), ao falar dos conceitos - talvez das classificações também - o autor os chama de formas de organizar outras palavras e usa a imagem de gavetas que guardam os conceitos. Mas não satisfeito com a rigidez que a ideia de gavetas passa de um arquivo morto, estático, perpétuo, ele nos convida a imaginar conceitos líquidos, que permitam movimento e que propiciem a mudança.

Mesmo o termo inclassificável apresente desconforto, como indicado pela professora Roseline durante a defesa, percebo que nesse momento, ele denota que falta gaveta que pareça adequada. O que, de certo modo, permite que a imaginação crie novas gavetas com passagens entre si. Então, a questão de inferir-la como inclasificavél, pontua em si um estranhamento ou um descontentamento com as gavetas e conceitos que foram encontrados.

No entanto, o termo sugerido por Roseline pode de fato apazigar a dificuldade de classificar a feira, retomando a possibilidade de coloca-lo em varias “gavetas” ao mesmo tempo, por meio do termo *multiclassificavel.*

O que se conta, o que a feira também é

E depois de criar os seus e a terra,
as aguas, os luzeiros e as verduras,
os seres alados e os monstros marinhos,
os animais rastejantes e os delirantes,
um dia antes do repouso eterno,
Deus criou o sábado e a feira
para que os viventes conversassem entre si
e exercessem a astúcia, o logro, a barganha.

No inicio era o verbo descarnado
Coube à feira dar-lhe seiva e sentido
(Wanderley, Sidney. 2017. p19)

Apesar de falar de feira, tenho uma imagem de feira que pertence à minha memória, tenho um a banca que invade a lembrança, o cheiro que invade olfato, um gosto de fruta na ponta da língua. Embora, essa feira da memória permaneça, ela vai ganhando novas historias. Mas toda palavra feira parece que fala dela.

Por outro lado, creio que falar de feira fala um pouco de cada uma outra que também se chama de feira. Deve haver sempre similitude dentro da classificação. Apesar de chamar de feira e ponto, entendendo que pra mim feira é popular, feira é feita de gente que faz a feira como pode, a feira é ganha pão e a feira é lugar de variedade de preço, de fruta da época e de pechincha. A feira tem invenções, tem usos inusitados, coco vira vaso, carteira escolar vira banca. A feira que o corpo carrega nos braços e ainda grita “olha o coentro”, “alface dois reais”, “olha o feijão verde”. A feira ocupa espaço, anda, é mercado, mas também não é, a feira também é rua, é banca de alvenaria, de madeira, mas também é bacia, é carrinho de mão. Podem chamar de feira livre, de feira do rato, de feira, de mercado.

No final toda feira se assemelha de certa maneira, e ao perambular em outras encontro pimentas, feijão verde, um chaveiro, uma letra que me lembra o letreiro de alguma banca da Levada, os guarda-sois. Outro dia, fui na feira do Jacintinho e encontrei algumas mulheres debulhando feijão verde, um carrinhos de mão cheio de temperos diversos, frutas, o inhame com o dizer “inhame bom”, caixotes coloridos, bolsas cintos e roupas penduradas.

Já na feira de Caruaru-PE vi restaurantes, sandálias, bolsas e outros artefatos em couro, miniaturas de folguedos, cachaças e roupas, o espelho com a moldura de plástico laranja. Perambular é sempre olhar os pedaços, cada pedaço e lembrar. E nesse olhar e lembrar vem a tona um fragmento do que vivenciei ou a mim foi contado.

Louise Cerqueira (2020) traz em seu trabalho uma perspectiva estadual acerca da prática de feira em território alagoano, contando com 48 dos 102 municípios do estado visitados, foram encontradas feiras em 43 deles. A autora encontra desde feiras com menos de 10 bancas, a aquelas que ocupam ruas e mais ruas da cidade e para ela “mesmo

com tantas diferenças, elas aparentam guardar entre si cruzamentos, formas de agir similares" (Cerqueira, 2020. p.65).

Desse modo, para montar feira penso que devo catar, juntar e armar uma feira feita de mais fragmentos dos que os que coletei até aqui. Há outras vivencias, percepções e questões que emergem da feira, mas que me escapa. Sabendo disso, recorro a outros pesquisadores que buscaram pensar-feira.

Paulo Cesar Santos (2014. p.11) ao se aprofundar na temática de feiras, percebe que as feiras nordestinas evidenciam características de uma "desordenação da paisagem urbana e desobediência quanto ao seu crescimento e desenvolvimento nos bairros e cidades". O autor (2014) pontua que as feiras estão sob influencias dos órgãos públicos que tem papel de sistematização e organização das feiras, a manutenção e distribuição dos espaços públicos que geralmente são convertidos á uma taxa de utilização do *chão de feira*[40].

A utilizar dos termos desordenação e desobediência, o autor traz a tona discussões e questões que já foram levantadas dentro do contexto de pesquisa e que é corriqueira

Figura 60 - Bancas de consertos. Fonte: Acervo Pessoal.

40 Quando as feiras são institucionalizadas e cadastradas pelos órgãos competentes a organização urbana, os feirantes pagam pela 40 utilização dos espaços públicos sejam ruas ou mercados.

e pertinente ao espaço acadêmico. Apesar de justa, é um visão precipitada essa primeira percepção da feira como confusa, bagunçada, sem lógica. Percepção essa que tive nas primeiras visitas a Levada e bem comum nos relatos do grupo de pesquisa.

É pertinente enfatizar que percebo é que buscamos na cidade analisar espaços vazios. Parece-me que como pesquisadores precisamos esvaziar esses espaços da cidade para ver-los, analisa-los, classifica-los por meio da perspectiva de seus aspectos materiais e atributos físicos.

Durante meu TCC, ao fazer registros fotográficos dos letreiros na feira, gostaria de fazer registros que pudessem ser utilizados para serem transformados em fontes tipográficas digitais, imagens que se transformassem em iconografias da feira com elementos que representassem um regionalismo de Maceió. Mas para isso fazia necessário que as fotos fossem frontais, pois perspectiva iria distorcer as formas e letras, precisava também que a iluminação fosse boa para ver os detalhes, como sombras, cores, ornamentos. No entanto, a realidade que me deparava na feira era inúmeros produtos sobre os letreiros, espaços escuros e outros sob o sol escaldante, ou contra-luz, pouco espaço para fotografar o letreiro por completo, letreiros apagados e pessoas passando incessantemente.

O que gostaria de salientar é que acontece o contrário do desejado quando vamos a campo. Estamos pesquisamos a cidade em uso, vemos a cidade que se torna passagem, ponto de encontro, lugar de passeio e de atividades físicas, lugares de fazeres ilícitos, lugares de lazer, de dança, de cultura, espaço que é vivido. O espaço permeado pela população e pelo tempo. Percebo inclusive que omiti caça-níqueis e o jogo do bicho de meus relatos, embora a banca fechada com os dizeres “acerte no bicho sem ferir a natureza” seja uma das que tem os dizeres que mais goste.

Ao vivenciar o espaço, percebemos o que Milton Santos (1988) reforçou: é indissociável a sociedade dos seus objetos (materiais geográficos, sociais e naturais), eles estão constantemente sobre a ação humana. Pesquisar um espaço que está em uso, que contradiz o que é esperado, que se modifica ou que se distingue do ideal que estudamos em nossas áreas, nos causa incômodos enquanto pesquisadores. Camila Oliveira (2023) ao pesquisar feira, se esbarra na sua própria duplicidade por ter família feirante e ser arquiteta e urbanista, ela traz esse entendimento no seguinte relato:

> Percebo que, enquanto arquiteta e urbanista, quando olho para a Feira com F maiúsculo, construída nas notícias oficiais, em livros e regida pelas ações da Prefeitura, sou incapaz de pensar seu espaço dentro da cidade: ou quero higienizar, ou quero remover. Ou quero retirar, ajustar ou fixar. Folclorizo. Tomo decisões baseadas em normas técnicas, livros e em um aprendizado posto diante de mim ao longo de uma graduação em Arquitetura e Urbanismo – e não os invalido. Os considero, mas preciso me manter consciente de que, enquanto arquiteta, tenho dificuldade de entender a feira como ela é. Preciso vivê-la, e, por coincidência, há alguns bons anos, a vivo. Preciso

> viver essa feira para captar suas lógicas e não me prender à um constante categorizar que não funciona, que não a atende, não a contempla. Escapa das ações de melhoria, a melhoria. (Oliveira, Camila. 2023. P 68)

O relato de Camila ativa a memória de quando eu pesquisava acerca da gambiarra e após um tempo indo a campo percebi que não havia um único produto que pudesse ser projetado dentro do contexto do design industrial que resolvesse o problema dos feirantes. Cada feirante tem sua individualidade, tem sua própria gama de produtos que podem ser totalmente diferentes entre si e tem espaço totalmente diferentes, podendo ser desde uma banca até mesmo resumido ao que o próprio corpo possa carregar.

Retomando as características de desordenação e desobediência que o Santos (2014) descreve e relaciona ao ordenamento e manutenção que são algumas das atividades que estão dentro das atribuições do poder público, percebo que essas denominações não estão equivocadas. Pois ao desdobrar acerca das artes de fazer, Certeau (1998) percebe que a sociedade não se conforma aos mecanismos de disciplinamento. E sob essa ótica, de fato a feira é desordenada e desobediente, pois ela não se reduz ao ordenamento e a classificação impostos pelo poder público.

A lógica da feira se assemelha as práticas que Certeau classifica de tática, já que para se reapropriar do espaço os feirantes se atentam as possibilidades de ganho, “tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ‘ocasião’. “(Certeau, 1998. P.47). Também podemos relacionar ao termo astúcia que Jacques et al (2022) define da seguinte forma:

> A astúcia (…) designa uma poética do habitar que emerge de um procedimento hábil nascido de um profundo conhecimento local (no sentido espacial-social-temporal), permitindo que os habitantes possam “desviar” as arquiteturas e os espaços urbanos, bem como inventar artifícios a fim de se apropriar e reinventar seu espaço. As astúcias são conhecimentos práticos e táticos que identificam um conjunto de recursos importantes para viver e/ou sobreviver em um bairro, para aproveitar as oportunidades que este oferece e para enfrentar os obstáculos e os constrangimentos impostos pelo contexto. (Jacques et al. 2022. P.38 e 39)

Ou seja, a autora pontua que para ter a astúcia a qual ela descreve, é necessário o profundo conhecimento sobre o espaço da cidade. E que apenas com esse conhecimento é possível desviar das normatividades impostas para reinventar o espaço. Portanto, a feira reinventa o espaço da cidade tornando-o feira.

Outro ponto que Santos (2014. P14) pontua em sua pesquisa é a diferença entre feira e mercado. O autor descreve o mercado como:

> são estruturas fechadas por portões e cobertas na forma de um grande galpão, com divisão objetivas quanto aos produtos comercializados e separados por setores, funcionando em horários específicos, visando assim organização e praticidade aos clientes. As bancas geralmente são de concreto com cerâmica, havendo também boxes e praticamente os mesmos produtos que são comercializados e as mesmas formas de relação presentes na feira.

Já a feira, por sua vez, o autor vê como prática espontânea que ocupa as ruas da cidade e fazem parte da construção da historia do local, no entanto perpassa a sua analise que o autor questiona a feira como prática comercial anacrônica, pois como sabemos há diversas formas institucionalizadas e contemporâneas a prática de feira, como supermercados e shopping centers. Louise Cerqueira (2020.p.65), por sua vez, caracteriza as feiras alagoanas que pesquisa como materializações que produzem especialidades nas áreas públicas da cidade, no caso das feiras que pesquisa, são geralmente periódicas e ocorrem em sua maioria aos sábados.

Apesar de ser indiscutível a diferença no aspecto físico de fazer feira no mercado público e em um espaço de rua, há outras similaridades e distinções em ambas as práticas de feira. Considero aqui que os mercados são uma forma mais institucionalizadas que fazer feira, o que impacta e muda bastante as relações interpessoais, fluxos, dinâmicas e as próprias práticas furtivas que mantinham a longevidade de quem se cadastra e utiliza do espaço do mercado.
Mesmo dentro do mercados públicos também permanecem hábitos e as práticas da feira “de rua” e mesmo com a institucionalização não perdem o status de popular.

Desse modo, percebe-se que essas bancas passam por muitas vezes por um certo grau uma precariedade,

Figura 61 - Bancas de ervas e produtos religiosos. Fonte: Acervo Pessoal.

quando falamos do Mercado da Produção por exemplo, há alagamentos nos meses de chuva, falta de reparos estruturais, falta de limpeza, de saneamento eficiente, tal qual de espaço que sejam adequados as atividades do feirante.

Portanto, retomo que a palavra feira se estica para abarcar as diferentes possibilidades que o termo feira evoca. Quando cito o espaço de Feira da Levada considero feira: o Mercado da Produção, o Mercado do Artesanato e a região de feira que circunda esses equipamentos públicos e as ruas adjacentes. Embora espaços distintos percebo uma relação de proximidade e de troca. Como objetivo desse fragmento textual é trazer pontos de convergência e divergência entre outras feiras pesquisadas e outros pesquisadores apesar das diferenças entre as feiras em alguns momentos as feiras vão se aproximar tornando apenas feira, já em outros haverão distinções mais claras. Esse recorte é parte da reflexões sob os trabalhos de Camila Oliveira sobre a Feira de Arapiraca; Paulo Cesar dos Santos, na Feira do Jacintinho; Ariana de Moraes e a Feira de Penedo; e Louise Cerqueira sobre feiras alagoanas.

Camila Oliveira (2023) tem uma aproximação com a feira muito interessante e distinta da que eu apresento. A autora fala das vivencias dela e da própria família, que é uma família de feirantes. Ela fala da feira por dentro, de suas entranhas, de quem a faz. A feira encarnada de quem aprendeu matemática calculando os preço e trocos. O foco de seu trabalho é a Feira de Arapiraca, cidade onde Camila vive, que fica no Agreste do estado de Alagoas, mas ela também cita experiências familiares na feira de Junqueiro e São Sebastião.

A autora (2023) fala de um tipo de feira distinto da Levada. As feiras de Arapiraca, São Sebastião e Junqueiro que são feiras temporárias. É bem comum, cada cidade ter o seu dia de feira. Neste dia as ruas, geralmente centrais á cidade, se enchem de bancas, carrinhos de mão e produtos espalhados pelo chão que são os mais diversos, sejam: frutas, verduras, carnes, peixes, temperos, raizes, legumes, bacias, panelas. É o dia que os moradores abastecem suas casas e aguardam até a semana seguinte. Que de forma poética Wanderley (2017. P. 25) descreve: “Sete dias depois, um outro sábado de aleluia e ressureição: a feira, de novo e sempre, instalava-se em nossos calendários e corações.”

Embora Wanderley tenha apresentado sua visão romântica sobre a eventualidade da feira, as cidades aguardam a feira e se preparam para esse ritual semanal. Por ter como característica o tempo em que ocorre - um dia na semana - emerge como temática a atividade de montagem e de desmontagem. Embora, nem sempre trabalhem em feiras eventuais todos os feirantes tem como parte de seu oficio atividades de montagens e desmontagens.

Mas quando a feira tem o caracter eventual, tudo que faz parte de sua banca monta-se e desmonta, para ser remontando em outro lugar. Isso faz com que o feirante seja responsável por trazer todos os materiais que se tornarão a banca. A estrutura metálica ou de madeira, os caixotes, mesas de apoio, guarda sois, carrinhos, a lona para utilizar de coberta. Tudo é amarrado, pregado, pendurado no dia anterior, pois a montagem acontece na véspera. Mas só se torna feira, a feira pronta, no começo do próximo dia, no dia de feira.

Além da estrutura ainda há a parte referente a organização dos produtos para expor-los a venda, que é comum entre feiras temporadas e fixas no espaço urbano. Sejam produtos organizados em bacias, caixas, empilhados; a atividade de afixar as placas com preço e promoções; pendurar outros produtos; organizar o troco; deixar o ambiente confortável para o trabalho que começa ao amanhecer do dia. Essa rotina da feira é descrita por Camila Oliveira (2023.P. 27) em sua dissertação, ao contar o relato que ouviu de sua tia Nadja.

> chegavam, organizavam toda a banca, produtos em embalagens mais chamativas na frente, sacos para vender biscoitos a granel mais atrás, para não impedir a visualização, em um encaixe abaixo da banca a caixinha de moedas para troco, e os banquinhos para sentar. Ela e um ajudante organizavam tudo e depois iam cochilar, até que o sol começasse a clarear tudo e os

Figura 62 - Bolachas em uma banca no Mercado da Produção.
Fonte: Acervo Pessoal.

41 *termo que Camila Oliveira traz em seu trabalho como usual para significar a prática/atividade de ser feirante.*

> fregueses começassem a chegar. Ela sempre ria dizendo que não entendia a necessidade que as pessoas tinham de comprar bolacha tão cedo.

Nadja relata como era a organização para *dar feira*[41] sobre a perspectiva da feira temporária. Isso me lembra, há alguns anos quando estava em Piaçabuçu durante o dia de feira da cidade, vi Seu Benício, marido de minha tia, indo e voltando a pé da feira trazendo consigo carnes, peixes, tubérculos, frutas, tapiocas, e verduras, habito corriqueiro nos dias de feira que também é descrito por Cerqueira (2020). As feiras concentram, num determinado período, pessoas com interesses comuns, que buscam garantir o provimento familiar, abastecer de vidas. Levados pelas necessidades, atraídos pelos hábitos ou seduzidos por sua vivacidade social, gentes da própria cidade ou vindas da roça, de povoados próximos ou mesmo distantes, se deslocam para esses lugares de concentração onde confluem inúmeras órbitas – rotinas que giram em torno da feira, que também determina um calendário local (Cerqueira, 2020. P 70)

Por ter caráter de ser algo eventual, a feira modifica o fluxo da cidade, vira um acontecimento. Essa alteração nos fluxos da cidade é percebida por Camila (2023. p.46) que descreve:

> O contato com as ruas nos dias de feira se dá de maneira singular, diferenciando-se muito dos outros dias da semana. O dia de feira interfere na dinâmica da cidade, alterando o trânsito, aumentando o fluxo de pessoas pelas ruas e intensificando o comércio – não apenas para os feirantes (Oliveira, 2023. P .46)

Quando a feira é próxima da região em que a população vive, ir e vir a pé para a feira se torna possível. Assim como por estar nos caminhos corriqueiros a população o feirante acaba fazendo uma venda para aquele que não tinha a princípio desejo pela compra.

Tal aspecto também está presente na pesquisa de Santos (2014), pois ao observar a Feira do Jacintinho, o autor percebe que o maior fluxo de pessoas na feira acompanha os horários em que os moradores vão aos bairros vizinhos para o trabalho, que ocorre nas primeiras horas da manhã, ou quando retornam, no fim da tarde. Nos finais de semana, as compras que durante a semana são em menor quantidade, se tornam mais expressivas, mais volumosas, o que o autor relaciona com o habito de fazer feira. (Santos, 2014)

Por conta dessa dinâmica de fluxo de pessoas, Camila (2023) percebe a existência de três personagens que frequentam a feira, que ela classifica, como: o feirante, o freguês e o passante. Comumente pensamos nos primeiro dois atores: freguês e feirante, mas a percepção da existência desse terceiro sujeito: o passante, expõe a relação da feira com o acaso, com a oportunidade. Esse personagem é descrito pela autora como:

> O passante percorre a feira pelo deslumbre, pelo flanar. Muitas vezes se converte em freguês, mas pode simplesmente experimentar a espacialidade por prazer (ou necessidade, como atravessar a feira para chegar do outro lado). Para este a feira é labiríntica, misteriosa, bagunçada, caótica. Seu código

> é indecifrável e isso pode ser extremamente prazeroso ou angustiante.(Oliveira, 2023. P.42)

Talvez o passante seja a figura que reforça a importância da feira estar na rua para converter quem está ali de passagem a realizar uma compra, como podemos perceber no fluxo do Jacintinho. Ainda mais entendendo que vivemos em um contexto em que as feiras disputam com redes de mercados e supermercados que tem uma grande quantidade de variedades de produtos, de variadas marcas, possui a facilidade de parcelar as compras no cartão de crédito, tem o horário de funcionamento extendido e fica aberto todos os dias, além de estarem em aplicativos de entregas.

Algumas dessas dificuldades estão presente em Wanderley, que conta uma conversa com um vendedor de banana que lhe conta seu dia-a-dia:

> Começo a vender na tarde da sexta. Como a feira de Viçosa desanimou um bocado, lá pelas dez horas do sábado já vou desarrumado a tolda. Ficou difícil com os mercadinhos, que vendem de tudo, até banana, ao redor da feira. Eles botam o preço lá pra baixo e quebram a concorrência. O feirante que se lasque. Graça nenhuma tem comprar em supermercado. Não tem pregão, não tem pechincha, não tem conversa (…) Até zoada não tem." (relato do vendedor de bananas in: Wanderley, 2017. P83)

E após citar mais algumas dificuldades em viver de feira ele termina conversa com Wanderley da seguinte forma: "Na outra sexta, monto de novo a barraca. E recomeça a agonia."

Percebe-se assim a dificuldade da competição, além disso a percepção da feira como algo anacrônico e que atrapalha o fluxo urbano com o passar do tempo e com a modernização e o crescimento das cidades, as feiras de rua, temporárias ou não, vão sendo alvo de modificações, sendo realocadas para outras ruas, outros bairros ou sofrem tentativas de transforma-las em mercados. Aspecto também percebido por Louise Cerqueira (2020. P 68) que descreve da seguinte maneira:

> No caso das cidades maiores, são usualmente chamadas de "feiras de bairro" (como a Feira do Jacintinho e a Feira do Tabuleiro dos Martins, em Maceió), e podem perdurar vários dias na semana. Ainda nesses casos, costumam representar espaço de maiores disputas - com o automóvel, por exemplo - e a sofrerem pressões para deslocamento, por vezes longe do lugar central onde se engendrou.

Em alguns casos, o único recurso que a feira possui é se modificar, seja vendendo novos produtos, ou aceitando os novos lugares e fluxos que o poder público a destina. Contudo sempre usando da astúcia e tática para garantir sua subsistência e a continuidade da prática de dar feira.

Ariana de Moraes (2013) cita alterações na Feira de Penedo que antes de estar próxima ao Mercado Público, a feira ocorria nas Rua da Praia e Rua do Sol, situadas a beira do rio, nessa época a feira se chamava de Feira do Barro, na qual havia a predominância das cerâmicas artesanais. Atualmente a autora percebe que apesar de haver cerâmicas vendidas, elas já não possuem mais produção na cidade de Penedo. Isso se deu por conta da escassez da matéria prima. (Moraes, 2013)

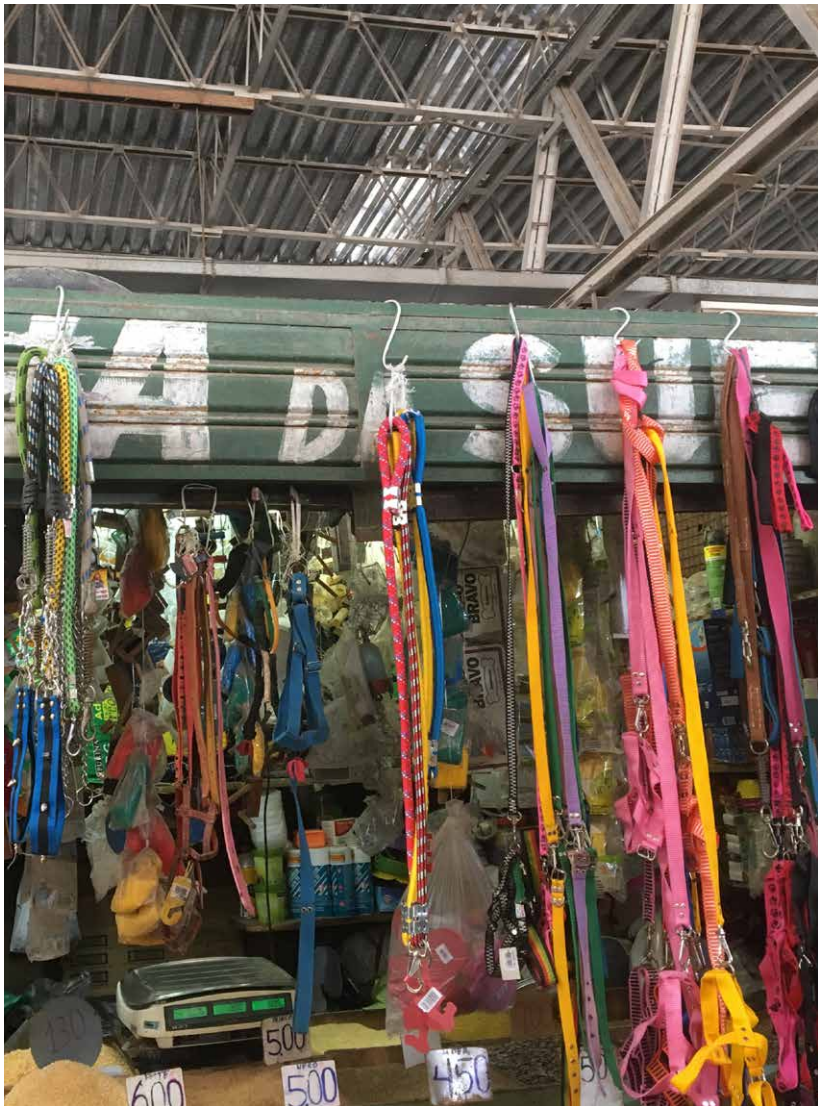


Figura 63 - Banca de ração e artefatos para animaisno Mercado da Produção. Fonte: Acervo Pessoal.

A autora (2013), ao pesquisar e pensar a feira da cidade de Penedo, procurando entender o intercambio entre a feira de Penedo com sua paisagem histórica. A cidade de Penedo, em Alagoas, tem centro histórico reconhecido pela relevância através da ferramenta de tombamento nos âmbitos federal, estadual e municipal por conta de seu acervo arquitetônico (Moraes, 2013).

Para a autora (2013) “a fusão entre feira livre e edifícios históricos interpela um olhar para novos uso e novas funções por meio de seus fatores constituintes simbólicos, econômicos e culturais”. Ela (2013) observa que para além de movimentar o centro histórico, ser ali espaço onde se criam vínculos e relações interpessoais, as bancas buscam permanecer nos espaços urbanos. Elas ocupam os espaços para além dos horários em que estão em funcionamento “ficam parcialmente armadas, ocupando um espaço que é publico e até interfere no fluxo de veículos e pedestres, além de interferir também nas fachadas e paisagem como um todo” (Moraes, 2013. p.75 e 76). Essa permanência das bancas em espaço público também é percebido por Paulo Cesar Santos (2014) no bairro Jacintinho.

Apesar de ponderar que a permanência das bancas nos locais sejam uma forma dos feirantes tentarem demarcar seu local e buscarem de certa forma garantir sua permanência. Por outro lado, também é uma forma de mostrar sua existência, sua continuidade que Cerqueira descreve com bastante

assertividade:

> As feiras, segundo algumas de suas especificidades, parecem existir em fronteiras sobrepostas de centralidade e margem, como se existissem nas frestas do espaço estriado da cidade, contornando obstáculos, resistindo em cada brecha. Outras formas de feira livre se apresentam nas “cidades grandes”. Por vezes, encontram-se germens de feiras livres espalhados em espaços de visibilidade, instalados muitas vezes de maneira informal. Feira ambulante, de caminhão, que estaciona por uma, duas horas em lugares diferentes de um mesmo bairro, anunciando com som do carro a sua chegada. Barracas montadas em cruzamentos de semáforos, vendedores ambulantes que comercializam do sinal vermelho, produtos expostos em vários pontos de grandes avenidas. Adapta- se pelas oportunidades, agenciam táticas de acordo com o que está posto, faz-se múltiplo conquistando os territórios. Pode-se concluir que tentáculos da feira como gesto de comercializar se espalham nas cidades, para muito além da existência das próprias feiras de bairro...(Cerqueira, 2020. P.178)

Saber fazer feira e comercializar são claramente aprendizados e saberes de quem faz feira. Na pesquisa de Camila Oliveira (2023), ela nos dá pistas de outros saberes dos feirante e de quem vive constantemente neste espaço, como: o aprender o tempo, como refletido no texto Temporalidades: a feira e seus tempos, Camila fala da necessidade de saber tempo do sol para se amparar e amparar seus produtos do sol escaldante; saber conversar, mas também saber encurtar a conversa, pois “não dá tempo de ficar conversando muito, que o coco não se rala sozinho não” (frase dita por Dona Lila, em: Oliveira, 2023. p.45); e saber-andar na feira. Esses me parecem ser saberes comuns em todas as feiras.

Figura 64 - Lixo na região da feira, na Levada. Fonte: Acervo Pessoal.

Morenas
Aqui tem Milagre!
SÃO JOÃO DA BARRA
onhaque de Alcatrão
ão João da Barra
Org. Neguinha e Grandão

Devir-pesquisa, devir-pesquisador e considerações sobre o fim do percurso

Sabe o que me fascina nas ciências?
nelas encontro a poesia suprema:
na matemática, a estimulante vertigem dos números;
na astronomia, o enigmático murmúrio do universo.
Mas, por favor, não me fale de verdade!
(Amin Maalouf, 2022. Livro: Samarcanda, p.47)

Trato o emaranhado da seguinte forma: emaranhado é um encontro de caminhos, é o atravessamento. No entanto, ao mesmo tempo, é a possibilidade de novos caminhos, é o ponto no qual o embaralhar de coisas permite se desdobrar em novas rotas, em novas imagens, em algo novo.

Percorrer esses caminhos, ter trocas com os professores, colegas de mestrado e de grupo de pesquisa, ler novos autores, entender ou até o não compreender são partes da escrita da dissertação, da pesquisa e do mestrado. No entanto, penso que o refletir seja maior parte.

Parte de um devir-pesquisa que se desenvolve ao mesmo tempo do devir-pesquisador, assim como Flusser (2017) relata que o sapateiro se torna sapateiro ao moldar sapatos, ao fazer uma dissertação-coisa-feira tiver que aprender a faze-la, fazendo.

Nesse ponto retomo a pergunta que nomeia a dissertação para pensar o que aprendemos vivenciando a feira. Como pesquisadora, acho que o ponto principal é que aprendemos a ver, para além do olhar, pois na feira há muitos acontecimento concomitantes. Até mesmo Cerqueira (2020) ao descrever a feira ela diz:

> suas vitrines não mostram apenas os produtos, mas também os "bastidores"; debulha-se, descasca-se, embrulha-se no próprio local de venda. Também são expostas as vísceras, aves que são, sem cerimônia, abatidas: os bastidores da morte que compõe a vida. E, para além da alimentação, pode fornecer muitas variedades de produtos que satisfaçam outros pressupostos do habitar, a exemplo de roupas, calçados, panelas, e até móveis... (Cerqueira, 2020. P 70)

Dentro desse contexto, penso que aprender a ver é o primeiro aprendizado que a feira demanda ao pesquisador, aprender a ver e recortar o que decidimos que será nossa pesquisa. Constantemente, olho as mesmas fotos e encontro novos contextos a serem pesquisados. As imagens que tirei tentando fotografar os letreiros também exibem pessoas trabalhando, gambiarras, exibem as bancas, os produtos…

Outro aprendizado é o uso da imaginação, como graduada em Design as normas e regras aprendidos costumam nos distanciar da feira, como também percebo em Camila Oliveira e Louise Cerqueira com sua relação com arquitetura. Louise questiona incessantemente a imagem da banca que vende maxixe e calcinhas, como se perguntasse como pode a feira avizinhar coisas tão opostas? Questionamento bastante próximo a tantos que levei a minha orientadora e aos meus colegas, ela descreveu da seguinte forma:

> A princípio, trata-se apenas de um ajuntamento inusitado: maxixes fazendo vizinhança com calcinhas, possivelmente unidos sob a mesma lona, dividindo a mesma barraca. Não se tocam, é verdade, mas não estão apenas próximos. Na feira, nos supermercados, as vizinhanças correspondem a lógicas de associação. (Cerqueira, 2020. p.172)

Ela destaca as lógicas de associações próprias. Louise Cerqueira (2020) também expõe outras disparidades do espaço da feira, que por conta de sua aproximação em um projeto com algumas das cidades alagoanas que a autora cita, ela pode conhecer pescadores, feirantes, pessoas que preparam os temperos e nessas vivencias percebe o contraste entre a abundância e a escassez, pontuando da seguinte maneira:

> Nas feiras, vemos a abundância na variedade de produtos, mesmo que sua comercialização seja dentro de uma lógica da escassez, contudo não vemos a pesca fracassada: olhamos apenas o que vingou. O mesmo se deu com relação aos derivados da mandioca: quantas casas de farinha visitadas no projeto deixaram de funcionar há anos? (Cerqueira, 2020. p.145)

Além dos contrastes de cores, materiais e experiencias serem vivências comum em estudar a feira, constantemente as pesquisas se debruçam sobre as disparidades e mudanças que nos levam a aprofundar no tempo, seja sobre comparar com um passado ou com planejamento de futuro e requalificações e também na perspectiva das temporalidades, pela concomitância entre os tempos. Assunto que percebo que só a partir da feira que começo a destaca-lo da lógica linear.

E retomando todos os momentos de pesquisa, é com a feira que aprendo mais do lugar acadêmico que sempre retorno por meio dela. A feira me faz pensar. Sobre a materialidade. Sobre o que é a gambiarra. Sobre os conceitos que tomava como verdade inquestionavél. Sobre o corpo, o espaço, o tempo.

Mas além do amadurecimento de pesquisa, houve um momento em que minha orientadora me chamou para fora da feira, para me trazer a afirmação que essa dissertação é uma dissertação de uma designer. Embora, ainda tenha dúvidas sobre o que despertou essa frase, compreendo que trago o aprendizados que desenvolvi durante a graduação, das leituras e livros que folheei da biblioteca da UFAL e os ensinamentos dos professores durante as aulas. Acredito que há um *pensar design*. Uma forma de refletir gerada pela repetição da prática e das metodologias dos projetos em design. São esses aprendizados os aplico, retorno e até mesmo mudo de opinião.

Talvez por isso de certo modo muitos dos textos se desdobram sobre método e o pesquisar, porque para além de aplicar metodologias, tento ordenar e montar esses aprendizados, pensamentos e reflexões em dissertação. Considero que Método, corpo e o espaço como os conceitos que o trabalha se debruça e nos quais, os fragmentos circulam.

Como a ideia de fragmento tenho como objetivo uma

dissertação que possa ser refletida em outros trabalhos do campo, e que as reflexões presentes no texto possam inspirar novas reflexões.

Por fim, penso que também por isso durante a escrita há tanta ênfase aos verbos. Pois o uso dos verbos pressupõe temporalidade e movimento. Depois da qualificação em que a Professora Zoy Anastassakis me chamou a perceber o uso dos verbos nas minhas leituras, a professora Juliana Michaello também me pediu a atentar ao uso dos verbos, dessa vez, na escrita. Apesar da dificuldade de aprofundar nessas questões, assimilo que usar tantos verbos demarca o movimento constante da feira que contrastava fortemente com a escrita da dissertação e o tempo de pesquisa que ocorreu durante a pandemia, durante essa ausência da vivencia na cidade e falta do movimento.

Em relação a temporalidade, a escrita sempre demarca um tempo. Com mais experiências, mais leituras ou releituras, com outras vivências as reflexões podem se adensar, ou se contradizer.

Interlocutores e a relação com a dissertação

Ecléa Bosi:
Pesquisadora em Psicologia Social e em sua obras, se aprofunda em temas acerca memória, se aprofundando na relação dela com a velhice. Para isso, além das indicações do cuidado com a atividade de pesquisa e entrevista na memória a autora em "*O Tempo Vivo da Memória*" pontua o vínculo entre a memória com os objetos materiais, por meio do conceito de objetos biográficos, que são aqueles que acompanham o dono durante sua vida, mas também que propicia as reflexões sobre as memórias que se vinculam na materialidade. A autora também incita a pensar nas marcas que esse vínculo, por meio do uso, do toque, podem causar.

Francesco Careri:
Arquiteto que pesquisa a cidade por meio da prática do caminhar, tanto no seu livro "*Walkscapes"* quanto no "*Caminhar e Parar"* que foi citado durante a dissertação, o autor experimenta a possibilidade de perceber a cidade por meio de trajetos livres e espontaneos, possibilitando o pensar no caminhar como uma prática de pesquisa. Em *Caminhar e Parar*, Careri insere também a aproximação com o Outro, expondo que a prática acontece em espaços habitados e que nesse sentido o outro participa - e de fato deve participar- da experienciar do território.

Michel Certeau:
O historiador e pesquisador interdisciplinar por meio da sua obra "*A invenção do Cotidiano: Artes de fazer*", proporciona a visibilidade do ordinario, do cotidiano como possibilidade de pesquisa. Em sua obra, Certeau tangencia a relação com a materialidade através da definição de artes de fazer. Em suas observações, o autor também percebe a relação de poder sobre o povo, compreendendo a existencia de atividades de resistência, por meio da astúcia e da tática, conceito usado no decorrer da dissertação.

Emanuele Coccia:
O filósofo, por meio de seu livro "*Metamorfoses"* expande a visão da coimplicação da vida, não resumindo a vida humana, mas entendendo que corpos, espécies, diferentes tipos de existencia se retroalimentam e possuem uma ligação que se explandem além do tempo e espaço. Permitindo pensar o corpo como parte da composição do "mundo".

Vilém Flusser:
Filosofo checo-brasileiro que tem suas reflexões dentro dos campos de imagem e cultura material, com bibliografia bastante presente nos cursos de design, traz em *"O Mundo Codificado"* a visão da humanidade por meio da sua relação com os artefatos. Visão que compreende o desenvolvimento

humano por meio da capacidade de criar, na qual o autor percebe a relação de implicação da humanidade nos objetos, sendo replicando formas, funções ou características do corpo humano, que em contra partida implica no sujeito o transformando.

Michel Foucault:
O filósofo francês Foucault colabora com a dissertação em dois momentos. O primeiro, por meio de seu conceito de Corpo útopico propricia o pensar no corpo-pesquisador, sabendo que é um corpo que permeia a percepção e a vivencia, declarando a dicotomia do pensar no corpo como casca, mas que logo compreende como a intersecção que liga o corpo e o espaço. No segundo ponto, Foucault em "*As Palavras e as Coisas*" discorre sobre o texto de Borges contribuindo com o pensar a classificação.

Stuart Hall:
O sociólogo jamaicano Hall, apesar de pouco citado na dissertação, em *"Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais"* aprofunda na cultura popular cunhando o termo em torna da relação de classe, além de libertar-lo do discurso hegemônico que costuma prender a cultura aos moldes da tradição "pura".

Paola Berenstein Jacques:
Professora e pesquisadora em Arquitetura e Urbanismo que cunhou o termo *Corpografias urbanas* e que possui ênfase na pesquisa sobre o espaço urbano foi constantemente uma fonte de pesquisa para dissertação. Em "A estética da ginga" a partir da aprendizagem com o fazer fragmentado das Favelas que a autora observa, foi possivel pensar no modo de inventar e construir artefatos materiais, elucidado na dissertação pela descrição das possibilidades de inventar a forma da banca de feira. Já em "Heterocronias urbanas e gestos aberrantes" é possivel pensar na complexidade espacial por meio de diversos exemplos da autora, reforçando os diferentes tempos cronologicos. E por fim, *"Laboratório urbano: pequeno léxico teórico-metodológico"* traz um conjunto de conceitos e significados de termos, no qual permitiu a dissertação utilizar da conceituação de astúcia.

Maria Esther Maciel
A escritora, professora e pesquisadora no campo de Teoria da Literatura e Literatura Comparada e se aprofunda em *A memória das coisas* nas possibilidades de classificações, bem como em suas dificuldades e arbitrariedades. Por meio de Maciel, a dissertação pode discorrer sobre a dificuldade de determinar uma classificação para a complexidade da feira.

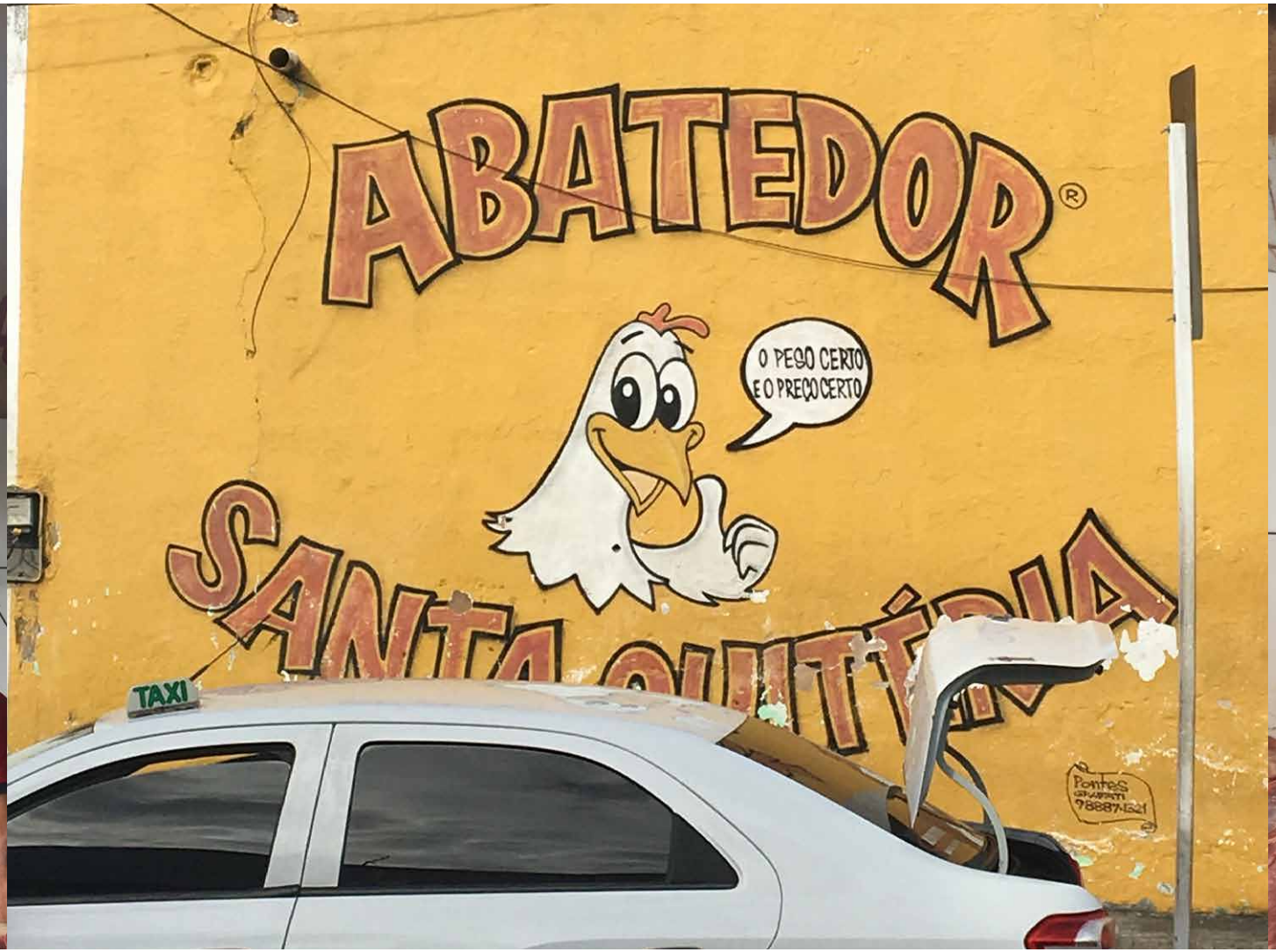
Milton Santos:
O geográfo Milton Santos tem em suas obras a relação da ação humana no espaço, para o autor a geográfia pressupõe a existência humana, já que ele insere que os espaços ditos como naturais também sofrem especulação e influência dos seres humanos. Ao perceber o fator humano, o autor influência na criação da área de pesquisa denominada de Geografia Cultural. Para o trabalho, a compreensão dos espaços como espaços de ação humana e a contribuição do autor sobre temporalidades e técnicas permite refletir sobre o espaço popular que permanece em constante modificação.

Richard Sennett:
Sennett é filosofo, sociólogo e professor norte-americano. Em seu livro *O Artíficie*, o sociólogo se aproxima da temática do trabalho, oficina e do artesão/trabalhador, retoma as primeiras oficinas e busca fazer paralelos a artesania dos trabalhos atuais, inserindo o afastamento com a organicidade e movimentos corporais ao decorrer sobre trabalhos cada vez mais mecanicos. Em sua obra, o autor precede a suas reflexões acerca dos primeiros robos chamados de replicantes ou automatos, com a pergunta que aparece na dissertação ”Será que nós, em nossa muito comparativa imperfeição, teríamos algo de positivo a aprender com o fato de sermos humanos?” (p.97), que motiva questionamentos, reflexões e tem na dualidade máquina-organicidade ponto de partida de textos que discorrem sobre corpo e ofício.

Michel Serres:
O filósofo francês em sua escrita do livro *“Os Cinco Sentidos: Filosofia dos Corpos Misturados”* torna palpável a implicação do corpo na escrita. Em sua obra é possivel perceber a ativação do corpo por meio da leitura, pois ao decorrer do texto, o filósofo consegue guiar o leitor ativando memórias e sensações. Desse modo, Serres compõe os autores que validaram o pensar no corpo dentro da dissertação, assim como pensar-lo no processo de escrita.

Gonçalo M. Tavares:
Tavares é escritor e professor universitário português. Em seu livro “*Atlas do Corpo e da Imaginação: teoria, Fragmentos e imagens*” por meio de fragmentos textuais, o autor extrapola a temática de literatura, filosofia, arte e pensamento articulando com conceitos de diversos autores e da justaposição com imagens do grupo Os Espacialistas, que corroboram com a proposta reflexiva da obra. Por meio dessa obra que o trabalho ganha uma abordagem reflexiva e metafórica.

Bacia 1 - Feira da Levada



RELOJOEIRO
CONSERTOS EM GERAL.
COLOCA-SE
PULSEIRAS
PINOS
VIDROS
PILHAS
COM GARANTIA

Blanc
Excellence
Neutro
SORINGA
SORINGA
SORINGA
F. SEMPRE VERDE 4.00
CURUJINHA 5.00
BRISA
BRISA

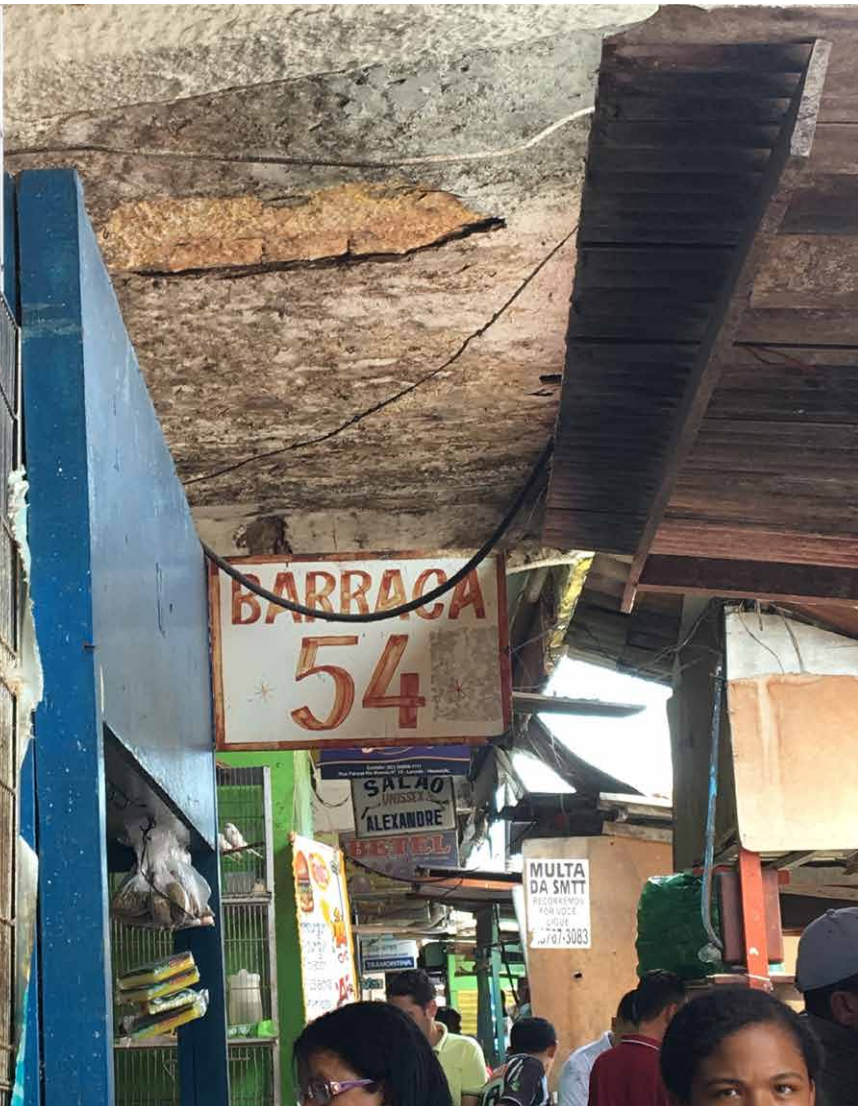
AÇOUGUE
MAFRIPS
L. 38-B

11,00
KG

5,00
8,50

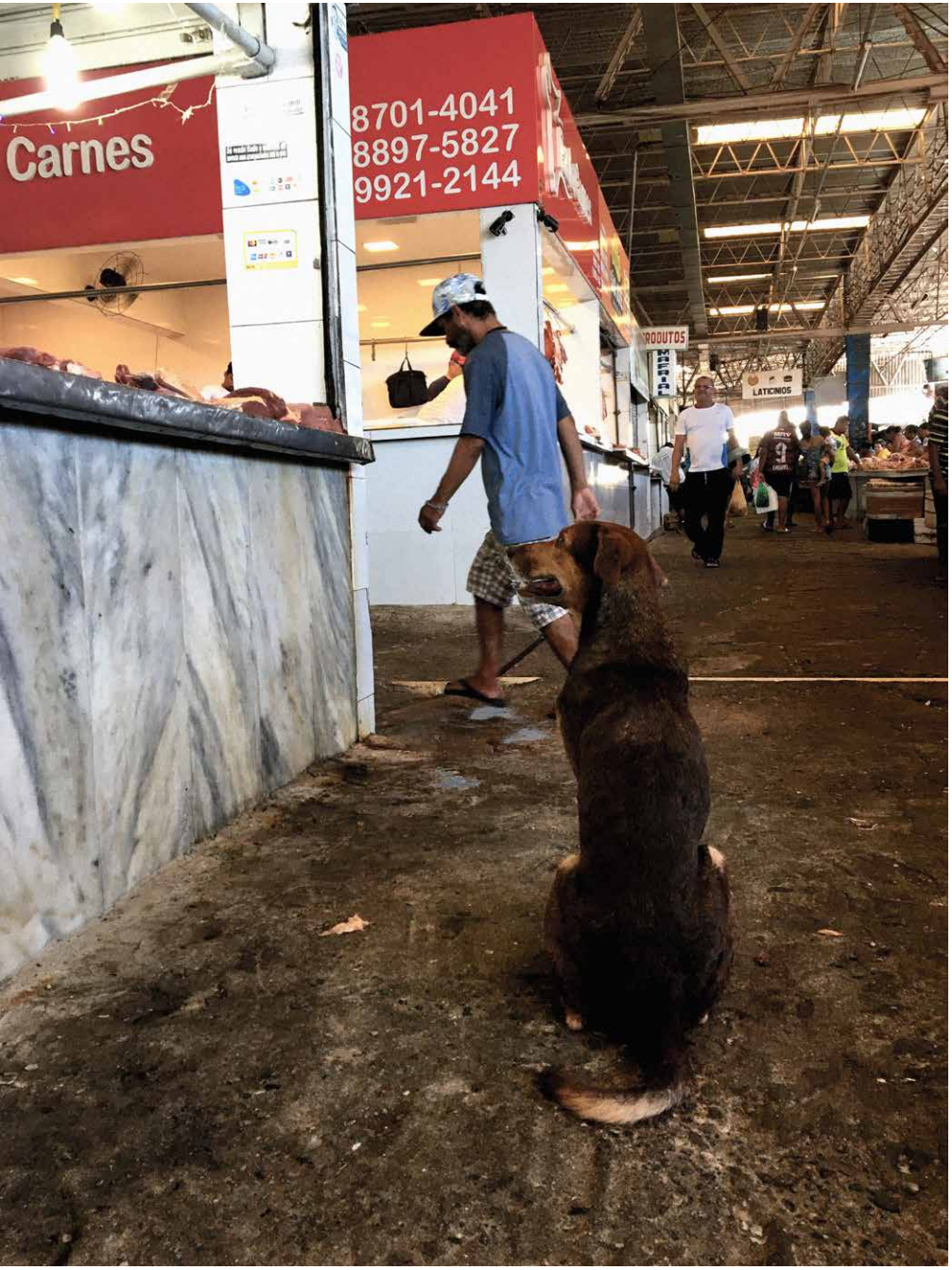
REÇA DA SUA INVEJA
ÉA VELOCIDADE DO MEU
SUCESSO

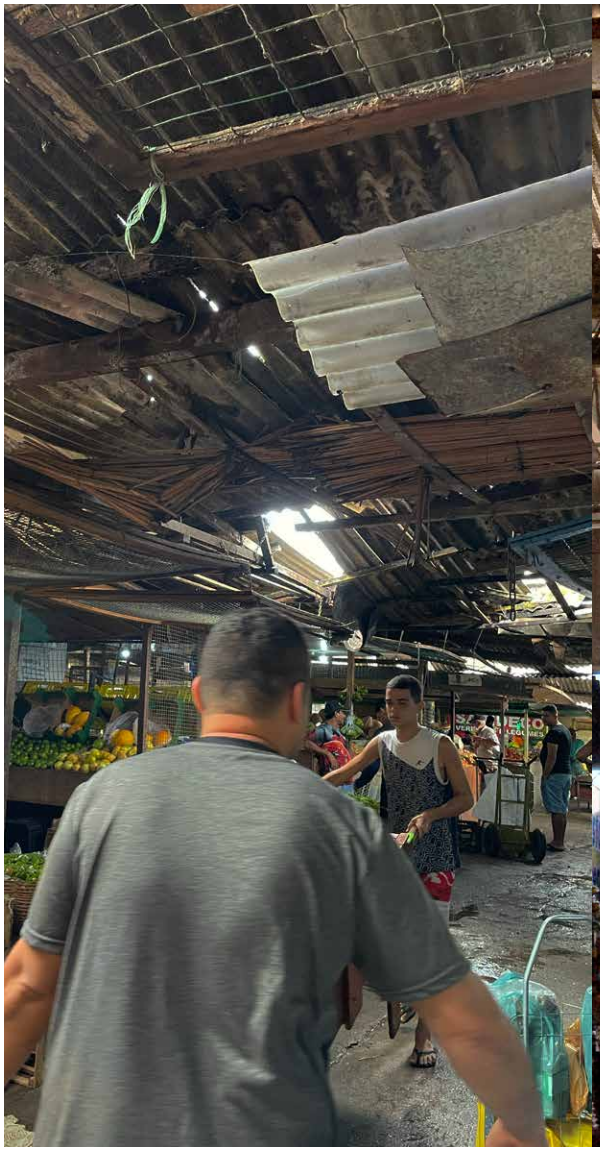
CAVALCANTE RAÇÕES
3326 4440


BARRACA
54
SALÃO
ALEXANDRE
MULTA
DA SMTT

ENGORDA
MILHO
1.10
POSTURA
1.80
CRESCIMENTO
1.80
XEREM
1.30
FARELO DE MILHO
1.20
BILL DOG FILHOTES
8.00
TUTANO FILHOTES
9.00
PAPITA FILHOTES
9.00
KANINA FILHOTE
8.00
9.00
XERIFE FILHOTE
6.50
AMERICAN
5.00
AMERICAN FILHOTE
10.00
PROFISSIONAL
Papita
FILHOTES ATÉ 12 MESES
TODAS AS RAÇAS
Nutrição Inicial
Vida Saudável
CHOW
Filhotes
Frango & Arroz
DESENVOLVIMENTO SAUDÁVEL
VIDA SAUDÁVEL
RAÇAS PEQUENAS
AMERICAN
BEEF FLAVOR
SABOR CARNE
PUPPIES
CÃES EM CRESCIMENTO

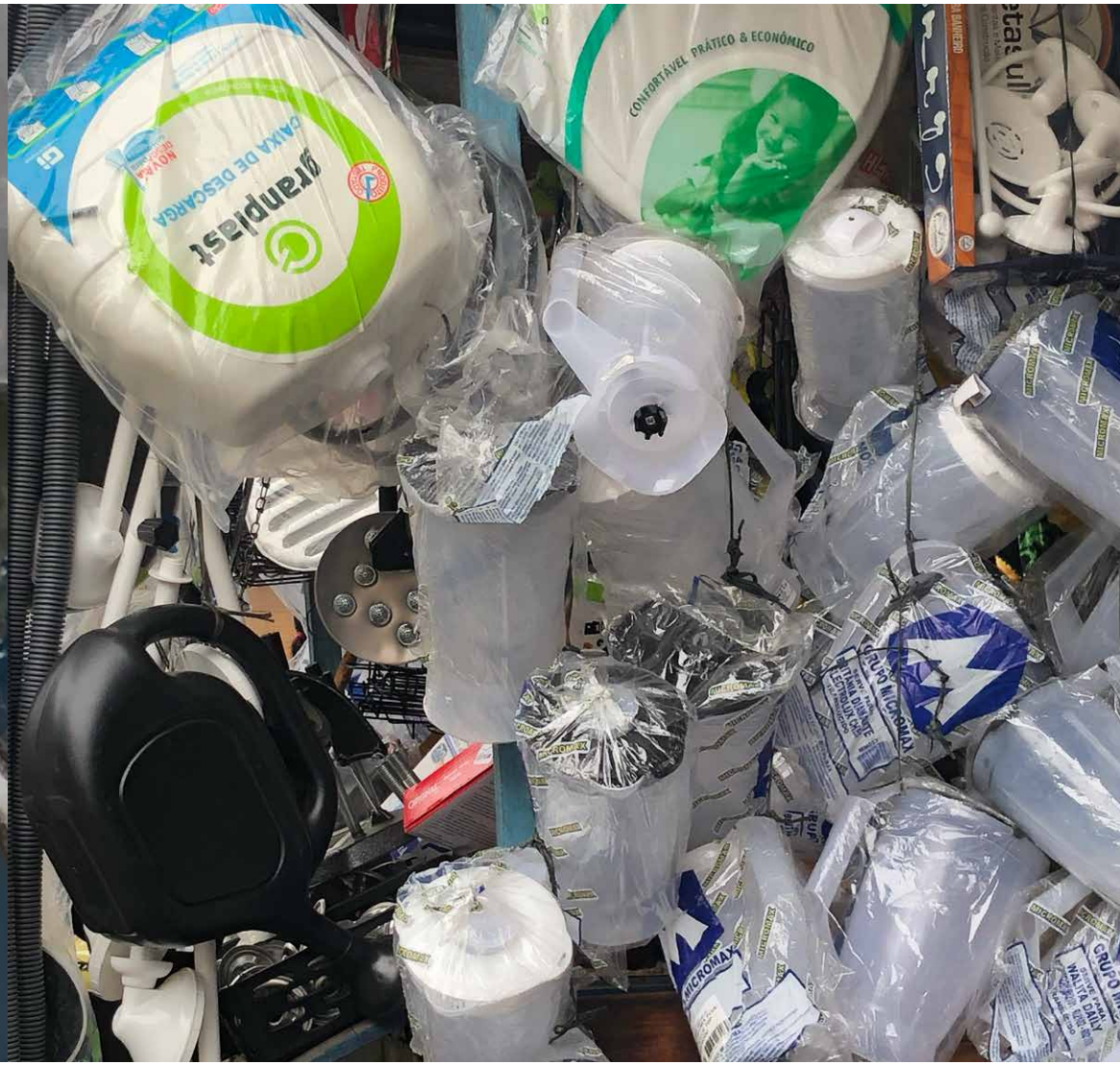
ZÔIÚDO!
BEM
CONTA
DA SUA
VIDA.
FORNECE


Carnes
8701-4041
8897-5827
9921-2144
LATICINIOS



CARNES-PEIXES
CEREAIS-ATIPICOS
FRUTAS-VERDURAS

DEUS É FI


granplast
CAIXA DE DESCARGA
CONFORTÁVEL PRÁTICO & ECONÓMICO
MICROMAX

Alfajores
Mimi's Flores

DAYTON
3×2

"Um homem propõe a tarefa de desenhar o mundo.
Ao longo dos anos, povoa o espaço com imagens de províncias e reinos,
de montanhas, de baías, de naus, de ilhas, de peixes,
de moradas, e instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas.
Pouco antes de morrer descobre que esse paciente labirinto
 de linhas traça a imagem de seu próprio rosto"
(Jorge Luis Borges apud Maria Ester Maciel, 2004. p.13)

Ser corpo: O corpo que erra, o erro-percurso[42]

Temo errar. Mas quem não teme? Poderia errar ter outra conotação além da negativa? Poderia errar trazer ânsia e não repulsa? Por que o erro age dessa forma em meu corpo? Errar, desse modo, carrega um peso, uma carga que sufoca. Não há oxigênio sob o erro.

Contudo, percebo que pode haver também leveza no errar. Tanto que eu me divirto vendo os meninos que se jogam nas águas. Eles se molham, buscam a prancha e voltam a pular. Mergulham num mar tão duro, com ondas tão fortes, elas até deixam os meninos brincar, mas ameaçam. Mesmo distante sinto as gotas das ondas que expulsam e cospem meninos e meninas que ousam se molhar.

Me causa estranheza ver dois modos tão diferentes de agir, de sentir. O corpo que hesita, mas pula e brinca com as ondas e o corpo que avança em direção ao mar, mas corre ao menor sinal das ondas, que quando se molha a pele se torna arisca e afunda o pé como âncora com receio de seguir para onde a maré deseja o levar.

De fato, mesmo indo adiante de forma atarracada há coragem em ambas maneiras. Logo, percebo: Se molhar exige força para passar pela turbulência. Se molhar exige fôlego, para passar por debaixo da onda. Exige paciência para saber flutuar. Será que eu sei? Será que tenho o que preciso para estar nesse lugar-água? Será que consigo aprender?

Mesmo hesitante busco seguir. Busco coragem. E

---

42 O texto em questão passa pela necessidade de falar sobre o erro e o medo como parte do processo de mestrado, sobre o anseio de pesquisar, mas sobre diversos medos que surgem durante o processo de pesquisa, do mestrado e da escrita da dissertação.

nesse caminho-dissertação-feira venho aprendendo a carregar e viver verbos. A ação que os verbos guiam sempre estiveram presentes no caminho, mas desde de antes, elas já estavam no plano. Investigar, descobrir, expor, compreender. Todos verbos que indicam o desejo de mergulhar no local, no objeto de estudo, entre os sujeitos, num outro lugar, em uma outra história.

No momento, me cabe focar no meu próprio caminho, no meu próprio sentir, no meu perceber e é assim que incorporo novos verbos, verbos possíveis, eles não marcam a largada e o final, são verbos do presente. Errar, perder e parar. São verbos de percurso, eles não prometem um destino.

Erro. Erro porque tento. Erro porque ando. Erro porque percebo o lugar. Erro porque não sei e busco assim aprender para acertar. Me perco para me encontrar com novas possibilidades, novos horizontes. E paro, não por desistência, mas para refletir o caminho, aproveitar o percurso e aprender com ele, para reajustar com esse eu que vou descobrindo. Verbos que guiam como mapa, verbos que levo na bagagem.

Não só como bagagem, pois de certo modo me parece que o que se vive gruda ao corpo. Logo, ganho próteses, cascas, uma nova pele. Me torno um novo ser. Ao Viver e escrever sinto que incorporo movimentos, aprendo e vem a tona cada camada depositada sob minha pele original. O corpo que vive o percurso se transforma errante, vive a modificar-se, erra, acerta, ganha e perde.

Corpo-eu: Viver em um corpo, sonhar-lo

O corpo que faz prática
O corpo que se faz instrumento
O corpo ativo, atento
Sente, percebe e escreve.

Tenho um corpo. E o vejo pelo reflexo difuso entre as ondas. O vejo no espelho. Vejo sua sombra. O corpo-eu no mundo que vejo em partes pela transparência da água, tateio, sinto. O corpo-eu que aparece refletido no artifício do espelho. O corpo-eu que oposto ao sol, se constrói em forma de sombra.

O sal faz arder as feridas abertas, a água salgada dá à minha pele e cabelos uma textura diferente. O sol modifica a cor da minha pele. Parece que o corpo conta, narra a vida, pelo menos em partes.

Antes de perceber recortes da vida narrados no meu corpo já ouvira falar das mudanças corporais. O corpo anseia novos espaços, ele é um corpo líquido que se apodera, ganha estatura, largura, circunferência. Mas ao trazer bagagens, ao viver o mundo e aprender novas coisas eu redesenho meu corpo, engrosso o contorno, remodelo. Meu corpo não é puramente matéria, mas ele não o deixa de ser.

Diante da sua mutabilidade, penso no corpo utópico de Foucault, o corpo que se modifica e faz dele mesmo um fragmento do sonho, do imaginário, um risco de utopia sobre a pele. Foucault me ensina uma outra forma de ver o corpo, o corpo que em si é utopia.

Todos os corpos estão sobre uma geografia, em uma localização. Sozinhos são apenas pontos no mapa. São uma forma estática quando desenhado, localizado, mapeado. Mas de verdade, nunca para. É parte de um todo.

É o corpo que está no espaço, é o corpo que toca, é o corpo que sente odores, é a partir dele que se faz trocas, que respira, que aprende, que brinca e que se vive. Não é só meu corpo que está no espaço, mas ele também. Ele não pode ser excluído, nem tem pouco visto como único.

Pois isso penso no corpo utopia, num corpo que destrói a linguagem imposta, que compõem os lugares e não lugares. Ele é mais do que é visto e mesmo o que é visto pode ser mudado, ter escritos por cima, ser reescrito. O corpo no mundo é um corpo mutável.

Referências

ALMEIDA, Iria Rocha Cavalcante de. **Um espaço em transformação:** a relação espacial entre CEASA/AL, feira livre e Mercado da Produção, Maceió, Alagoas. Anais… In: Anais do II Colóquio [Inter]Nacional. São Paulo: FAU-USP, 2008.

NASCIMENTO, Bárbara Thomaz Lins do. **A imagem do Lugar e seus reflexos:** um estudo do bairro da Levada. s. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

BORGES, Jorge Luis. 1952. O idioma analítico de John Wilkins. In: **Outras Inquisições.** São Paulo: Companhia das letras, 2007.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória:** Ensaios De Psicologia Social.São Paulo: Atelie Editorial, 2003.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2017.

CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano:** Artes de fazer. 3ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CERQUEIRA, Louise Maria Martins. **Embaralhando a profusão:** feiras livres em Alagoas a partir de gestos e imagens. 2023. 430 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Tecnologia, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses.** Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**. Oeiras: Ed Celta, 1999.

FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado:** Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Blucher, 2007.224p.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**: Uma Arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Corpo Utópico, As Heterotopias.** São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **De outros Espaços**. 1986 (Traduzido a partir do inglês (com base no texto publicado em Diacritics; 16-1, Primavera de 1986) por Pedro Moura)

FREITAS, Alexandra Jane de Carvalho; SILVA, Luiz Gustavo Oliveira; NASCIMENTO, Vinicius Silva. **Mercado da Levada:** Tradição e Lugar de um Espaço Público Regenerado. Revista Impeto, Revista de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas - UFAL - ano 6, n. 5 (outubro de 2015), p. 30-34, Maceió, AL: FAU/UFAL, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2011.

HALL, Stuart. **Da Diáspora:** Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo:** Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas.** Arquitextos, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008 <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>.
JACQUES, Paola Berenstein. **A estética da ginga**. A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
JACQUES, Paola Berenstein. **Heterocronias urbanas e gestos aberrantes**. In: BRITTO, Fabiana Dultra e JACQUES, Paola Berenstein. Corpocidade: Gestos Urbanos, Salvador: Edufba, 2017.
JACQUES, Paola Berenstein, et al. **Laboratório urbano:** pequeno léxico teórico-metodológico - Salvador: Edufba, 2022.
LAPOUJADE, Davi. **Potências do tempo**. São Paulo: n-1 Edições, 2012.
Mercados do Brasil: de norte ao sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 215 p.
MACIEL, Maria Esther. A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
MACIEL, M. E. **Poéticas do inclassificável.** Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 154–162, 2007. DOI: 10.17851/2317-2096.15.1.154-162. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18130. Acesso em: 13 fev. 2023.
MOULIN, Gabriela, et all (ORG). **Habitar o Antropoceno** – Belo Horizonte: BDMG Cultural / Cosmópolis, 2022.
NASCIMENTO, Barbara Thomaz Lins do. **A imagem do lugar e seus reflexos:** Um estudo do bairro da Levada. 2008. 164 p. dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)- UFAL, Maceió, [não publicada]. Disponível em:<http://bdtd.fapeal.br/Titulos/15/a-imagem-do-lugar-e-seus-reflexos-um-estudo-do-bairro-da-levada>.
NORA, Pierre. **Entre história e memória:** a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p.7-28,1993.
OLIVEIRA, Camila Gonzaga de. **Caminhar, perceber, parar, experienciar:** as feiras dentro da Feira de Arapiraca - AL. 2023. dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)- UFAL, Maceió.
RAMOS, A. N. B.; BARBOSA, N. F. ; SILVA, H. H. N. **Memória, Gesto e Fazer:** Como Processo de Adaptação e Persistência da Feira da Levada. In: Coninter, 2019, Maceió. VIII CONINTER - Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, 2019.
RAMOS, A. N. B.; OLIVEIRA, Camila Gonzaga de. **A FORMAÇÃO DO ESPAÇO POPULAR**: REFLEXÕES SOBRE A CULTURA MATERIAL DOS ESPAÇOS POPULARES DE FEIRA. 2021. In: XVII Enecult - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, BA. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://

www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132285.pdf
RAMOS, Aline N B. **Vestígios gráficos:** fragmentos de letreiros manuais e do ofício do letrista da feira da Levada. AVIA! SEMANA DE DESIGN, 2019.
RAMOS, Aline N B. **Letras Provisórias:** A Paisagem Gráfica da Feira Popular da Levada, Maceió-AL. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso - UFAL, Maceió, [não publicada]. Disponível em:<https://drive.google.com/file/d/1EVWBA0MAA0Mff6l8G4iScx4xPskqDIfh/view?usp=drive_link>
SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado:** Fundamentos Técnicos e metodológicos da geografia. Hucitec. São Paulo, 1988.
SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo:** Globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.
SANTOS, Paulo Cesar de Holanda. **Na feira livre tem muito mais do que se vê e do que se ouve :** etnografia da feirinha do Jacintinho na cidade de Maceió-AL. 2014. 111 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.
Sennett, Richard. **O Artífice.** Rio de Janeiro: Record, 2015.
SERRES, Michel. **Os Cinco Sentidos:** Filosofia dos Corpos Misturados. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2001.
TAVARES,Gonçalo M. **Atlas do Corpo e da Imaginação:** teoria, Fragmentos e imagens. Porto Alegre: Dublinense, 2021.
TICIANELI, Edberto. **Mercado da Produção e o Complexo Comercial da Levada**. 2017. Disponível em: <http://www.historiadealagoas.com.br/mercado-da-producao-e-o-complexo-comercial-da-levada.html>.
TICIANELI, Edberto. **Levada de Maceió, o porto da cidade restinga**. 2017. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/levada-de-maceio-o-porto-da-cidade-restinga.html>.
TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2015.
VELLOSO, Rita. **O tempo da insurgência:** memória dos gestos e politica do espaço segundo Walter Benjamin. In: BRITTO, Fabiana Dultra e JACQUES, Paola Berenstein. **Corpocidade**: Gestos Urbanos, Salvador: Edufba, 2017.
WANDERLEY, Sidney. **A Feira**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2017.